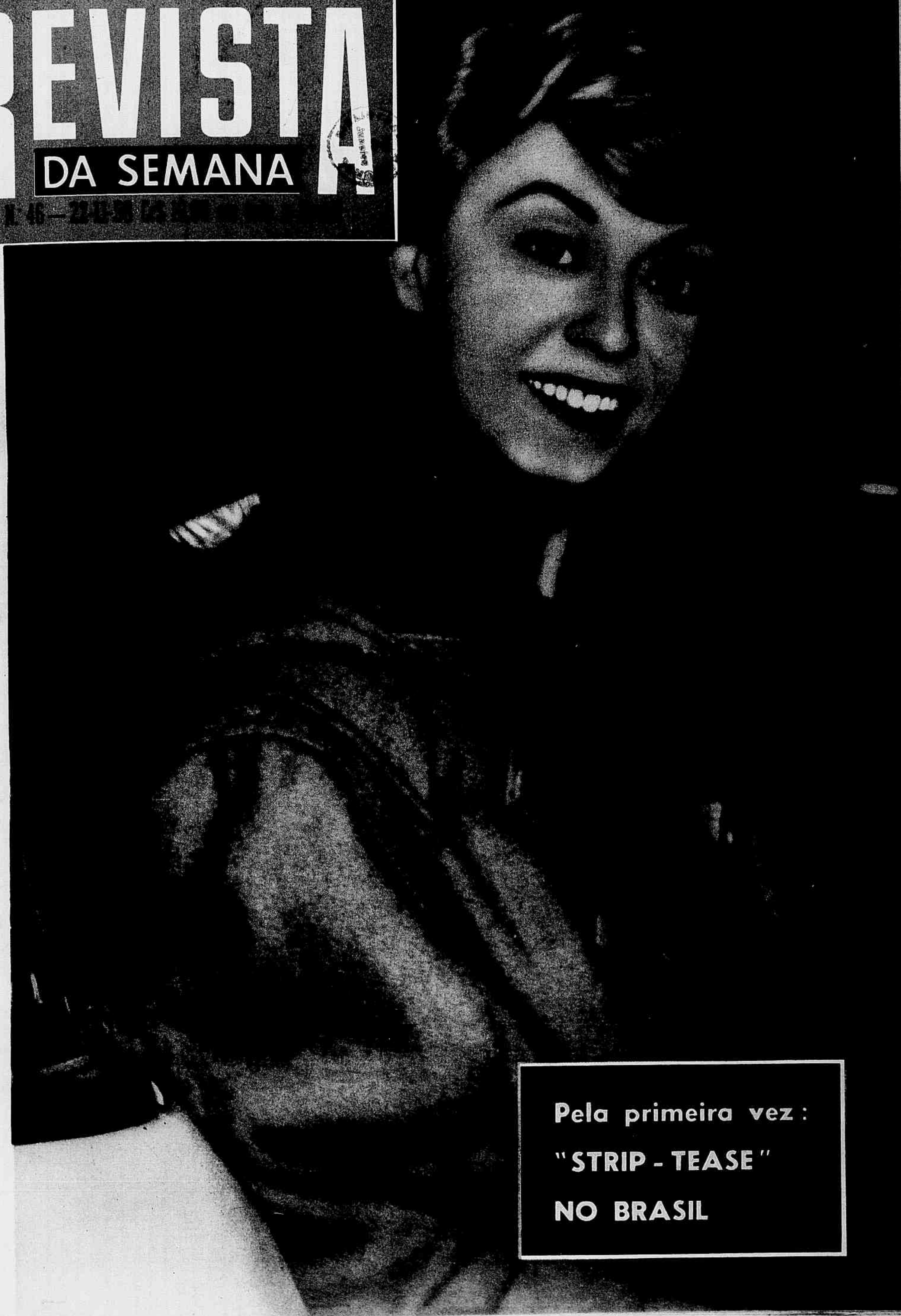


REVISTA

DA SEMANA

N. 46 - 22/11/88 - 14.900 exemplares

Giulietta Masina: - Não copio Chaplin. É um mestre, e além disso, inimitável.



Pela primeira vez :
"STRIP - TEASE"
NO BRASIL

VÔOS DIÁRIOS PARA O NORTE

em SUPER
CONSTELLATION DE LUXO
ou CONVAIR



Segundas e Quintas às 20:00 hs.	SUPER CONSTELLATION RIO - RECIFE - FORTALEZA
Terças e Sextas às 18:30 hs.	SUPER CONSTELLATION RIO - BELÉM
Segundas, Quartas e Sextas às 12:00 hs.	CONVAIR RIO - SALVADOR - ARACAJU
Terças e Sextas às 8:40 hs.	CONVAIR RIO - SALVADOR - MACEIÓ - RECIFE - JOÃO PESSOA - NATAL
Quartas às 8:40 hs.	CONVAIR RIO - SALVADOR - RECIFE - NATAL - FORTALEZA - SÃO LUIZ - BELÉM
Quintas às 14:00 hs.	CONVAIR RIO - SALVADOR
Sábados às 8:40 hs.	CONVAIR RIO - SALVADOR - RECIFE - FORTALEZA - SÃO LUIZ - BELÉM
Domingos às 8:40 hs.	CONVAIR RIO - SALVADOR - RECIFE - NATAL - FORTALEZA

VARIG prop

Serviço da mais alta classe * Almoço e jantar quentes a bordo



...e a
tradicional
cortezia

VARIG



REVISTA DA SEMANA

Ano 58 — Nº 46 — Rio, 22-11-1958

PROPRIEDADE DA COMPANHIA EDITORA AMERICANA

CAPA

Giulietta Masina (Foto Unitália)

REPORTAGENS

Carta aos brigadeiros desafiou Lott, bi-ministro	4
Vila da Barca a espera de um romancista	6
Giulietta Masina: Não copio Chaplin	12
A Biblioteca do Exército cresce e se moderniza	33
O médico português Souza Campos	38
No Rio, o espetáculo proibido: o strip-tease	54
A Fabulosa Fortuna do Chinês Lee Shing Dea	56
Macaíba: a cidade	60

SOCIAIS

As verdades de Mariuzinha Maranguape	11
Kaleidoscópio	48

CINEMA

No Rio, o diretor de «Guardas e Ladrões»	19
--	----

NOVELA

Os Galhos do Cedro	28
--------------------	----

MODAS

Novos Penteados	36
-----------------	----

CONTO

O Cometa	40
----------	----

A COMÉDIA HUMANA

A propósito de... Televisão	44
-----------------------------	----

POLÍTICA

Trapézio	51
----------	----

SEÇÕES

Palavras Cruzadas	18
Literatura e Arte	24
Humor (Zenon)	58
Puxe pelo Cérebro	59
A Semana também deixou estas lembranças	64

CRÔNICA

Também as estátuas não têm cabeça	28
-----------------------------------	----

Diretor-Presidente: Gratuliano Brito. — Rua Visconde de Maranguape nº 15, Rio. Endereço Telegráfico: «Revista». Telefones: Diretoria — 22-2822; Redação — 22-9570 e 22-4447; Publicidade e Contabilidade — 22-2550; Gerência — 22-8647; Oficinas — 22-1013; Portaria — 22-5602. — Assinatura anual — Cr\$ 500,00. Via aérea com acréscimo do porte. Assinatura anual para o exterior, Cr\$ 900,00. Número avulso, Cr\$ 10,00 — Distribuição para todo o Brasil: Fernando Chingaglia Distribuidora S. A. — Avenida Presidente Vargas nº 502 — 19º andar. Telefones: 43-6097 e 32-3575, Rio de Janeiro.

Houve a “semana do cinema italiano” e ela nos trouxe, em pessoa, Giulietta Masina, a grande atriz de “Na Estrada da Vida”. Foi grande sucesso no Rio, graças à sua simpatia. Hoje em nossa capa.



CONTATO

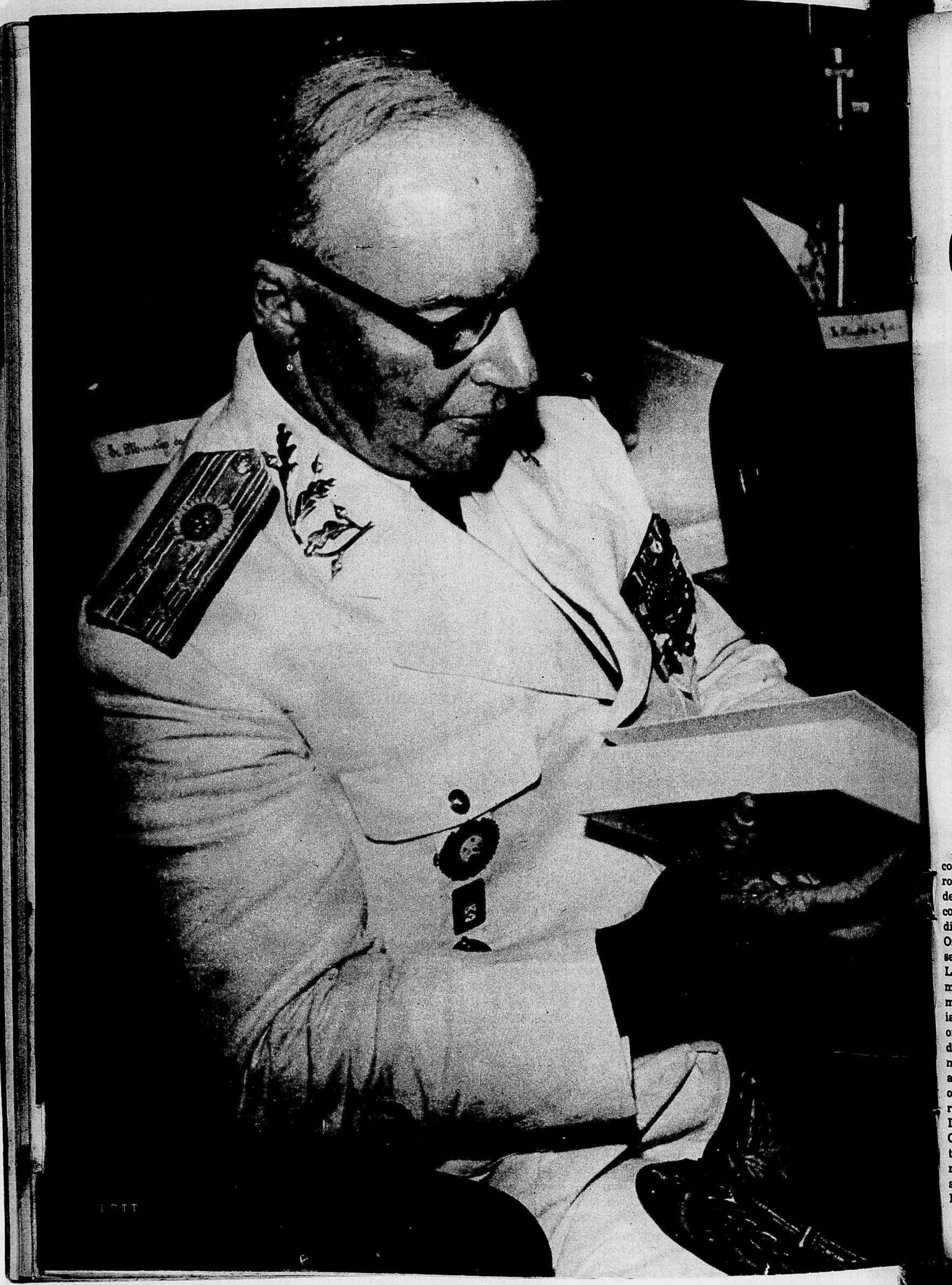
COM a crise da Aeronáutica (reportagem às págs. 4/5) — manifestada pela “Carta aos brigadeiros” e as prisões dos oficiais que a assinaram — o General Lott, Ministro interino da pasta, recebeu do titular, Brigadeiro Corrêa de Melo, no momento em Washington, uma prova de solidariedade. Dizia o Brigadeiro Melo: “Parece que há alguns oficiais que estão muito mal educados e talvez seja conveniente reiniciar a sua carreira militar, a fim de que aprendam um pouco de disciplina”. De qualquer modo, continua provado que a oficialidade brasileira se divide em duas facções: pró e contra Lott.

TENDO chegado ao Rio no dia 3, com uma comitiva de estrelas, atores e diretores para a estréia de seu filme “Noites de Cabiria” (dirigido por seu marido Fellini, que não pôde vir), Giulietta Masina, a admirável Gelsomina de “La Strada”, foi, realmente o nome da semana. Gentil, inteligente, acessível, fez aumentar ainda mais o número já imenso dos fãs cariocas, que passaram a acrescentar, à admiração pela atriz, a simpatia pela mulher. Delicada, a própria personificação da amabilidade, submeteu-se Giulietta, de boa vontade, à curiosidade dos fãs que a cercaram, nos coquetéis e demais homenagens prestadas nos quatro dias passados entre nós.

EMBORA um espetáculo por demais conhecido lá fora, e bastante divulgado em todo o mundo pelo cinema e publicações especializadas, não temos notícia de que o “strip-tease” já tivesse sido apresentado entre nós — pelo menos nos últimos anos. Entretanto, a lacuna foi agora preenchida pelo “Pigalle”, mandando buscar, em Paris, uma mestra nesse gênero de espetáculos, para enriquecer o seu atual show. É ela Denise Duprée, argentina de nascimento e francesa de formação, e que tem se desincumbido bem a contento da delicada tarefa de se despir brejeiramente num palco, sob focos de luz, ao ritmo de um blue sin copado e malicioso.

A revista apresenta 4 fases do número de D.D. — não tantos, evidentemente, quanto gostaríamos de mostrar, mas, enfim, o suficiente para dar água na boca dos marmanjos, e obrigá-los a uma voltinha no “Pigalle”, às três da madrugada.

DO Pará, onde esteve há pouco, traz-nos Eneida uma bela reportagem: Vila da Barca à espera de seu romancista. Trata-se da história curiosa e lírica de um bairro que nasceu e cresceu da carcaça de uma embarcação, encalhada numa praia de Belém. A princípio, os pobres das imediações foram morar no interior da grande barca abandonada. Com o tempo, uma pequena população já lá estava residindo, ultrapassando os limites do navio, fazendo dos apetrechos e madeirames de bordo material para tetos improvisados. Com o correr dos anos, o local se transformou numa pequena cidade, feita da maneira mais rudimentar e mais estapafúrdia — como verão os leitores, na reportagem da pág. 6.



CERCA DE 300 OFICIAIS PRESOS :

CARTA AOS BRIGADEIROS DESAFIOU A LOTT BI-MINISTRO



CORRÊA DE MELO

A NOVELA NÃO é longa. O principal protagonista é muito conhecido — o Ministro da Guerra e (temporariamente) da Aeronáutica também. Tudo aconteceu porque o Brigadeiro Corrêa de Melo programou uma viagemzinha aos Estados Unidos. Em consequência, o General Lott assumiu a pasta da Aviação. No dia da posse, desenrolou-se o primeiro capítulo da chamada "crise". Onze brigadeiros ficaram em casa, indiferentes à convocação de seus superiores. Entusiasmaram-se os coronéis e majores anti-Lott e 24 horas depois iniciaram uma lista que adquiriu rapidamente celebridade: a carta aos brigadeiros. De saída colheram mais de 50 assinaturas. Não é preciso dizer que, à medida que iam se inscrevendo, em apoio aos onze faltosos da véspera, os oficiais insubmissos iam sendo convidados a se retirarem para determinadas dependências dos quartéis. Prisão, diziam os jornais. A novela poderia ter acabado aí. Não havia nada mais a acontecer. Mas, eis que passa um dia e chega a formatura dos oficiais da ECEMAR. São programadas as festividades, comparecem o Presidente da República e — naturalmente — o Ministro Lott. Novos "forfaits" de aeronautas — 19, desta vez. Mal estar. Constrangimento. O Hino do Aviador, que, como de praxe, é tocado nesta ocasião, não foi ouvido, a despeito da demorada e respeitosa postura com que o aguardaram as autoridades presentes por minutos a fio. Alguém cortara os fios do alto-falante. Era a revolta. Revolta mínima, de bôlso, mas revolta. O Bri-

gadeiro Corrêa de Melo, em Washington, soube dos incidentes e de lá mesmo passou um pito nos insubordinados: "Parece que há alguns oficiais que estão muito mal educados e talvez seja conveniente reiniciar sua carreira militar a fim de que aprendam um pouco de disciplina". Dito isto, o Brigadeiro Corrêa de Melo resolveu fazer ponto final na sua viagem pelos Estados Unidos e antecipou sua volta ao Brasil. A estas alturas dos acontecimentos, o total de prisões efetuadas durante a semana, assum se distribui: treze coronéis, quarenta e três tenentes-coronéis, quarenta e nove majores, noventa capitães, cem tenentes: duzentos e cinquenta oficiais. Nomes dos coronéis assinantes da carta são os seguintes: Raimundo Pires, Itamar Rocha, Joleo da Veiga Cabral, Pedro Ribeiro de Freitas.

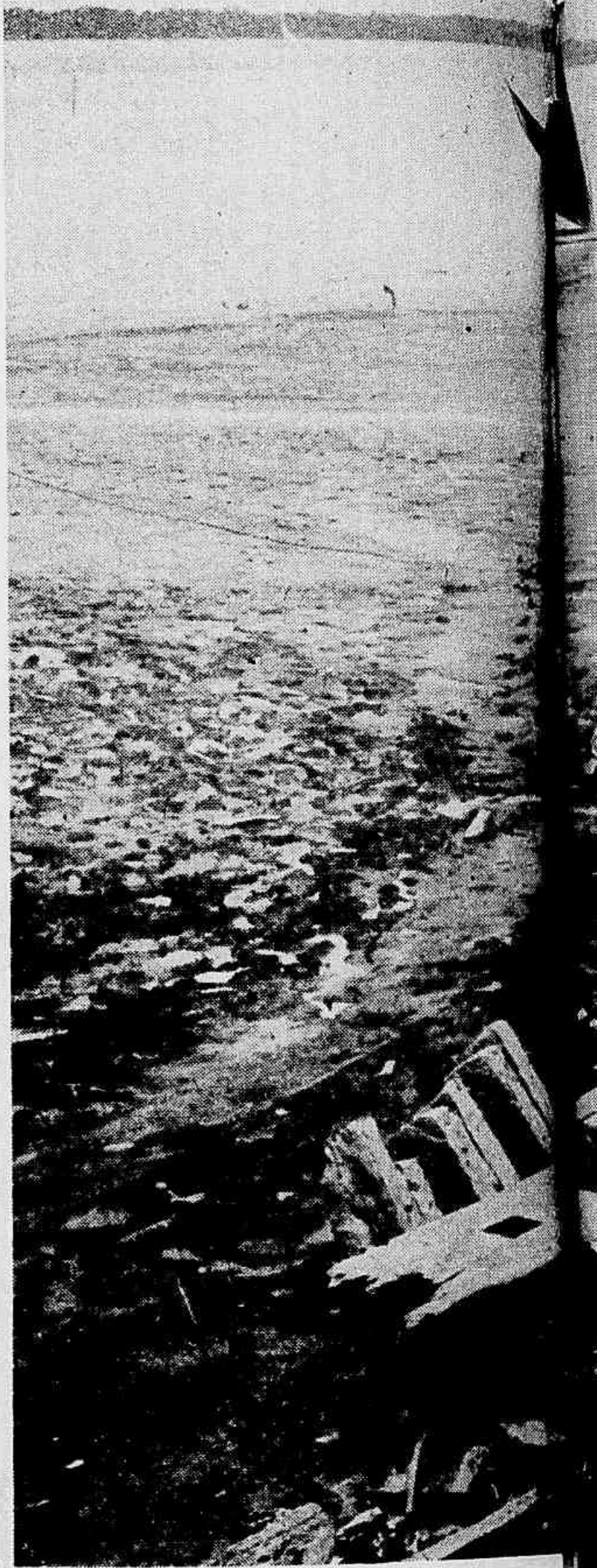
Um dos últimos personagens da história foi o deputado Jonas Bahiense, cuja indignação contra a "Carta dos brigadeiros" subiu ao ponto de bradar pela extinção da FAB. Seus discursos originaram a existência de uma outra carta. Mas esta não aberta — fechada e pessoal: do General Lott ao deputado. Pelo que se sabe, a carta pondera ao sr. Jonas Bahiense que a FAB não pode ser tomada por uns quantos oficiais indisciplinados. Mas onde se vê que o general também faz sua literatura. Os ânimos agora parecem serenados. Informa-se do Ministério que não há prontidão na Aeronáutica. Tudo em paz, novamente.

QUANDO SE ANDA por este Brasil a fora é que se vê como as cidades brasileiras estão perdendo suas características próprias. Nenhuma lei — que eu saiba — existe para obrigá-las a manter as linhas de um passado tão cheio de estórias para contar. Não que eu seja contra o progresso, a natural evolução e conseqüente modernização das cidades; oh, não! Mas jamais poderei compreender a invasão de arranha-céus, bangalôs, etc. nas capitais de Estados brasileiros, fazendo com que no final das contas tôdas se copiem, se assemelhem, não sendo em absoluto respeitados problemas de área ou de clima. A moda é crescer verticalmente? Então construamos arranha-céus, mesmo quando a cidade é imensa e gorda e mais natural seria que crescesse horizontalmente, como acontece com aquela cidade onde nasci e que ostenta um nome tão belo: Santa Maria de Belém do Grão Pará.

Antes devo dizer que considero Salvador da Bahia, São Luís, do Maranhão, Belém do Pará e Manaus do Amazonas as únicas cidades típicas até hoje neste Brasil. Não incluo Recife de Pernambuco nesta região porque, se ela continua falando nas lutas do passado, na invasão holandesa, em Felipe Camarão, é porque o Capibaribe, mesmo cercado de arranha-céus, casas lembrando "cottages" ingleses ou bangalôs ianques, jamais permitirá "despersonalização" de Recife, tanto continua marcando a cidade com o seu doce caminhar.

Volto agora de Belém do Pará que encontrei subindo para o alto. Um prédio de vinte e seis andares, outro de dezesseis, al-

Ao fundo, confundindo-se com a lama e os detritos das marés, o que resta da velha carcaça. Dela nasceu uma vila inteira.



Parece incrível que os moradores da Vila

VILA DA BAR



a Vila
da Barca possam andar, tão ágeis e rápidos, sôbre as pontes de madeira podre.

BARCA A ESPERA DE UM ROMANCISTA

Reportagem de ENEIDA — Fotos de MARCEL GAUTHEROT

guns de doze ou mais. Há necessidade disso? Por que não construir na imensa área do município de Belém (setecentos e dezanove quilômetros quadrados!) novos bairros? Há bairros e bairros que só agora vão sendo saneados e perdendo o triste tom de mocambos ou favelas. Por que naquela vastíssima área crescer para os céus? Por que construir casas baixas, envidraçadas, belas sim, mas em desacôrdo com as condições climatológicas da cidade vizinha do Equador? Um dia — tenho a certeza — vai aparecer um urbanista em Belém que liquidará a Praça do Relógio. E essa praça, vizinha do Ver-o-Pêso, é um trecho vivo e belo do Pará colônia, com suas gordas casas assobradadas, suas janelas salientes com grades de ferro, seus azulejos, amarelos, verdes, que sob o sol parecem contar extraordinárias estórias.

BELÉM PROGRIDE

Belém progride; encontrei-a agora mais limpa, mais cuidada. O problema não é de governos mas de condições surgidas nestes últimos tempos. Há o Plano de Valorização, há o Banco de Crédito da Amazônia, há a Caixa Econômica auxiliando construções e comércio e há — hélas! — contrabando, muito contrabando. Mas o progresso de Belém está visível não apenas nos prédios que

nascem, no movimento das ruas, nas atividades do comércio, como nos intelectuais que trabalham e produzem, nos jornais que circulam com ótimos suplementos dominicais, no Museu Goeldi, hoje entregue a uma equipe de técnicos, nas estradas de rodagem que estão sendo abertas, na agitação construtiva que se sente em todos os aspectos da vida paraense.

Mas é preciso escolher, naquela cidade tão bela e tão amada por êste e outros corações (não é, Dalcídio Jurandir?) um trecho para apresentar aqui hoje aos leitores e o farei contando a estória de um bairro chamado "Vila da Barca", dentro de Belém, verdadeira cidade de palafita. Conta assim Bruno de Menezes também chamado "O pagé" em seu livro "Batuque": "Quando se viajava no bonde do Curro até o fim da linha e descia-se a rua de Belém rumo ao Cortume Americano, ia-se encontrar, como ainda hoje, vários becos que levam a um labirinto de caminhos sobre estivas. Ao fundo, confundindo-se com a lama e os detritos das marés, destacava-se o vulto negro da carcassa de uma barca, esboroando-se ao tempo. Ignora-se ao que parece, quando ali fôra ela encalhada. Conta-se, todavia, que a firma Manuel Pedro, empreiteira de obras civis, há anos desaparecida, construíra essa embarcação para transportar madeiras e trazer, sobretudo de Portugal, carga e trabalhadores. As gerações de meio-século a



História de um Bairro Palafita, que nasceu de um navio abandonado

Vila da Barca: quando um estudioso local se dedicará a buscar, nos velhos jornais, sua verdadeira história?

esta data, creio nada saberem sobre as causas determinantes do abandono da famosa veleira que, enquanto em bom estado, serviu de morada a gente sem domicílio certo. Depois, como fôsem chegando novos moradores, os mais expeditos utilizaram o madeiramento da barca e, nos lugares menos alagadiços da várzea levantaram casebres palafitários. Daí nasceu a "Vila da Barca", plantada em terreno de Marinha, do domínio da União.

A HISTÓRIA DA VILA DA BARCA

Assim conta Bruno de Menezes, poeta paraense, caboclo de cabeça branca e riso alegre, homem que menino começou a cantar a sua cidade de Santa Maria de Belém do Pará e nela continua envelhecendo com os mesmos cânticos e a mesma vibração poética. Em versos canta Bruno a "Vila"; conta que quando era apenas uma barca pousada num barranco e em seus camarotes viviam famílias, e nas noites de lugar amazônico era muito comum ali os bailes de sanfona com "dançantes suarentos" e "ao som do violão e de sambas de morros se faziam boas serenatas".

Tentei realizar um levantamento da história da Vila da Barca; mas é um trabalho a ser realizado por alguém que more em Belém, que possa dar horas e horas à pesquisas na Biblioteca municipal ou ouvindo alguns dos tripulantes da Barca que muito velhinhos hoje, estou certa, gostarão de contar suas proezas. Consegui apenas saber que ela foi armada com três mastros latinos e velames e que chegou a realizar algumas viagens de Belém a Lisboa. (— Trouxe muitos artistas e companhias para cá, informou-me alguém). Mas, apesar de seu tamanho, de seu tipo "lugar", declara o comandante Manuel Espírito Santo, velho marinheiro hoje aposentado, presidente da Colônia de Pescadores Z-29, que fez parte de sua guarnição na primeira viagem:

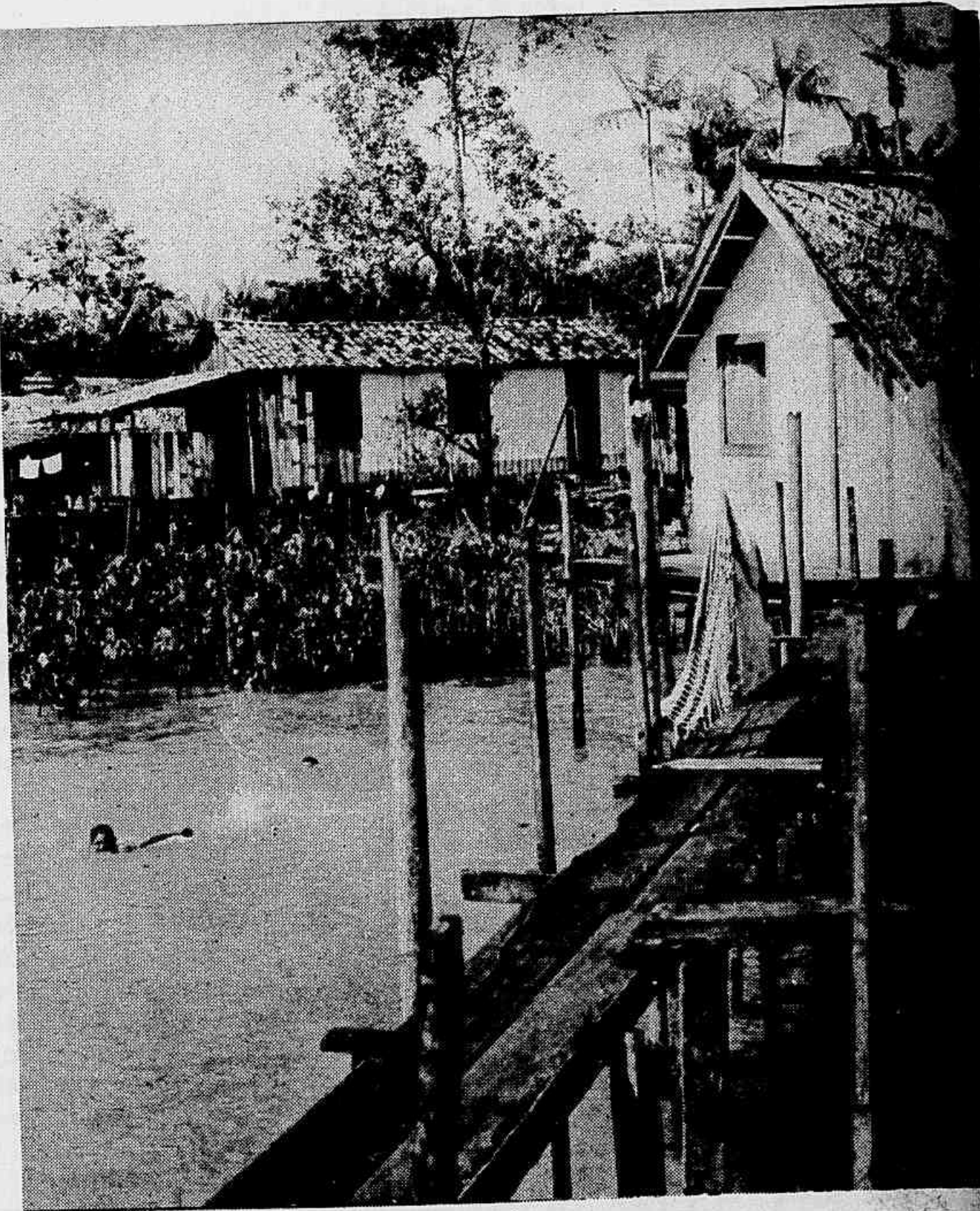
— Era um belo navio, confortável e bem aparelhado mas com um erro de construção: fazia muita água pela tábua de resbordo. Foi justamente esse erro que encalhou-a no tijuci, para sempre.

No começo, a barca abandonada serviu de moradia a dezenas de famílias pobres; depois aos poucos, os novos moradores foram dela arrancando madeira para a construção de casas, surgiram aos poucos moradias plantadas em paus acima do rio. Mais e mais casas nasceram até chegar ao que estão hoje: um bairro cujas ruas são pontes, subúrbio que vive do rio: quando ele enche, nas ruas navegam canoas, crianças nadam, há pescarias. Quando o rio vasa, então sobre as aningas, roupas lavadas na enchente são postas a secar. Na vasante, o chão é de lama e parece incrível que os moradores da Vila possam andar assim, tão ágeis e tão rápidos, sobre aquelas pontes de madeira podre. Olhar para baixo na vasante é encontrar na lama, detritos, cadáveres de peixes, tampas de garrafas. Mas o rio enche e então que alegria para a Vila da Barca.

A ESPERA DO ROMANCISTA

A Vila da Barca: quando um romancista paraense vai apresentá-la num romance? Quando um estudioso local se dedicará a buscar, nos velhos jornais, sua história verdadeira? A firma que a construiu e que durante muitos e muitos anos explorou as madeiras paraenses, faliu um dia e creio que essa razão do abandono em que ficou. Os sem teto e sem dinheiro aproveitaram-na para agasalhar seus corpos e em torno dela fizeram nascer aquele bairro. Encontrei-a o ano passado, com seu mundo de problemas, suas crianças de barriga grande, homens e mulheres trabalhando jarina, fazendo botões, fichas, etc. No dia em que lá estive, no meio daquela miséria ambiente tanta lama e nenhuma desolação, uma porta se abriu e dela saiu leve, graciosa com seu vestido estampado, de sombrinha aberta, uma mocinha. Onde iria? Desceu as pontes que são ruas, serena como se pisasse o asfalto. Onde iria?

Voltei agora à Vila da Barca. Encontrei-a muito melhorada: entre os casebres de palha há casas com telhas francesas, rádios, luz elétrica. O Serviço Nacional da Malária já começou seu saneamento. Apenas continuam as pontes servindo de ruas, o rio enchendo e vazando. Aquela "Vila" que já tem o seu poeta — Bruno de Menezes — está a espera de seu romancista, e, enquanto isso, apresentando diferentes aspectos, conforme os desejos e as ordens do rio.



Quando o rio enche, nas ruas navegam canoas, crianças nadam, há pescarias. Quando vasa, roupas lavadas são postas a secar.

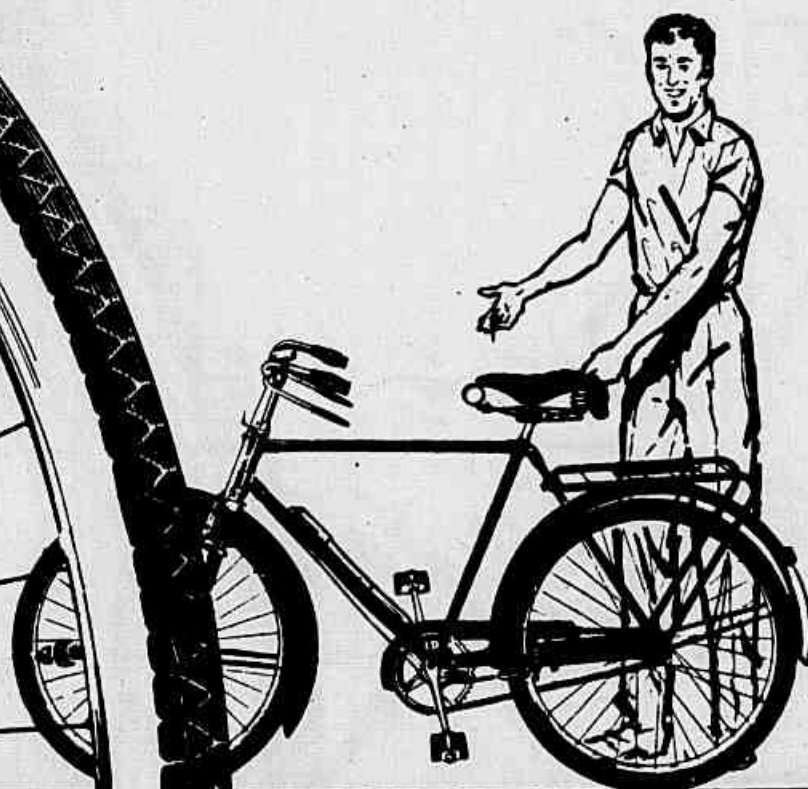




GANHE com **GULLIVER**

- a campeã da estrada

o prêmio máximo: QUALIDADE



*Perfeição nos
mínimos detalhes!*

- Quadro garantido por 20 anos.
- Pintura permanente em várias cores.
- Cromagem.
- Equipada com bolsa de ferramentas, bomba, campainha, cobre-corrente e porta-bagagem.
- Resistente, leve, elegante, suporta 10 vezes seu próprio peso.
- Peças sobressalentes, Standard

GRANDE VARIEDADE
DE MODELOS A SUA
ESCOLHA
PROCURE O REVENDEDOR
GULLIVER MAIS PRÓXIMO

Norton - 31.006



UM PRODUTO DAS
INDÚSTRIAS DE BICICLETAS E MOTOCICLETAS **GULLIVER S. A.**

Associada a B. Hetzog, Comércio e Indústria S.A.

Fábrica: Rua Carlos Seidl, 345 - Caixa Postal 908 - Rio de Janeiro
Filial: Av. Rio Branco, 436/440 - São Paulo

A EMBAIXATRIZ Maria Martins é pistolão — e pistolão valioso — para o Papa João XXIII. Como a embaixatriz também goza das boas graças de Mao-Tse-tung, estamos diante de um pistolão para dois papas: o do Vaticano, pastor espiritual do mundo ocidental, e o de Pequim, pastor político do mundo oriental. Em tempo: o nosso amigo Di Cavalcanti também é um subpistolão para João XXIII. Para o Mao, entretanto, não apita coisa alguma.

OS BRASILEORQUINOS (brasileiros de Nova Iorque) estão de parabéns com a eleição de Nelson Rockefeller para o governo do estado. Agora temos dois faixas de manda-chuva: na cidade, o prefeito Bob Wagner, e no estado o amigo Nelson.

O PITTIGLIANI FÁ-CLUBE (cada vez maior) abriu suas baterias contra o Gin Gordon desde que o Alberto incorporou ao seu patrimônio interesses na Seager's. Na piscina do Copa cada pedida do FÁ-Clube parece até um jingle de televisão.

COM O PÊSO BAIXANDO reiniciou-se a corrida a Buenos Aires, a fim de comprar saldos de inverno, a meia pataca, que serão lançados nas boutiques e boutiquinhas, o ano próximo, a bom dinheiro, se Deus quiser ajudar um pouquinho o comércio clandestino e mandar o friozinho que este ano primou pela ausência. A oportunidade é única, mesmo porque a sopa não irá durar muito: com os 800 milhões de dólares do empréstimo petrolífero o pêso deverá sair rapidamente da maré baixa em que encahou...

CAUSOU UMA CUMIEIRA danada o fato do embaixador Arie Aroch, de Israel, haver usado da palavra em nome do corpo diplomático na cerimônia de replantio das árvores de uma rua suburbana. O C.D. subiu a serra em nome do respeitável protocolo. Em matéria de árvore, porém, Israel possui precedência absoluta, desde que batizou um bosque com o nome de Juscelino Kubitschek.

DISFARÇADO de João Grande o menino Joãozinho Vogt é o novo romancista de caça submarina a serviço do "Correio da Manhã". O titular do pseudônimo, Antar Padilha, entrou em licença por tempo indeterminado. Dizia que a coluna estava lhe tirando a pontaria. De tanto catar milho na máquina de escrever principiara a gaguejar no gatilho...

É NAS SAÍDAS de um iate que certa amiga minha costuma aferir os \$\$\$ dos nossos miliardários. Prevalecendo o critério, está nadando em ouro o senhor Galdeano, cujo aerodinâmico brigue, mesmo na sua ausência, serve dominicalmente nas águas da Guanabara a pessoas de suas relações.

PARECE MENTIRA, mas o caso aconteceu e quem o narrou — sem dar nome

aos bois — foi o próprio banqueiro, protagonista do episódio. O homem é dono de um banco, nem muito grande nem muito pequeno, nem muito forte nem muito fraco, o qual, de uma hora para a outra, se viu alvo de toda uma série de boatos, fruto da época de anemia bancária em que vivemos. Pois bem: dois cavalheiros, que após muita lágrima vertida haviam levantado empréstimos no valor de 500 mil cruzeiros, tiraram o dinheiro cornedo do banco e o depositaram num concorrente da esquina, tão logo souberam dos referidos boatos. Não se deram ao trabalho nem de disfarçar e caminhar mais uma quadra. Éta gente mal agradecida!

VAI DEITAR FALAÇÃO o Bentinho Ribeiro Dantas, eleito orador da turma que se diploma este ano pela Escola Superior de Guerra. (Depois de diplomado o Bentinho será automaticamente promovido ao posto de Brigadeiro Bento...).

COMO BOA BOTAFOGUENSE estou desconfiada que andou dedo rubronegro naquela cassação de fiança do João Saldanha, em semana de jogo contra o Flamengo. E ainda dizem que o nosso Botafoguinho é o clube dos desembargadores!

LUCAS, MEU VELHO, para que foi você mexer com o imposto de renda? Depois dessa mancada, trate primeiro de estabilizar a sua posição ministerial e depois, então, pensar na estabilização econômica do Brasil. Ministro que mexe com este imposto vira logo candidato a João Paulino.

FICOU DOIDINHO pela tenista Karol Fageros um dos melhores partidos de São Paulo. Durante todas as partidas de tênis o rapaz estava de pescoço duro, olhar prêso nas pernecas da moça. Foi a primeira cabeça a não se mexer em jogo de tênis; desde que Mariazinha frequenta as quadras do Rio e São Paulo.

UM MUNDO DE GENTE, do Gávea ao Country, passando pela fila dos consumidores de seus sorvetes e sanduíches, ficou torcendo que Bob Falkenburg saísse bem daquela capotagem matreira que por um triz não o liquidou na Lagoa Rodrigo de Freitas. O mesmo mundo de gente recomenda ao Bob que abandone o volante e fique no four de hobbies que ele com tanto sucesso cultiva: pif, golfe, tênis e sorvete.

ASSISTI A UM debate curiosíssimo entre senhoras cinquentonas. Todas, em solteiras, haviam sido cortejadas por certo Dorian Gray, que apesar de casado e avô continua atropelando os brotos da cidade. As senhoras explicam os últimos sucessos do bilontra pelo seu conservadorismo donjuanesco. Não mudou um só gesto ou uma só palavra de sua técnica dos twenties. Com a volta da linha saco e trapézio a coisa funcionou admiravelmente. Estava faltando ao homem, côr local...



Para se ser um grande ator as escolas não adiantam muito. O talento nasce com a pessoa. — Se gostaria de trabalhar em Holly-
w

GIULIETTA MASINA:

- NÃO COPIO CHAPLIN. É UM M



wood? Naturalmente. Em Hollywood, na França, no Brasil. Dependeria apenas dos papéis que me dessem. Os países, todos são bons.

M MESTRE, E ALÉM DISSO, INIMITÁVEL

Fotos de ALBERTO FERREIRA





TRÊS ESTRELAS ITALIANAS desceram no Rio há uma semana. Na frente, Giulietta Masina. As duas outras, pouco conhecidas: Lea Massari e Franca Bettoja. A primeira quase não se exibiu em público, porque, segundo se diz, foi a um cabeleireiro, um dia após a chegada, e voltou com uma crise de nervos de que não se recuperou a tempo de comparecer ao coquetel oferecido pela Unitalia. Lea não se exibiu em público, mas foi vista na tela, em "No Limiar da Realidade". Quanto a Franca Bettoja, a mais simpática do trio, foi vista em diversas ocasiões, porém continua inédita artisticamente: nenhum dos sete filmes da "Semana do Cinema Italiano" tinha um papel para ela.

Acompanhando as estrelas, vieram também dois atores — Renato Salvatore e Antônio de Teffé — e o diretor Mario Monicelli ("Guardas e Ladrões", "Pais e Filhos" e, no Festival, com um filme: "Os Habituais Desconhecidos"). Também pouco conhecidos, os dois atores. Um deles (Teffé), aliás, é brasileiro, mas gosta de dizer que nasceu em Roma e que, de toda sua vida, apenas dois anos foram passados no Brasil. O que é fácil notar pelo seu sotaque.

A delegação compareceu a uma entrevista coletiva à imprensa, na ABI (onde foi apresentada por um representante da Associação Brasileira de Cronistas Cinematográficos, o crítico Geraldo de Queiroz ("Jornal do Brasil"). Todos, menos Lea Massari, desfilaram também no coquetel do Hotel Glória. E, menos Giulietta, compareceram ainda à recepção em que o Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro homenageou a atriz brasileira Maria Della Costa.

GIULIETTA SEM FEDERICO

A Masina veio só. A última hora, o diretor Federico Fellini, seu marido, teve de assumir imediatamente os trabalhos prepa-

ratórios de seu próximo filme. A viagem foi cancelada. E Giulietta apresentou as desculpas de seu marido, falando ainda, em várias oportunidades, em nome de seus companheiros quase sempre silenciosos. É a estrela e a oradora do elenco — a mais aplaudida e, embora também seja a menos bonita, a que todos querem ver.

Ao ser perguntada acerca da influência de Chaplin em seu estilo de interpretação, disse a atriz: "Não copio Chaplin, que é um mestre e, além disso, inimitável. Admito, entretanto, que, por uma graça do destino algo talvez me faça parecer com ele."

Acêrca de seus filmes, a Masina considera "La Strada" (Na Estrada da Vida) o maior, ao mesmo tempo em que diz ser o de "Noites de Cabiria" o melhor, também porque o mais extenso, papel de sua ainda curta carreira. Gosta, igualmente, de seu filme mais recente, "Fortunella", em que, pela primeira vez nos últimos cinco anos, não teve Fellini por diretor. Afirma, a propósito de "La Strada", nunca se ter convencido do êxito do filme, até a estréia em Londres, quando o público aplaudiu entusiasticamente e os críticos gastaram todos os elogios com sua atuação, a de seus companheiros e a direção. Na Itália, o lançamento de "La Strada" dividiu a crítica em dois grupos, um deles acusando Fellini de traição ao neo-realismo.

Nesse ponto, Giulietta diz que nem Fellini, nem Rossellini (grande amigo de seu marido e, de certa forma, o orientador da carreira do diretor de "Noites de Cabiria"), podem ser colocados acima ou de fora do movimento neo-realista italiano. Pelo menos não devem ser considerados "super-neo-realistas" (como ela diz) — mas são os diretores que a atriz, evidentemente, admira mais. Não se cansa, aliás, de falar sobre Fellini: "Infelizmente, pelo menos desta vez, Federico não pôde conhecer o Brasil, que todos nós, italianos, amamos tanto".

Oscarito, Sônia Mamede, Jardel Filho, Patrícia Lacerda, Renata Fronzi (foto) formaram na quilométrica fila indiana que aguardou a vez de cumprimentar Masina. Muitos sorrisos.



Renato Salvatore formou com o semi-brasileiro Antônio de Teffé a dupla de galãs da comitiva italiana. Assinaram poucos autógrafos.

Logo ao desembarcar, Giulietta teve uma surpresa: abraçou-a uma prima que não via há 30 anos, Isabella Masina Bologna, que emigrou para o Brasil em 1928 juntamente com a mãe, que é uma das irmãs do pai da heroína de "La Strada". A surpresa foi repartida por todos os presentes.

Revelou a Masina que está estudando arquitetura com a intenção de formar-se nesta carreira. Mas não abandonará o cinema, pelo menos enquanto houver um papel para ela. "Aliás, o meu papel favorito é sempre o próximo, qualquer que seja ele" — disse, em certa altura, como se fôsse, em vez de italiana, uma estrela de Hollywood.

Giulietta Masina procura ser sempre gentil e simpática — mas se cansa à-toa. Não tem a energia de, por exemplo, uma Silvana Pampanini, nem o mesmo temperamento dessa bonita atriz. Ainda assim, brilha sempre em contato com o público, que não esquece a sua Gelsomina, mas que nota, por vezes, a falta de Fellini na direção de todas essas coisas.

Franca Bettoja, brôto que é uma simpatia, não teve filmes no festival. Seu último trabalho foi na França ("A Insaciável").

GIULIETTA MASINA NO RIO



ATENÇÃO, GAROTADA:

ESCREVA UMA CARTA A PAPAI NOEL

E GANHE O SEU PRESENTE DE NATAL

REPETIMOS, HOJE, as bases da sensacional competição entre a garotada brasileira, lançada em nosso número 43.

SE VOCÊ AINDA NÃO TEM 14 ANOS, PODERÁ ESCREVER SUA CARTA A PAPAI NOEL E GANHAR UM PRESENTE ESPETACULAR, COMO BICICLETA, CINEMINHA, COLEÇÃO DE LIVROS INFANTIS E JUVENIS, BONECA, LAMBRE-TINHA, BOLAS DE FUTEBOL, PATIM, JOGO DE ARMAR.

VOCÊ PODE MANDAR SUA CARTA DE ONDE QUER QUE ESTEJA — NO DISTRITO FEDERAL, EM S. PAULO, NO CEARÁ, NO AMAZONAS — DE QUALQUER CIDADE, DE QUALQUER ESTADO DO BRASIL.

BASES DA "CAIXA POSTAL":

- 1 — Escreva uma carta a Papai Noel.
- 2 — Diga, nela, o que você deseja receber no Natal, explicando a razão da escolha.
- 3 — Escreva a sua carta, de próprio punho, a lápis ou a tinta, do tamanho que quiser.
- 4 — Preencha — ou mande alguém preencher — o cupom que se encontra ao canto da página, escrevendo nele o seu nome, a idade, o colégio onde estuda, a rua e a cidade onde mora.
- 5 — Peça a seu pai, sua mãe, sua irmã ou irmão mais velho, ou sua professora para remeter a carta juntamente com o cupom, em envelope fechado, à redação da REVISTA DA SEMANA.
- 6 — Escreva, ou mande alguém escrever no envelope: "Sr. Papai Noel. Aos Cuidados da REVISTA DA SEMANA. Rua Visconde de Maranguape, 15, 1º andar, Rio de Janeiro.
- 7 — Aguarde as vésperas do Natal, para receber seu presente. Se sua carta for boa, mesmo, você ganhará um presente cem por cento!
- 8 — Além do presente, publicaremos a sua carta na REVISTA, ao lado de sua fotografia.



OBSERVAÇÃO AOS PAIS:

- 1 — As cartas serão lidas por uma comissão formada de um professor, um escritor e um redator da REVISTA DA SEMANA.
- 2 — Os presentes serão distribuídos entre os autores das melhores cartas, levando-se em consideração a idade do concorrente, havendo prêmio para cada uma das 5 séries primárias.
- 3 — As crianças do Distrito Federal receberão seu presente em fins de dezembro, em dia e local a ser anunciado por estas páginas. As crianças dos Estados receberão nas próprias residências.
- 4 — No próximo número já podemos iniciar a relação dos presentes que seu filho poderá ganhar de Papai Noel — um presente de acordo com a idade. Destaque desde já o cupom que se encontra ao canto da página. Ele será responsável por um maravilhoso natal de seu filho.

Destaque este cupom, preencha-o e remeta-o à REVISTA DA SEMANA, junto com sua carta.

«CAIXA POSTAL» REVISTA DA SEMANA

CARTA A PAPAI NOEL

Nome

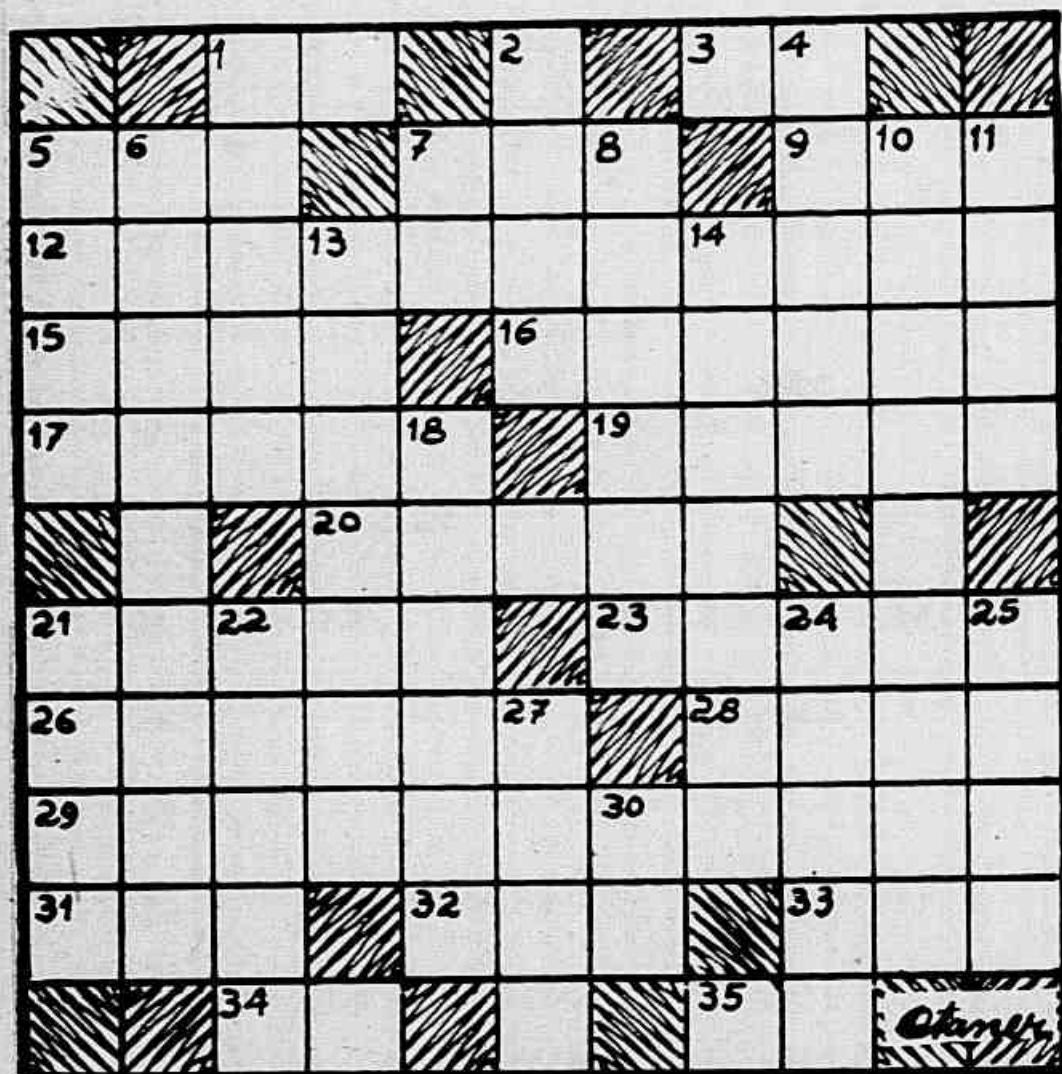
Idade Colégio

Série que frequenta

Residência

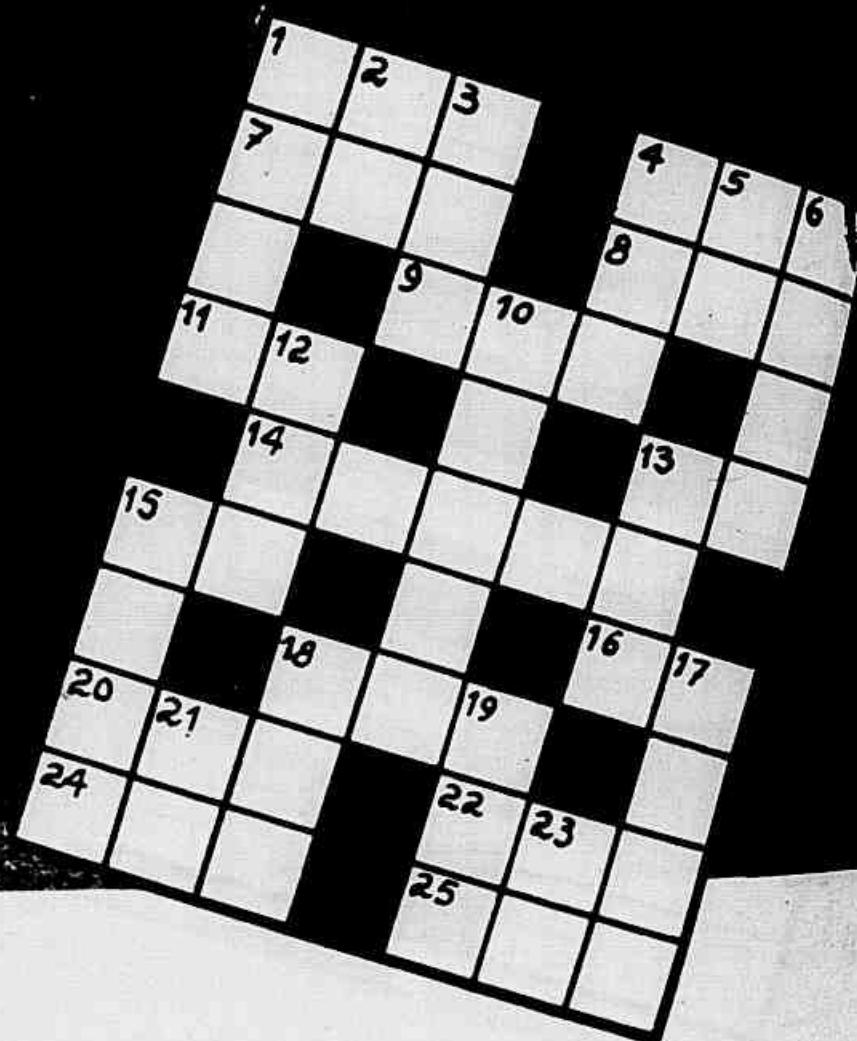
Cidade Estado

A "CAIXA POSTAL" REVISTA DA SEMANA está à sua inteira disposição desde este momento. Pode começar a escrever sua carta a Papai Noel, mandá-la e aguardar o Natal. Esse será, talvez, o melhor Natal de sua vida.


PROBLEMA N.º 59 — PARA VETERANOS

HORIZONTAIS: 1. Pai de Hupim e Supim — 3. Prefixo que traz a idéia de negação — 5. Bens móveis — 7. Muita pressa — 9. Planta umbelífera — 12. Moribundos — 15. Termo — 16. Muito fria — 17. Explica interpretando — 19. Fugir alucinadamente — 20. Gênero de flores ornamentais da família das Rubiáceas — 21. Nome de bolos que contêm creme — 23. Planta brasileira — 26. Roupas feitas — 28. Cesto da gávea — 29. Tosquiariam — 31. Pega — 32. Pessoa de grande talento — 33. Senhora — 34. Cobertura de cortiço — 35. Retaguarda.

VERTICAIS: 1. Imóvel — 2. Elefante sem dentes — 4. Ponto do céu oposto ao zenite — 5. Cachaça — 6. Reparados — 7. Nota musical antiga — 8. Torna sensível — 10. Alterar o sentido a — 11. Rio da Alemanha — 13. Subclasse das aves que compreende as que têm o esterno sem quilha — 14. Ficar na mesma altura — 18. Nigela dos trigos — 21. Árvore do Congo — 22. Barrancos — 24. Dose de cocaína — 25. Outeiro — 27. Ilhoses — 30. Símbolo do metal de peso atômico 26,97.


SOLUÇÕES DOS PROBLEMAS N.º 58
PARA VETERANOS

HORIZONTAIS: ama — úmido — heterismo — el — mil — Au — Drin — mamute — ontem — raras — aurina — uirá — to — ira — na — ossaturas — arena — osa.

VERTICAIS: amém — mirim — adilar — ut — os — hernuto — êlitros — maurina — outaras — doa — Nei — mau — êsa — mniaro — artes — auna — Sa — ra.

PARA NOVATOS

HORIZONTAIS: romanos — ir — só — rim — malar — ras — tem — rosas — sor — Ra — má — Armadas.

VERTICAIS: ria — or — anil — os — sol — rasos — matar — mar — rés — sola — ara — dás — ar — má.

PROBLEMA N.º 59 — PARA NOVATOS

HORIZONTAIS: 1. Argola — 4. Oceano — 7. Camareira — 8. Quer bem — 9. Condimento — 11. Outra coisa — 13. Perversa — 14. Querida com predileção — 15. Sufixo designativo de autor — 16. Símbolo químico do rutênio — 18. Concedo — 20. Liga — 22. Chegar — 24. Maior — 25. Pinha.

VERTICAIS: 1. Canoa de casca de madeira usada pelos índios do Amazonas — 2. Sorri — 3. Feminino plural da terminação — 4. Moléstia — 5. Sigla automobilística do Amazonas — 6. Fiasco — 10. Instrumento agrícola — 12. A casa — 13. Imensidão — 15. Rezam — 17. Solta urros — 18. Entregar — 19. Fruto da videira — 21. Porco — 23. Donaire.

NO RIO O DIRETOR DE "GUARDAS E LADRÕES"

ENTRE AS VEDETES ITALIANAS, MONICELLI PASSOU DESPERCEBIDA



NAO FOSSE Giulietta Masina, tão famosa pela sua atuação em "Na estrada da vida", e a delegação que veio de Roma para a carioca "Semana do cinema italiano" teria sido solenemente ignorada pelo público. Na pré-estréia de "Noites de Cabiria",

Monicelli, que fêz rir o mundo com "Guardas e ladrões" e "Pais e filhos"



Confraternização entre policial e punguista: "Guardas e ladrões", com Fabrizi, Totó e Ave Ninchi, o melhor filme de Monicelli.

a mais concorrida, nos coquetéis e recepções, sempre foi Giulietta Masina que salvou a comitiva italiana da indiferença popular. Aliás, nem poderia ser de outra forma. De um lado, ela é, sem favor algum, uma das grandes damas do atual cinema. De outro, Franca Bettoja e Lea Massari, as outras que vieram, são ainda praticamente desconhecidas do público carioca. Pôsto que belas, são caras-novas e seus filmes ainda não foram aqui lançados. No terreno dos diretores já se pode dizer que houve realmente uma decepção, pelo menos da parte daqueles interessados mais de perto pela sétima arte. Federico Fellini, o grande cartaz, não veio. Giulietta Masina, sua esposa e maior admiradora, justificou a falta: o marido fôra obrigado a iniciar o seu novo filme, em Roma. Castellani, muito conhecido, principalmente pelo seu "Romeu e Julieta", também aguardado com interesse, repetiu o "forfait" do colega. Dos que vieram, o mais procurado foi Alberto Lattuada, que tem a seu crédito um filme da envergadura de "O Capote" (da novela de Gogol, com Renato Rascel e Yvonne Sanson. Quase incógnito, circulando discretamente, achamos Mário

Monicelli, que pouca gente por aí reconheceu como o diretor do aplaudido "Guardas e ladrões" (Totó e Fabrizi), do discutido "As infieis" (Lollobrigida e Irene Papas) e do divertido "Pais e filhos" (Vittorio de Sica).

BATE-PAPO COM MONICELLI

No coquetel que a Únitalia patrocinou no Glória, assistindo ao corre-corre dos fãs à caça de autógrafos de Giulietta Masina, ao desfile interminável de colunistas sociais e astros do cinema nacional — achamos Mário Monicelli. Dêle foi estreado no Festival o filme "Os habituais desconhecidos", com Totó e Vittorio Gassman. No meio do salão, sozinho, um copo (moderado) de uísque à mão, calmamente, como se lá não estivesse para outra coisa a não ser experimentar uns drinques. Muito afável, logo se prontificou a conversar conosco. Ouvindo com atenção as perguntas

e filhos": Não procurou, na comédia, ver a vida com um otimismo banal.



Crítica sem meias palavras ao "society": "As infiéis", com May Britt (foto) e Lollobrigida. A censura fez intervenções.

que fazíamos, respondendo-as sem a preocupação de evidenciar brilho e inteligência, falando com uma certa pachorra na voz, Monicelli parecia à vontade. Explicou que realizava agora seus filmes sozinho, sem a colaboração de Steno, que acompanhou-o em diversas obras, porque ambos se convenceram que é muito difícil dirigir em conjunto. O diretor, na opinião de Monicelli, deve ser um só, para poder coordenar eficazmente os diversos setores da produção de uma película. Referiu-se depois a "Guardas e ladrões", visivelmente satisfeito com o sucesso que o filme alcançou no Brasil. Confessou que nele, como em suas outras comédias, procura fazer rir, é verdade, mas não através de um otimismo banal. Sua idéia — ao provocar o riso da platéia — é justamente aproximar o público dos personagens pelas situações que enfrentam, muitas delas trágicas. Chama a atenção para o policial e o ladrão de "Guardas e ladrões" — faz ver que entre eles deixam de existir barreiras quando ambos descobrem que são seres humanos como quaisquer outros, com gostos semelhantes, dois chefes de família com as mesmas atribulações.

"As infiéis", aguda crítica ao "café-society" e ao colunismo social e que foi exibido entre nós em época muito oportuna, é o outro filme de sua carreira que mais parece apreciar. Afirma que seu enredo é muito real e que a censura, inclusive, o obrigou a abandonar certas cenas do filme particularmente denunciadoras. Disse ainda que a censura italiana nos últimos anos mostrou-se acentuadamente intolerante, pela preocupação do governo em não receber críticas desagradáveis. Mas que agora, com a nova administração, as coisas já são tratadas com maior liberalidade. Sobre o cinema brasileiro disse não conhecê-lo suficientemente para formar uma opinião à respeito mas demonstrou interesse pelos seus problemas. Quanto à Cavalcanti, só conhece a existência do cineasta na fase muda: "o atual Cavalcanti não é nada". Citou René Clair e Frank Capra como os diretores que mais admira e prosseguiu drincando plácida e, despercebido, acessível a um bom bate-papo o sr. Mário Monicelli, bacharel em letras clássicas, o homem que deu ordens a Totó e Fabrizi em "Guardas e ladrões".

APRENDA A DANÇAR



**CHÁ-CHÁ-CHÁ
DOIS E UM
GUARACHA
BOLERO
MARCHA
RUMBA
SWING
SAMBA
TANGO
MAMBO
BAIÃO
CHORO
VALSA
FOX**

em apenas 10 dias, pelo moderno método do Prof. Gino Fornaciari, autor do livro «Como Aprender a Dançar», já em 9ª Edição, melhorada, contendo 140 gráficos, que permite a V. S. aprender em seu domicílio, sem professor. Faça seu pedido, pelo Reembolso, à Caixa Postal 649 — São Paulo. Cr\$ 130,00 — Encontra-se também à venda em todas as livrarias do Rio e de São Paulo. O Prof. Gino Fornaciari mantém um curso especializado de Aulas Particulares, diariamente, das 9 hs. às 22 hs., à Avenida Liberdade, 120 — 2º andar — conj. 8 — São Paulo.

LEIAM

EU SEI TUDO

Cr\$ 15,00

A BELEZA DOS SEIOS

Quando o busto for insuficiente ou sem firmeza, use **BEL-HORMON** nº 1 e quando for, ao contrário, demasiadamente volumoso, use **BEL-HORMON** nº 2. **BEL-HORMON**, à base de hormônios, é um preparado moderníssimo, eficiente, de aplicação local e resultados imediatos. Adquirir-o nas farmácias e drogarias ou pelo Correio.



BEL-HORMON
Sociedade Farmacêutica Quintino Pinheiro Ltda. — Rua São Januário, 706
Rio de Janeiro

Queiram enviar-me por Reembolso Postal um vidro de «BEL-HORMON»
Nº
NOME
RUA Nº
CIDADE
ESTADO
Por Vale Postal Cr\$ 150,00

A REVISTA HÁ 50 ANOS

Domingo, 15 de novembro de 1901

ABRE ESSE número da Revista, uma foto de página inteira do jovem rei D. Manuel II, de Portugal, cujo aniversário natalício transcorre justamente no dia 15. Entre outras coisas, registra a R.S. a propósito da data: o jovem monarca, cedo chamado a presidir os destinos de sua pátria pelos tristes acontecimentos do Terreiro do Paço, completa hoje 19 anos de idade, mas, com quanto muito moço, dotado de grande inteligência e discernimento, educado na escola liberal, sob as vistas de sua Augusta progenitora, a Rainha D. Amélia, tem sabido governar a contento de todos no curto período em que ocupa o trono de Bragança e para ele estão voltadas as esperanças da Pátria.

Publica ainda a Revista as fotos dos mal-encarados bandidos que assaltaram o comerciante Eugênio Erguaz, na Avenida do Mangue. E comenta: «A quadrilha, cujos membros são retratados no presente número, tendo como chefe João Espanhol e principal salteador Geraldo do Estácio, conseguira deitar a mão a 9:100\$ na arrojada empreitada e já se preparava para outro assalto que deveria render nada menos de .. 90:000\$000.» Menciona-se ainda o delegado do 23.º Distrito Policial, «a quem coube a glória das felizes diligências».

Em mais um episódio festivo do transcurso da Exposição Nacional, realizada na Praia da Saudade, verifica-se a largada de um grande balão, construído pelo aeronauta Lippi. O balão, que partiu da Avenida dos Estados, teve uma subida acidentada, como noticiou a Revista: «Ao ser cheio o balão, uma fagulha, desprendendo-se da fornalha, atingiu a sêda do invólucro, incendiando-o, sendo o fogo, felizmente, extinto no início. O rombo produzido, de quase um metro de diâmetro, foi rapidamente reparado e a subida fez-se em excelentes condições, apesar do forte vento que soprava, trabalhando o ae-

ronauta no trapézio armado em lugar da barquinha. Subiu a grande altura, conservando-se no espaço quase meia hora e indo cair no mar, na enseada da praia da Saudade, próximo à Exposição, entre os aplausos da multidão que ali se achava.»

No noticiário internacional destaca-se a preocupação da Europa em relação aos graves acontecimentos do Oriente, nos dias que sucederam à independência da Bulgária, conquistada pelas tropas do Príncipe Ferdinando frente aos invasores otomanos. Assim aprecia a REVISTA DA SEMANA o panorama da situação política no Velho Mundo em 1908: «O tratado de Berlim, que regia a relação internacional dos Balcãs foi publicamente destruído e são acusados disto os representantes diplomáticos da Áustria e da Itália, a fim de que a primeira daquelas potências pudesse anexar as potências da Bôsnia e da Herzegovina. O rompimento do Príncipe Ferdinando proporcionou o meio para este golpe da Política internacional. Por momentos houve um sério receio de que a paz europeia fôsse perturbada por estes acontecimentos, mas a atitude reservada da Inglaterra, da Itália e da França opôs um embaraço aos desejos belicosos da Alemanha e da Sérvia». Prossegue o artigo comentando a insegurança e oscilação do cenário político da Europa, e conclui observando apenas duas situações definidas: a independência da Bulgária e o reconhecimento do novo czar dos Balcãs.

Da Inglaterra, a notícia da extraordinária coincidência de uma série de incêndios rebentados simultaneamente em diversas partes do país, no dia 23 de setembro:

«O maior de todos eles — diz a R.S. — rebentou perto de Doncaster, no condado de Iorque, onde o fogo destruiu por completo uma manufatura de cobre onde trabalhavam 400 homens que ficaram sem trabalho; o outro, em Radeliff, causou estragos avaliados em 10 mil libras esterlinas, em uma fábrica de fiação. Finalmente,

em um dos arsenais próximos a Glasgow, Escócia, onde o fogo destruiu uma grande estância de madeira, calculando-se o seu valor em 6.000 libras.

A nota pitoresca nos chega também da Inglaterra, sob o título de «Cães Condecorados»: um jornal de Liverpool noticia que uma sociedade de temperança vai pedir uma condecoração para o cão «Ping», que é um benemérito. O famoso bicho, quando vê estendido na rua um bêbedo, defende-o contra as agressões da canalha e só o abandona quando chega a polícia.

Durante dois anos «Ping» tem defendido dos maus tratos da população mais de 300 desgraçados que o álcool fez baquear nas ruas de Liverpool.

Se a condecoração fôr concedida não é a primeira. «Jack», o belo animal que em Inkemann salvou um soldado, foi condecorado com a cruz de Vitória e a medalha da Criméia; «Bob», que fez a guerra com o Afeganistan e foi ferido em Malwand, teve também a sua medalha militar; Jerry, pertencente ao regimento de hussards, tais proezas realizou, que os habitantes de Dublin, entusiasmados, ofereceram-lhe um... jantar!

«Só falta, pois — conclui a notícia — que a esses bichos de tão nobres préstimos se confira um título...»

Era assim, há cinquenta anos...

Imprensada entre fotos de banquetes, encontramos esta delícia: «Genebra há muito que é iluminada pela eletricidade. As lâmpadas incandescentes acham-se distribuídas profusamente espalhando a jôrro a luz sobre a cidade. Ora, em uma das noites do mês findo, às nove horas, ao brilho ofuscante das lâmpadas sucederam espessas trevas. Que se passaria? Era uma «greve» de eletricitistas? Não. Seria um desarranjo na máquina? Menos ainda. Procurou-se, por longo tempo e, depois de muito procurar, descobriu-se que um rato, roendo um cabo, provocara a extinção das 166.000 lâmpadas que iluminavam Genebra.»

Quanto vale a tradição?

TRADIÇÃO é experiência em forma de bons serviços.

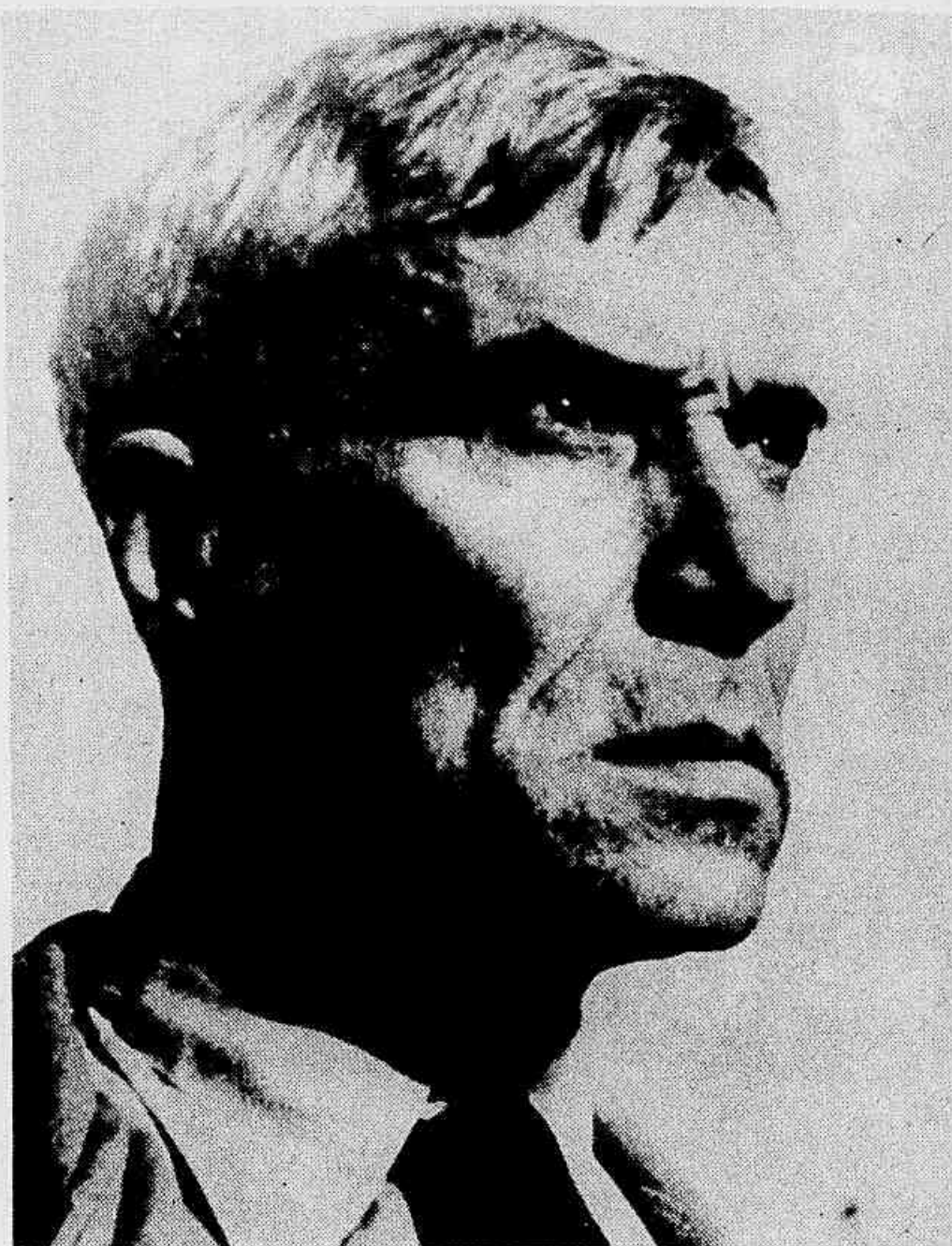
É a dedicação e o empenho de uma equipe no cumprimento do dever. É, acima de tudo, o respeito honesto ao trabalho. Tudo isso, se acumulando por anos e anos, escreve um dia a palavra TRADIÇÃO.

No transporte aéreo, TRADIÇÃO quer dizer CRUZEIRO DO SUL — a mais extensa rede aérea doméstica do mundo.

SERVIÇOS AÉREOS
CRUZEIRO DO SUL

32 anos de experiência nos céus brasileiros.

O CASO PASTERNAK



UM AMIGO QUER saber minha opinião sobre o caso de Boris Pasternak, o escritor soviético que, após ter sido contemplado pela Academia Sueca com o Prêmio Nobel de Literatura de 1958, foi obrigado a abrir mão da honraria (e da dinheirama), pressionado pelo Governo de Moscou.

Acho perfeitamente imbecil a atitude dos comunistas soviéticos, a acusarem de "provocação burguesa" a indicação, pelos suecos, do nome do autor de "Doutor Zhivago" para a grande distinção; e uma suprema estupidez, o dizerem agora de Pasternak que é traidor de sua terra e de seu povo.

É claro que nunca li nada de Pasternak — nem pretendo, nunca, ler —, e que não irei ver o filme extraído do romance "Doutor Zhivago", que os norte-americanos certamente não perderão tempo em realizar, produzido, quem sabe, pelo outro Pasternak — o de Hollywood. Por outro lado, não sou dos que se emocionam com as atribuições anuais dos Prêmios Nobel de Literatura — prêmios que se já foram ter às mãos de um William Faulkner, por exemplo, já serviram também para sustentar o prestígio internacional de Winston Churchill, escritor quase tão grande quanto o finado Getúlio Vargas. Em verdade, não gosto de prêmios literários, vendo-os com maus olhos e com natural desconfiança, achando que sua concessão — entre nós e no resto do mundo — obedece muito mais a injunções de várias ordens, do que a motivos puramente literários — que, só eles, deveriam prevalecer.

Se os suecos, por qualquer motivo de ordem política, resolveram burguesamente provocar os soviéticos, dando o Prêmio Nobel a um escritor que em sua obra mais conhecida chega a esboçar, timidamente, uma crítica ao regime sob o qual vive, eles são brancos, lá que se entendam; quanto ao caso de ser Pasternak acusado, pelos dirigentes comunistas, de traidor de seu povo, esse é mais sério, e atinge a todos nós, que escrevemos ou que, de algum modo, lidamos com as coisas da cultura. Porque essa pecha de traidor de seu povo e de sua terra, meu Deus, está longe de

ser um fenômeno puramente soviético. Querem um exemplo? — Vejam o caso de um escritor como Henry Miller, também já tantas vezes acusado de traidor do povo americano, ao qual pertence, e cujos livros maiores e mais importantes ainda hoje se acham banidos não só dos Estados Unidos como da Grã-Bretanha, e de outros países onde — aí de nós — o pensamento é livre, ao menos até certo ponto... Veja-se o que escreve esse grande homem — talvez o maior escritor de nosso século — no Prefácio de seu mais recente livro, "Big Sur and the Oranges of Hieronymus Bosch" (1): "Sexus, no momento, está proibido de ser editado — em qualquer idioma! — em França. No Japão, a versão japonesa dessa obra foi confiscada, porém não a inglesa, pelo menos até agora. "Quiet Days in Clichy", que vem de entrar no prelo (em Paris), provavelmente será também repudiado — aqui, e em toda parte".

Depois, pense-se um pouco, e honestamente, no seguinte: o que aconteceria se o Prêmio Nobel de Literatura tivesse sido conferido ao poeta Ezra Pound, que chegou inclusive a ser detido por anos a fio num manicômio, sob a alegação de trair a América do Norte? Não parece lógico que boa parte da opinião pública norte-americana, e os meios oficiais em péso, iriam manifestar em alto e bom som seu desagrado? Alguns chegariam a tomar tal indicação como uma provocação, burguês escandinavo contra burguês ianque; e Ezra Pound, de qualquer modo, talvez viesse a ser solicitado, delicadamente, a não aceitar o prêmio que indubitavelmente merece, muito mais do que qualquer Pasternak soviético.

Mas... cala-te, boca, que já faleste demais, e mesmo no Brasil, onde decerto possui seu "habitat" mais legítimo, a liberdade de expressão ameaça entrar em colapso, de quando em vez, para gáudio dos donos da moral e da verdade, e com sérios prejuízos físicos inclusive, para os que não possuem papas na língua..

(1) — Heinen:ann. London, 1958. Pg XI.

NOTÍCIAS DE LITERATURA

MARLY DE OLIVEIRA seguiu para Roma, a bordo de um avião em que viajou também — mas para Lisboa, até onde vai para dar um curso de filologia — o professor Serafim da Silva Neto. O colunista teve a oportunidade de encontrá-la ocasionalmente em Recife, e por ela é que soube que seu livro de poemas **Explicação de Narciso** ainda não ficará concluído nos próximos meses. Marly, que vai estudar literatura na Universidade de Roma, foi contemplada com pequenina bolsa da Embaixada Italiana — o que equivale a dizer: umas 50 libras mensais. As autoridades do Itamarati bem fariam se lhe concedessem, tão logo fôsse possível, uma de suas ambicionadas bolsinhas culturais, no valor de 50 dólares. A autora de **Cêrco da Primavera**, contemplada com 50 mil cruzeiros do Prêmio Olavo Bilac do Instituto Nacional do Livro, há tempos, contava com esse dinheiro para se estabelecer, em Roma; acontece que o prêmio foi-lhe pago, mas simbolicamente — num envelope inteiramente vazio... Ficarà para mais tarde o pagamento autêntico da láurea.

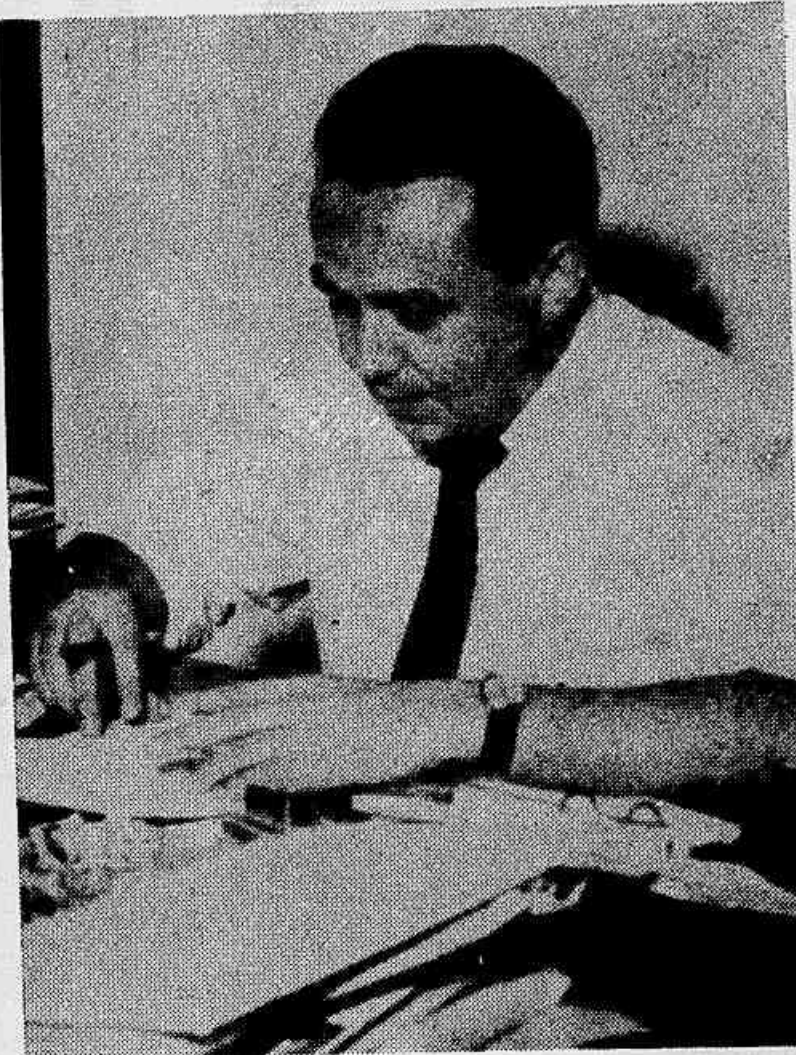
A **BIBLIOTECA** do Exército Editora parece que, de ora em diante, vai acertar, no que se refere à apresentação de seus livros, até então pouco convidativos a uma leitura. Pelo menos, é o que se depreende, ao folhear a obra **A Arte de Comandar**, de André Gavet, em tradução de Renato Rocha Santos. A capa já é um bom trabalho, os tipos, de relativa beleza. Quanto ao papel é que ainda pode melhorar algo.

SÍLVIO CASTRO mereceu o prêmio Machado de Assis da Prefeitura do Distrito Federal, com o volume de contos **As Noites**; o de Poesia, Olavo Bilac, foi conferido a dois ótimos elementos da nova geração: Celina Ferreira e Foed de Castro Chamma.

NA **EDIÇÃO** (inglês) da última obra de Henry Miller, **Big Sur and the Oranges of Hieronymus Bosch**, lançada em Londres pela casa Hoinemann, lemos a seguinte nota, do próprio editor: "Lamentamos informar ao leitor que certas modificações e supressões ao texto original foram impostas em conformidade com a lei que regula a publicação de livros na Grã-Bretanha. Oferecemos nossas desculpas ao autor, bem como ao leitor". Sem comentários.

MAURO MOTTA, diretor do Instituto Joaquim Nabuco, de Recife, está organizando para breve importantíssima exposição de fotografias do autor de **Minha Formação**, e de personalidades de sua época e amizade.

ZORA SELJAN regressou de Salvador, até onde foi para lançar oficialmente seu livro **Três Mulheres de Xangô**, em tarde de autógrafos concorridíssima. Uma comitiva de escritores do Rio esteve presente.



HÉLIO PÓLVORA, contista balano, acaba de estreiar em livro, com **"Os Galos da Aurora"** (edição da Civilização Brasileira). A capa do volume e as ilustrações são de autoria de Barbosa Leite, aquela mais interessante do que essas. O conto que abre a coletânea, e lhe dá o nome, foi premiado em concurso de que participaram, como jurados, Paulo Ronai e Aurélio Buarque de Holanda.

NOTÍCIAS DE ARTE

CARYBÉ, Carybé of Brazil — tal como o apresentam no Catálogo de sua exposição de Washington —, vem obtendo bastante êxito, nos Estados Unidos: sua mostra novaiorquina, há tempos encerrada, despertou entusiasmo nos meios competentes. A cantora Lena Horne lhe adquiriu três desenhos, enquanto alguns arquitetos que no momento constroem o novo aeroporto de Nova Iorque vieram sondá-lo sobre a possibilidade de executar, para o mesmo, um vasto mural. No momento — e até 17 do corrente —, Carybé expõe desenhos, aquarelas, temperas, monotipias, fotografias e tecidos em Washington, sob o patrocínio da Pan-American Union.



Lula Cardoso Ayres e Vicente do Rêgo Monteiro, quando da inauguração da mostra Artistas Pernambucanos, organizada em Recife pela diretoria do Cabanga Iate Clube.

IBERÊ CAMARGO exporà igualmente em Washington, mas em janeiro ou fevereiro — e ainda sob os auspícios da Pan-American Union. Suas obras já se encontram na capital norte-americana.

LIONELLO BERTI está expondo na **Piccola Galleria**, na praia do Flamengo. É sua segunda individual no Rio de Janeiro, e terceira no Brasil (êle é florentino).

O **CABANGA Iate Clube** — dirigido por Fernando Rodrigues — efetua no momento vasta mostra antológica da Arte Pernambucana, de começos do século até ao momento. O clube — um dos mais elegantes de Recife — expande assim suas atividades, penetrando com arrôjo e bom gosto no domínio das grandes realizações de nível artístico. O exemplo que atualmente dá bem poderia ecoar em outros clubes e associações brasileiros, quase todos tão desligados de tudo quanto cheira a cultura.

A **ESCOLINHA** de Arte do Brasil, em princípios do ano vindouro, pretende levar a efeito uma exposição relacionada com a editora **O Gráfico Amador**, de Recife. Essa editora, dirigida por Aluizio de Magalhães e Gastão de Holanda, é possivelmente a mais importante do Brasil, no que se refere a bom gosto e a arrôjo técnico.

DÉCIO VIEIRA esteve em Salvador, que ainda não conhecia. Estabeleceu contatos com os meios artísticos locais — e se declara encantado com a arte popular da Bahia.

MARTHA EITRIM trouxe ao Brasil a mostra **Nueve Abstratos Argentinos**, que ora se realiza entre nós — na Escolinha de Arte do Brasil.

UM **JOVEM** mexicano de vinte e cinco anos, José Luiz Cuevas, é a sensação do momento, nos Estados Unidos, com sua pintura violenta, onde o toque de Goya por vezes faz-se sentir. É um expressionista, e suas obras mais interessantes retratam o **Ditador Morto**, chefe de estado equatoriano de princípios do século, que assistiu, após ser assassinado, a seu próprio entêrro...



TAMBÉM AS ESTÁTUAS NÃO TÊM CABEÇA

ROBERTO QUINTAES

Era uma estátua bonita. Muito bonita mesmo. Alta, branca, perfeita, e com um certo ar de gente bem. Ela está ali, no início de Copacabana, entre as duas alas que deixam os automóveis passar correndo, quase voando, em procura do prazer que, para eles, está para terminar. A estátua não tem nome, mas os jornais resolveram apadrinhá-la. Uns acharam que o melhor nome seria "Conjunto de Mulher", outros chamaram-na de "A Inacabada", e alguns terceiros disseram que era apenas — "Uma Estátua".

Quando inteira (sim, porque agora ela está fragmentada) era uma linda estátua. Todos que passavam pelo local em que está ao vê-la pensavam em uma visita rápida. E a admiravam demoradamente, pois ela sabia fazer fugir a noção de rapidez dos seus admiradores. Sabia que era bonita e erguia o rosto, tentando ocultá-lo dos olhares curiosos. Mas o povo não se zangava — afinal de contas, ela era mulher e, como tal, tinha seus caprichos tolos.

Houve um italiano que quis se casar com ela. Tinha 38 anos, havia nascido em Roma, tinha visto o Papa (o Pio XII) dar adeuses da Janela Sagrada, gostava de espaguetti e de Lollobrigida, adorava o Sole Mio e amava as mulheres, principalmente aquelas que gostavam de se mostrar convencidas. E o italiano declarou-se. Saiu de uma boite (parece que o Fredys) e embolava os passos curtos numa tentativa inútil de fazer música noturna. O uisque (quem sabe se não seria vinho tinto?) devia estar gostoso, pois estava sem dinheiro. E como italiano sem dinheiro anda mesmo é a pé, nosso amigo italiano penetrou no túnel escuro e saiu pela noite mais escura ainda.

Foi então que viu a estátua pela primeira vez. Dizem as más línguas que ela dormia, com os cabelos de Mármore de Carrara espalhados pelo corpo do rapaz que, por olhar uma vez mais atrevidamente para a sua companheira, foi transformado em argila pelo escultor ciumento. Ela, seria de mármore.

O italiano fez "psiu" e ela despertou. De imediato, ergueu a cabeça na mesma atitude e fingiu que tinha visto aquele sujeito chato que a incomodava justamente na hora em que podia descansar um pouco. Mas como bom latino que era, o italiano percebeu a ação da estátua, e logo passou a ter-lhe simpatias.

Olhou para cima e gritou alto:

— Quero ser um admirador seu. Vou casar com você.

A estátua delicadamente baixou a cabeça pesada (69 quilos) e fitou o italiano. A proposta era interessante. Mas como iria ele retirá-la dali? Quis estender os braços para o italiano, mas pesava muito. Quis fazer qualquer coisa para demonstrar a sua mentalidade de estátua. Mas nada conseguiu — continuou na mesma posição. Agora, não mais altivamente, e sim a orar para o Deus das Estátuas, pedindo um milagre.

— Faça com que eu me transforme em carne e osso para poder me atirar nos braços daquele indivíduo que me olha lá de baixo. (E a estátua continuou séria, porque as estátuas quando rezam não choram, apenas pensam nos seus santos, e as estátuas têm muitos santos.)

O milagre não veio e o italiano — muito zangado e bêbedo — foi embora.

Depois, ela apareceu sem cabeça. Tiveram pena da estátua. Ainda a olharam mais algumas vezes, para não lhe darem nenhuma pelota. Ficou pobre, sem fã. Em virtude disso, não perceberam que ela também já perdeu os braços. Primeiro, a linda cabeça encacheada, depois os braços curvos e roliços. Coitadinha da estátua sem cabeça!

Contam algumas pessoas que ela está doente. Os médicos já se reuniram, tentando um remédio salvador, a fim de que ela, de novo, possa encantar aos que vão para Copacabana. E acharam que o melhor deles era uma verba de 200 mil cruzeiros, para braços e cabeças artificiais. Acontece que o pai da menina, digo da estátua, é um sujeito muito mau e não quer ajudar a filha doente. Poucos sabem o nome da criatura tão perversa e, por isso, o diremos: DEPARTAMENTO DE PARQUES E JARDINS DA PREFEITURA.

Ontem estive com ela. Estava triste (soube porque me disse) e desgostosa. É muito aborrecido conversar com pessoa que não tem cabeça, a voz é ouvida de um lugar qualquer, mas logo me acostumei e a conversa foi deliciosa, agradável, não fôssem as suas gritantes desgraças. De início, julguei que ela fôsse pedante, pois não me quis cumprimentar. Só depois é que vi — e perdoei. Coitadinha da estátua sem cabeça.

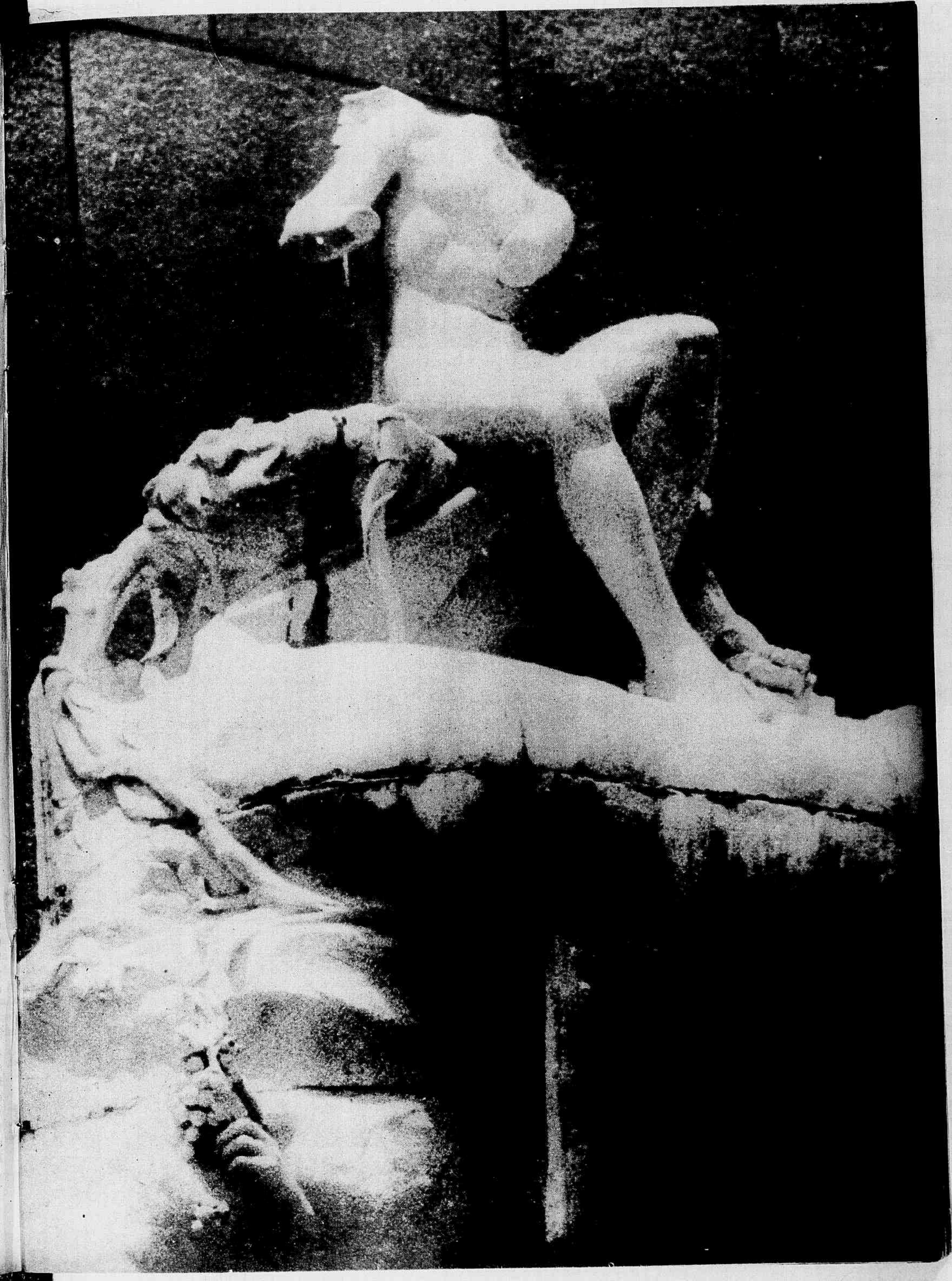
— É mentira que eu tenha tentado me suicidar. Nunca pensei em morrer.

Depois de contar que não pensa no italiano (quando ficar bom casar com um africano), ensinou-me que as estátuas se suicidam quebrando-se todas.

"Foi um menino — é ela que conta — mau e branquinho que quebrou a minha cabeça. Era de noite e ele estava na amurada do morro. Eu, coitadinha de mim, fazia pose para os lotações que passavam lá longe. O menino sempre olhando para mim. Muito nervosa e inquieta vi quando apanhou uma atiradeira do bolso esquerdo da calça (estátua presta atenção aos menores detalhes) e fez a mira. Estátua não sente dor, só senti a minha cabeça rodando. Depois, não pude olhar mais nada — os meus olhinhos foram junto com a cabeça para o chão.

Tive medo de ser atacada novamente. Minha existência ficou escura e negra por ter tal receio (estátua também faz subliteratura). E dias mais tarde, os meus dedos primeiro, os pulsos em seguida, e, finalmente, os braços, também se desligaram do meu corpo. Um senhor veio me dizer, talvez para me acalmar, que toda noite os meninos perversos do morro vinham atirar pedras em mim."

Olhei para a estátua. Era difícil saber o que pensava ou para onde vivia. Sua cabeça — ninguém sabe onde está. Coitadinha da estátua sem cabeça.



NOVELA — XIII

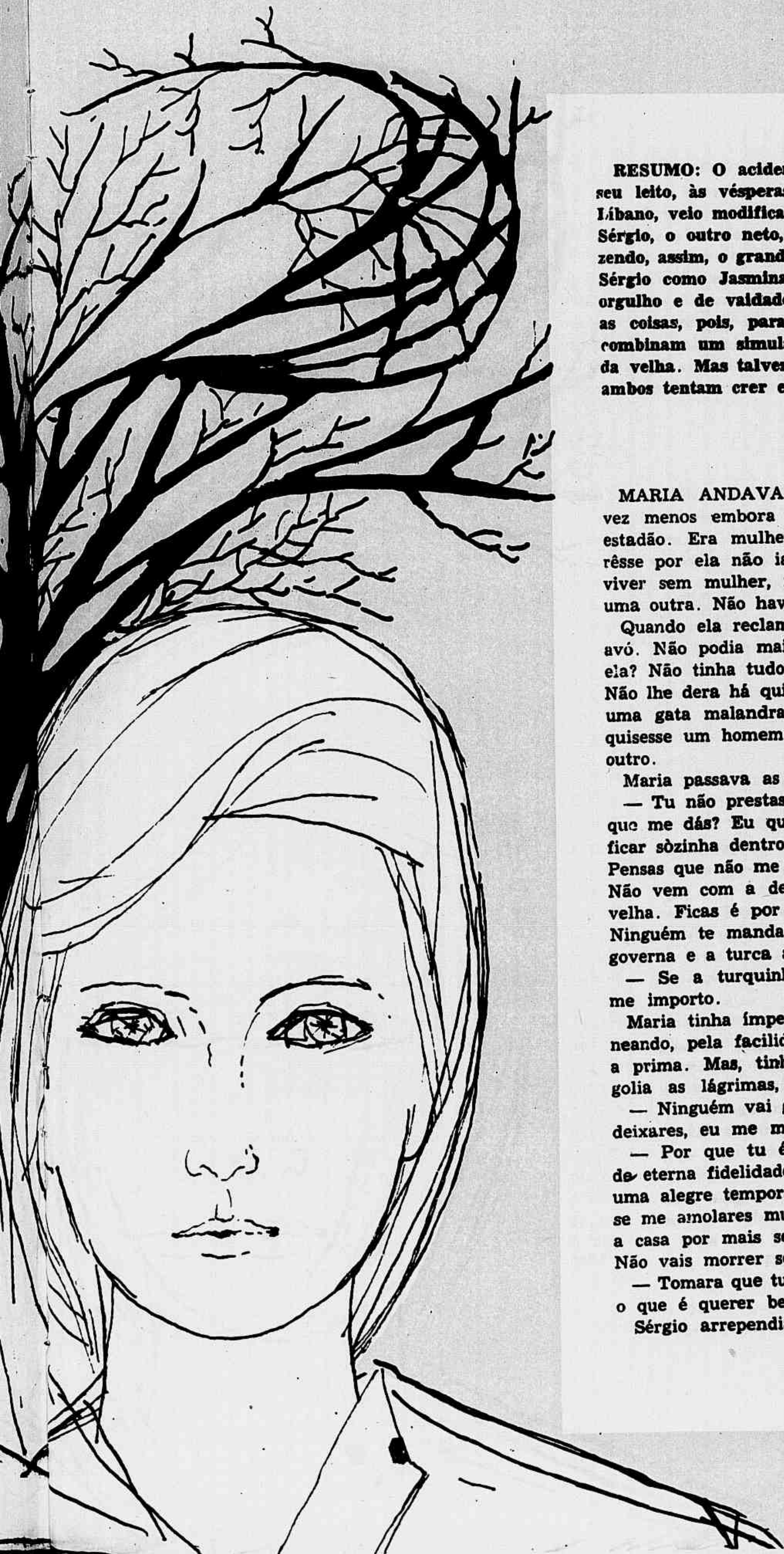
OS GALHOS D



LUIZ CANABRAVA

S DO CEDRO

MARIA DA CONCEIÇÃO NEVES ABOUD



RESUMO: O acidente que prostrou a velha viúva Nabira em seu leito, às vésperas do regresso de sua neta Jasmina para o Líbano, veio modificar a situação no grande sobrado de São Luís. Sérgio, o outro neto, começa a se interessar pela prima, satisfazendo, assim, o grande sonho da avó de vê-los casados. Mas tanto Sérgio como Jasmina se sentem afastados por uma muralha de orgulho e de vaidade. E é a doença da avó que vem conciliar as coisas, pois, para que ela se restabeleça mais rapidamente, combinam um simulacro de namoro — pelo menos na presença da velha. Mas talvez aquele namoro não seja tão simulado como ambos tentam crer e fazer parecer...

MARIA ANDAVA DESESPERADA. Sérgio procurava-a cada vez menos embora sua generosidade ainda a mantivesse num estadão. Era mulher esperta e vivida. Percebia que seu interesse por ela não ia além do de um homem que, não podendo viver sem mulher, não queria se dar ao trabalho de procurar uma outra. Não havia mais paixão, nem ciúmes, nem nada...

Quando ela reclamava, Sérgio desculpava-se com a doença da avó. Não podia mais sair todas as noites. De que se queixava ela? Não tinha tudo quanto queria? Não estava superenroutada? Não lhe dera há quinze dias um cordão de ouro? Não vivia feito uma gata malandra no conforto da casa que lhe alugara? Se quisesse um homem eternamente curvado a seus pés, procurasse outro.

Maria passava as costas das mãos nos olhos lacrimosos:

— Tu não prestas, Sérgio. Tu pensas que só quero o dinheiro que me dás? Eu quero é a ti. Não me importa a casa para eu ficar sôzinha dentro dela! Eu quero é a ti, só tu me interessas. Pensas que não me contaram que estás namorando a carcamana? Não vem com a desculpa bêsta de ficar em casa por causa da velha. Ficas é por causa da Jasmina. Tu és só farol, só foba. Ninguém te manda? Ninguém te governa? Pois sim, tua vó te governa e a turca ainda vai governar mais.

— Se a turquinha me governar, porém me fizer feliz, não me importo.

Maria tinha ímpetos de bater-lhe, de atirar-se no chão esperneando, pela facilidade com a qual ele admitia o namoro com a prima. Mas, tinha medo de perdê-lo irremediavelmente. Engolia as lágrimas, controlando-se:

— Ninguém vai gostar mais de ti do que eu gosto. Se tu me deixares, eu me mato.

— Por que tu és dramática, Maria? Nunca te fiz promessas de eterna fidelidade. Sempre te disse que iríamos passar juntos uma alegre temporada. Não estou querendo acabar contigo, mas se me amoures muito, acabo mesmo. Te dou dez contos e pago a casa por mais seis meses. Não deixaste o Luciano por mim? Não vais morrer se me deixares por outro...

— Tomara que tu pagues esta ingratidão. Tomara que descubras o que é querer bem de verdade.

Sérgio arrependia-se sempre de fazer alguém sofrer:

As macumbas apareciam no corredor do sobrado, apavorando

— Maricota, enxuga as lágrimas. Vamos aproveitar o presente, sem pensar no amanhã? Deixa de ser bobinha. Mulheres como tu se consolam depressa das penas de amor.

Maria se vingava mandando preparar “despachos” com o velho Negreiro, lá na Estrada do Olho d’Água. Despachos que deveriam amarrar Sérgio e ela definitivamente e enviar, para bem longe, a turca desgraçada. Também, para matar a velha, dona de uma ascendência danada sobre o neto. Não era só por interesse que desejava prendê-lo. Amava-o. Nunca tivera um amante mais querido e que aquecesse melhor o seu coração calculista. Deus a livrasse de perdê-lo!

As macumbas apareciam no corredor do sobrado, apavorando Sâmia e Georgette. Ambas se persignavam inúmeras vezes e mandavam buscar água salgada na Praia do Caju para lavar as lajes de cantaria, contaminadas de feitiço. Não diziam nada à sogra porque “martame” tinha pavor de macumba. Quem sabe, a pobre não melhorava por culpa da macumbaria?

Georgette, uma vez, passara o dia inteiro tinindo de dor de cabeça, só de angústia porque Sérgio de manhã, ao sair para o escritório, dera pontapés numa porcaria, atirando na rua, charutos, uma galinha preta e um embrulho misterioso. Imaginava, horrorizada, que se fôsse trabalho feito por uma das mulherezinhas interessadas no filho, êle estaria perdido, tocando pessoalmente no maldito “trabalho”.

Sérgio desconfiou de Maria. Ela sempre fôra dada a pajelanças. Tinha uma garrafa com um galho de arruda atrás da porta de entrada, com medo da inveja das mulheres da pensão, de onde êle a tirara. Foi expressamente avisá-la:

— Olhe aqui, se continuar aparecendo macumba lá em casa, eu te ponho para fora daqui a pontapés e te deixo na “rua da amargura”.

Maria fingiu um espanto tão grande, tão grande, que o exagêro evidenciou a verdade:

— Eu Sérgio?! Eu!!! Eu nunca fui disso! Logo para você?

— Olha aqui, filhota, te digo uma coisa — se não és tu, te vira para descobrir com teus amigos macumbeiros, quem é. Aviso o seguinte, se aparecer, seja o que fôr no corredor lá de casa, venho aqui e faço miséria. Mamãe e tia Sâmia já têm preocupações demais com vovó, para ainda irem se amolar com essas besteiras.

Saiu batendo a porta com raiva. Maria torcia as mãos, desesperada: “Ichi! Sem macumba, então, é que eu não pego êle! Vou falar com Pai Negreiro para fazer o negócio de longe. Puxa, o diabo do sujeito descobriu logo que era eu.”

Chamou um táxi a fim de ir imediatamente à choça do negrão. O carro esperou na estrada sombria a manhã inteira. Pagaria o chofer, com dinheiro dado generosamente por Sérgio...

Não surgiram mais feitiços nas centenárias lajes do corredor, tão espaçoso e largo, que nêle caberia um apartamento carioca dos medianos. Os portugueses, construtores dos famosos sobrados coloniais do Maranhão, vindos de suas casinhas de aldeia,

deviam ter uma ânsia de espaço, de amplitude... De outra maneira não se explicariam os vastos e inúteis corredores, a exagerada altura dos tetos das velhas mansões, de onde pendem os lustres, parecendo ridiculamente curtos.

Mas, com macumba ou sem macumba, Nabira não melhorava. Abatia-se de dia para dia e tinha uma inapetência invencível. Através de exames de sangue e urina, os médicos descobriram-na diabética e ameaçada de uremia.

Sérgio se angustiava. Vivia conversando com os clínicos:

— Há anos eu pedia para vovó se consultar. Todo mundo tem que dar de vez em quando um balanço na saúde. Não queria nem por nada. Tinha uma vaidade bôba de dizer que era forte como um touro, não sentindo nem dor de cabeça. Vai ver que às vezes não passava bem mas não queria dizer. Devia ser diabética há algum tempo. Assim, as escaras custarão a cicatrizar.

Os médicos discutiam. Uns achavam que dada a circunstância de D. Nabira não estar habituada a drogas, reagiria depressa às aplicadas. Dr. Leôncio continuava pessimista. Sua opinião era a de que, quem vive sempre com pequenos achaques, tomando constantemente remédios, vai encorajando o organismo. Observara inúmeras vezes: organismos excepcionalmente fortes, parecem preferir partir-se definitivamente, à curvar-se à doencinhas enjoadas e longas.

Sérgio rogava:

— Porque esperar mais dez dias para tirar o aparelho, maltratando vovó assim? Ela não aguenta mais! Se tiver de soldar já soldou. O melhor é providenciar sua ida ao Rio.

Os médicos eram unânimes em discordar: dez dias mais e não haveria o risco de atrapalharem a consolidação das fraturas. Quarenta e cinco dias era o mínimo. Depois de tanto sacrifício, estragar o que fôra feito? Absurdo!

Nabira definhava, se irritava. As vezes queria o quarto cheio de gente, cutras, punha todo mundo para fora, aos berros, inclusive visitas. Apenas Sérgio não a aborrecia nunca e sempre a fazia rir.

Faltavam dez dias! Dez dias para libertarem Nabira da armadura de gesso e verem o que seria necessário fazer a fim de restituir-lhe o mais rapidamente possível, a saúde.

Sâmia vivia pelos cantos a agourar:

— Chica Lavadeira diz que velha forte só morre de queda ou de pneumonia. Puxa, eu ando nervosa...

As visitas mais constantes no sobrado eram os parentes de Sâmia e Georgette. A mãe de Georgette ainda vivia. Antipatizava com Nabira por ter-lhe absorvido a filha, moldando-a a seu jeito. Diziam que quem casa uma filha, ganha um filho. Mas no caso fôra o contrário — perdera, quase, Georgette. Os netos então gostavam muito mais da avó paterna do que dela. Sérgio nem lhe ligava. Apesar da antipatia, ela vinha ver Nabira diariamente, comprazendo-se mesmo com seu sofrimento. Nabira sabia que a mãe de sua nora a detestava, recebia-a porém de boa cara, contando-

Sâmia e Georgette.



lhe, infalivelmente, alguma coisa provando o amor imenso de Georgette e de todos os netos por si. Vinham sempre também, os irmãos, cunhados e sobrinhos das duas noras. Sâmia tinha um sobrinho casado com brasileira. A moça era simpática e alegre. Quando começou a freqüentar o sobrado, caiu logo nas boas graças da velha, apesar de ter esta augurado muito mal o casamento do jovem descendente de libaneses com mulher de outra raça. Agora queria muito bem a "brasileira" e Maria dos Remédios era uma de suas visitas prediletas, porque tendo ido ao Líbano em virgem de núpcias, falava com enlévo das doces alegrias sentidas na terra dos avós do marido. Nunca vira gente mais hospitaleira, mais sentimental! Chorara até de emoção quando foram recebidos por humildes parentes do espôso, com banquetes e festas dignos de um sultão. Adorara a paisagem bucólica, o exotismo de Beirute, espantara-se constatando quão pequeninas e adoráveis são as cidades encrustradas nas montanhas, das quais os saudosos emigrantes no Brasil falam com um orgulho e um amor que se transforma em fabulosas metrópoles. Dizia nunca ter visto coisa mais linda do que a Gruta de Adíche, parecendo tecida em renda de estalactites e estalagmites.

Nabira interrompia orgulhosa:

— Viu?! Non é carcamano qui tá contando pra ocês maravilhas de minia terra. É "brasileira" qui foi lá e se admirou e ficou doidina cum tanta beleza. Que é isso de que? Tlalctilque, tlaquimite? Que isso, lé? Non vi isso lá, non.

Riam às bandeiras despregadas. Alguém explicava:

— Estalactites e estalagmites, vovó, são uma coisa da natureza que acontece nas cavernas, onde tem muita umidade. A água vai virando pedra e fica tudo rendado. A senhora não conheceu a Gruta de Adíche?

— Conhece sim, lé. Quando ieu voltei ni Liban, conheci minia terra todina. Mas non sabia dêsses nomi qui Maria de Reméde falou. Maria, ocê viu cedro de Liban, minia filha? Non tem érvore mais bunita ni mundo! Que beleza!

— Vi dona Nabira. Achei uma beleza mesmo. Só me admirei da floresta ser pequena. Não deve ter mais de umas sessenta árvores. Isso ainda as faz mais imponentes, assobrosas, evocando sua idade milenar. Dizem que Jesus se sentou à sombra de uma delas.

— Sentou sim. Sentou sinsinhora. Ieu sabe, todo mundo sabe.

— Como é que a senhora sabe, "martame"? Essas coisas são lendas.

Nabira se enfurecia:

— Perque Jesus non podia sentá ni sombra dêles, lé? Perque? Conta mais Reméde, pra essa gente saber como é Liban.

Maria dos Remédios sorria:

— Dona Nabira, não se exalte. O Líbano é muito lindo, porém não mais do que nos corações dos que o deixaram para emigrar. A senhora sabe o que eu pensei quando vi aqueles cedros? — Que milhares de libaneses espalhados pelo mundo inteiro, são como cedros transplantados, esgalhando-se em grande descendên-

cia, criando oásis de sombra, núcleos humanos de grandes trabalhadores, por êsse mundo afora. Meu marido me dizia que eu parecia mais libanesa do que êle, que eu me emocionava mais! A senhora é um cedro enraizado no Maranhão. Os galhos dêste cedro se multiplicarão através dos anos. A sombra de sua bondade, vive uma família feliz.

Nabira emocionou-se imensamente, seus olhos fulguraram cheios de lágrimas. Pediu para Georgette levantá-la porque queria dar um beijo na moça:

— Reméde, me patrício nunca disse coisa ton linda assim pra ieu. Ocê é uma bileza de moça. Ieu non queria pra netos meu casar com "brasileira" mas agora non me importo, se fô iguasina ocê. Reméde, Deus dá filinho pra ocê pra mistura sangue "brasileira" ni galho de cedro de família de sê marido.

Jasmína e Remédios tinham uma grande afinidade. Conversavam horas a fio, em francês, se estavam sós, em português, depois da doença de Nabira, quando ficavam constantemente a lhe fazer companhia. A velha achava ótima aquela amizade pois Jasmína precisava conviver com criaturas jovens e alegres que tivessem sua mentalidade. Quando Maria dos Remédios vinha passar a tarde no sobrado, acontecia um hiato no sofrimento da velha. Divertia-se ouvindo a conversa de ambas. Ela também repetia, pela milionésima vez, suas velhas histórias.

Remédios contava que, viajando pela Europa, jamais deixara de encontrar descendentes de libaneses, vindos de todos os lados do mundo, em demanda do Líbano. Uma vez encontrara um americano, filho de libaneses, cujo filho era oficial da Força Aérea Americana. Um dia, durante a guerra, o rapaz fizera uma aterrissagem forçada no Alaska. Imaginara-se perdido, sem avistar uma casa, um ser humano. De repente, viu no fundo da paisagem branca, um homem curvado ao pêsso de dezenas de peles curtidas. Era um neto de libaneses, que negociava com esquimós!

Nabira se deliciava:

— Ôta raça danada! Libanês non tem mêdo de nada! Ni de frio, ni de calô, ni de nada. Trabalha ni mundo inteirino.

As moças riam. Remédios comentava:

— Só tem um defeito, dona Nabira. São loucos por dinheiro. Meu marido me contou, caçoando e achando gozado que a primeira vez que êle falou à família, a meu respeito, a avó perguntou logo — Ela tem dinheiro? — Até que eu não tinha, mas no fim deu tudo certo.

— Denêro é bom, minia filha. Qui a gente faz sem denêro? Nada, nada... Mê patrício sofreu muito pra ganhá "massari". Sabe, um dia chegou ni porto de Rio de Janêro navio carregado de patrício. Tava assim (apinhava os dedos) non queriam deixar êles saltar porque eram muito pobres e já tinha muito carcamano ni Brasil. Muitos se atiravam n'água e entravam ni Brasil assim mesmo. Sabe, uma mulher árabe muito boa qui morava ni Rio e já tinha furrutuna, ficou de tanta pena dêles qui foi falá cum Don Pedro Sicundo. Sinsinhora, entrou ni palácio, falou cum êle, pe-

(Cont. na pág. 32)

UMA

SURPRESA

QUE

SERÁ

RECEBIDA

POR

TODOS

COM

SATISFAÇÃO

OS GALHOS DO CEDRO

(Continuação da pág. 31)

diu, pediu e Pedro mandou tudo mundo intrá ni Brasil. Oê vê cumo era difícil?

— Eu sei, dona Nabira. Ninguém compreende melhor e desculpa melhor os pequeninos defeitos de vocês, do que eu porque vivo num ótimo plano para julgá-los. Quero muito bem à colônia. Olhe, conheço um velho paulista que foi ao Líbano num grande grupo de turistas brasileiros, naquela excursão do navio "Pier Loti". Não era missão oficial nem nada. Pois bem, êle me contou que o navio ainda não tinha chegado em Rhodes, já recebiam a bordo telegramas e telegramas convidando-os para festas e recepções. Quando aportaram em Beirute, não sabiam porque a cidade estava enbandeirada. Sabe porque? — Porque os brasileiros chegavam! Nem pôde haver discurso. Centenas de pessoas os abraçavam, falando português, dona Nabira! Cada um queria saber notícias de um Estado, de uma cidade. Choravam, gritavam — meus filhos são brasileiros! O Brasil me deu a felicidade! Os brasileiros não gastaram um tostão com automóveis, hotéis e restaurantes. Andaram pelo Líbano inteiro, encontrando a mesma acolhida em tôdas as cidades por mais pequenas que fôssem. Faixas escritas em português, vivas, comida brasileira. O Presidente da Câmara de Baalbeck falava português. A entrada da cidade tinha um arco triunfal onde estava escrito — Viva o Brasil! Ruas chamadas Brasil! O velho paulista contou que tinha um lugar onde estava havendo uma grande luta política, pois bem, quando souberam que os brasileiros passariam por lá, fizeram as pases imediatamente, unindo-se para organizar os festejos. Os piores adversários estavam amigos e contentes na hora do banquete. Em Batrum, o orador foi um cego, chegado do Brasil há dez anos. Terminou o discurso dizendo que aqui êle aprendera amar a liberdade e a independência e que só pedia a Deus para querer bem ao Brasil, tanto quanto êle mesmo queria. O senhor paulista era rapaz naquele tempo, mas chorou de emoção. Diga, dona Nabira, como é que eu posso deixar de querer muito bem vocês, de me orgulhar de pertencer um pouco à colônia?

Nabira passou as mãos nos olhos. Andava mole agora. Chorava por tudo:

— Minia filha, ieu fica satisfeita de ouvi ocê fala assim. Ieu pensa, minia filha, qui Brasil e Liban têm os destinos dêles unidos. Sérge leu um dia pra ieu qui a carta dos americanos reconhecendo Liban independente, foi datada de dia 7 de Setembro! Remédes, non parece distinos unidos?

— O Líbano tem-se desenvolvido muito depois da independência. Meu sogro falou que nem reconheceu a cidade onde nasceu, pelas fotografias que nós trouxemos. O país inteiro é cortado de estradas asfaltadas.

Sérgeio chegou do escritório. Vinha cada dia mais cedo. Beijou a avó:

— Melhor, Rainha da Inglaterra? Você sempre fica contente quando Maria dos Remédios vem vê-la. Eu já disse para Jasmim do Cabo, Remédios, para ela lhe pedir que venha sempre.

Apertou a mão da moça. Beijou a prima na testa e piscou para a avó:

— Não faço mais tolice, vovó. Só a beijo na testa ou na mão.

Maria dos Remédios riu com vontade. Jasmina perguntou à amiga:

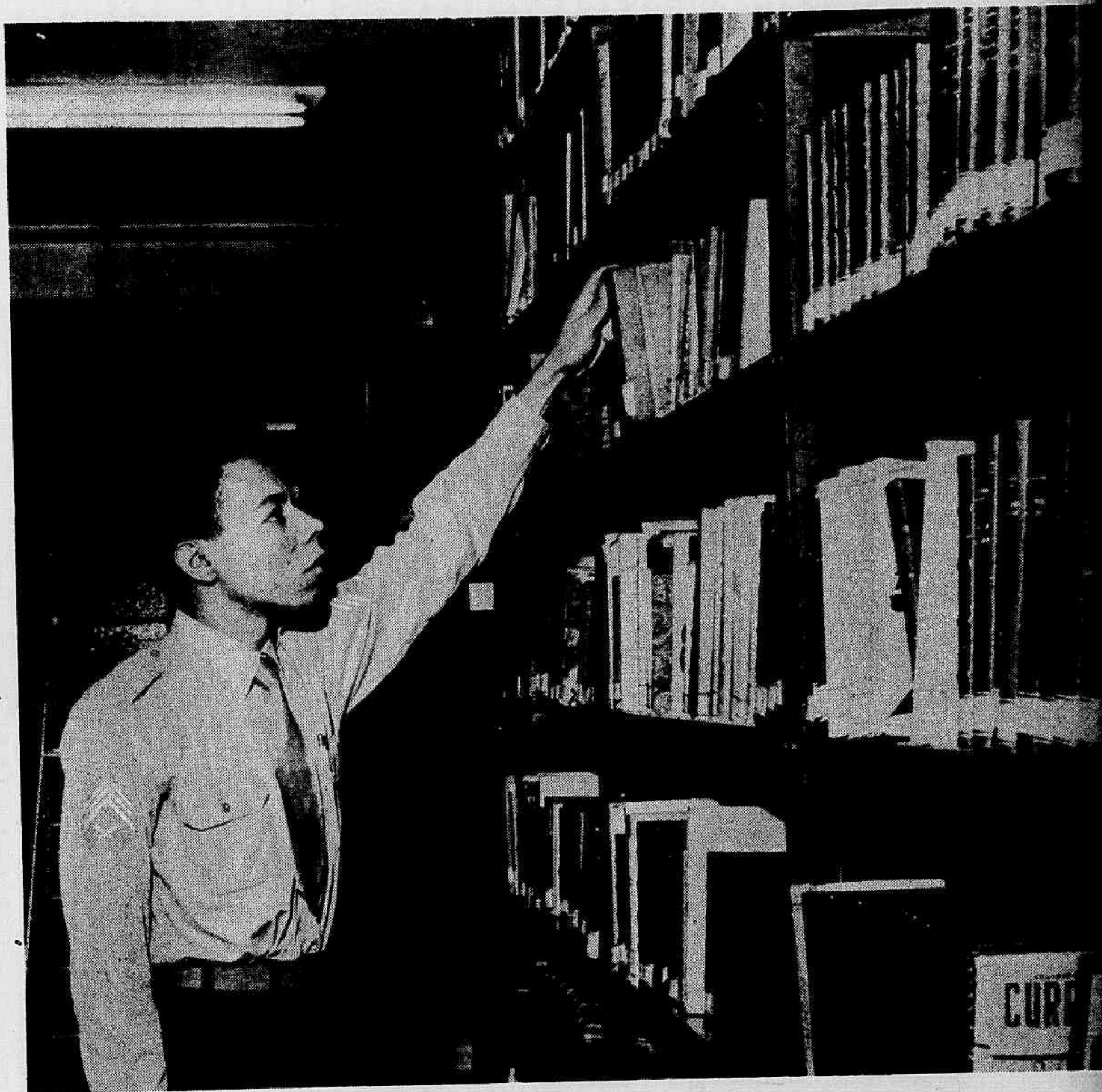
— Vous connaissez un homme plus cinique?

— Não sei, Jasmina, mas conheço poucos mais simpáticos. Meu destino era casar mesmo com libanês. Se não me apaixonasse por Jorge, me apaixonaria por Sérgeio. E você não escaparia, eim!

— Xi, vovó ficaria danada. Nunca topou a idéia de eu casar com brasileira.

— Sérge, cum Reméde ieu non importava. Mas graças Deus ela é filiz cum marido dela e ocê vai sê cum Chasmina. Alá faz tudo direitino.

(Continua no próximo número)

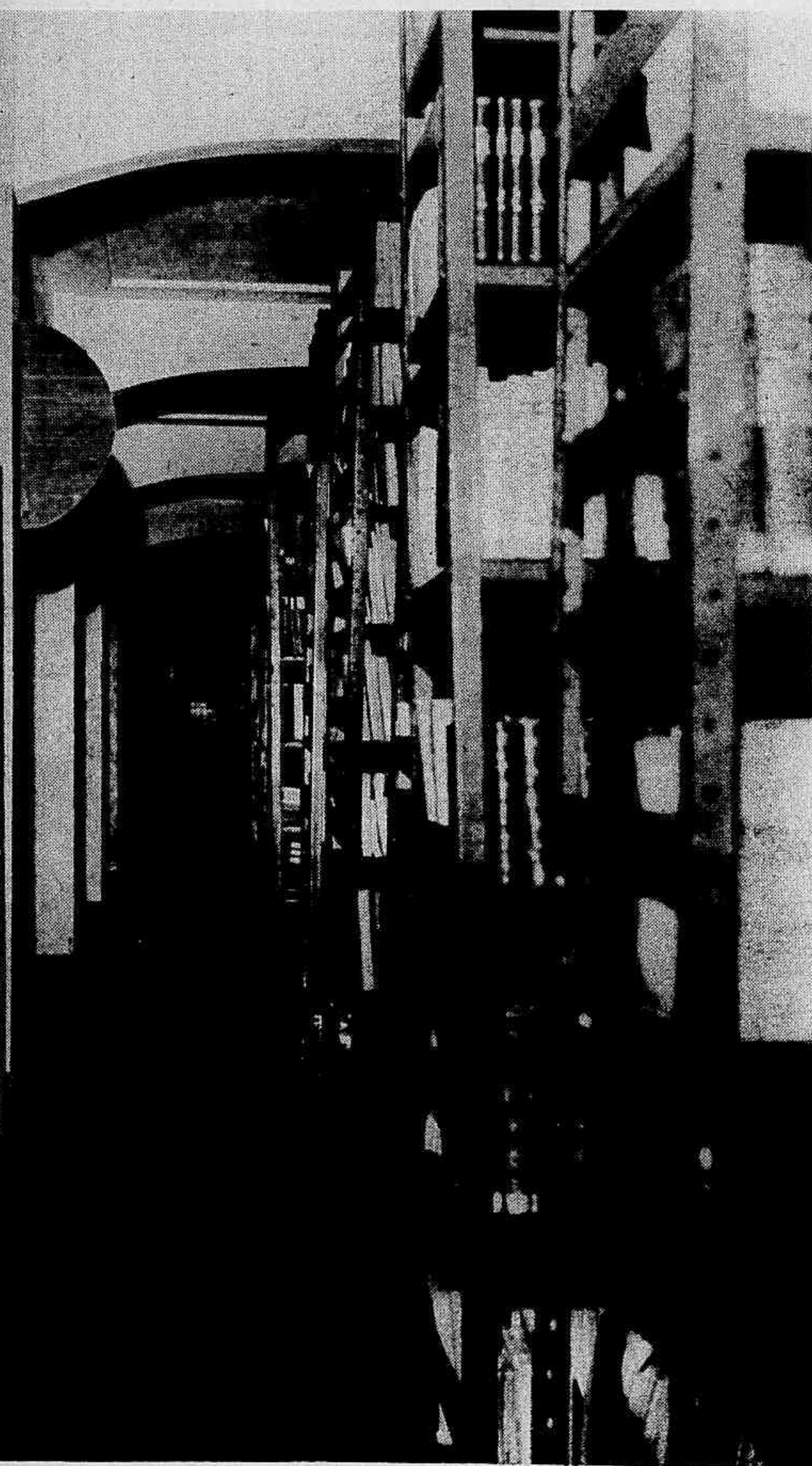


Os freqüentadores da Biblioteca têm livre acesso às estantes. Essa liberalidade estimula o espírito de pesquisa.

A biblioteca
do Exército
cresce
e se moderniza

NO TERCEIRO ANDAR do Ministério da Guerra, em plena atividade, funciona uma bem aparelhada biblioteca — a do Exército. Muitos ignoram que ela pode ser visitada e utilizada por qualquer pessoa e não apenas por militares. Ainda assim, no passeio que fizemos pelas suas salas encontramos vários estudantes do Pedro II, moças normalistas, funcionários do Ministério da Guerra que conhecem bem o caminho de uma tranqüila e arejada sala de leitura. O capitão Milton Gaspar, que nos serviu de cicerone, ia nos explicando como se trabalhava na biblioteca, no sentido de oferecer maior comodidade aos freqüentadores. Apresentou-nos tôdas as suas dependências. Percorremos a simples mas elegante exposição semanal que o estabelecimento realiza — na ocasião era de Benjamim Constant, vida e obra. Em volta, um silêncio que só existe em biblioteca, necessário ao leitor, indispensável ao estudioso. De um lado, um oficial mergulhado num volume. Aproximamo-nos e demos uma olhadela no título: era "A Geografia da Fome" de Josué de Castro. De outro, as normalistas, num grupo de três — faziam anotações. Mais adiante um praça, o bibico sôbre a mesa, preocupava-se com sua dieta literária: Olavo Bilac. Saímos prometendo intimamente voltar lá a qualquer hora e experimentar o conforto da leitura que a Biblioteca apresenta.

Com seus
dez mil assinantes,
uma filial na
Praia Vermelha,
a Biblioteca do Exército
vai crescendo e
alargando suas possibilidades.



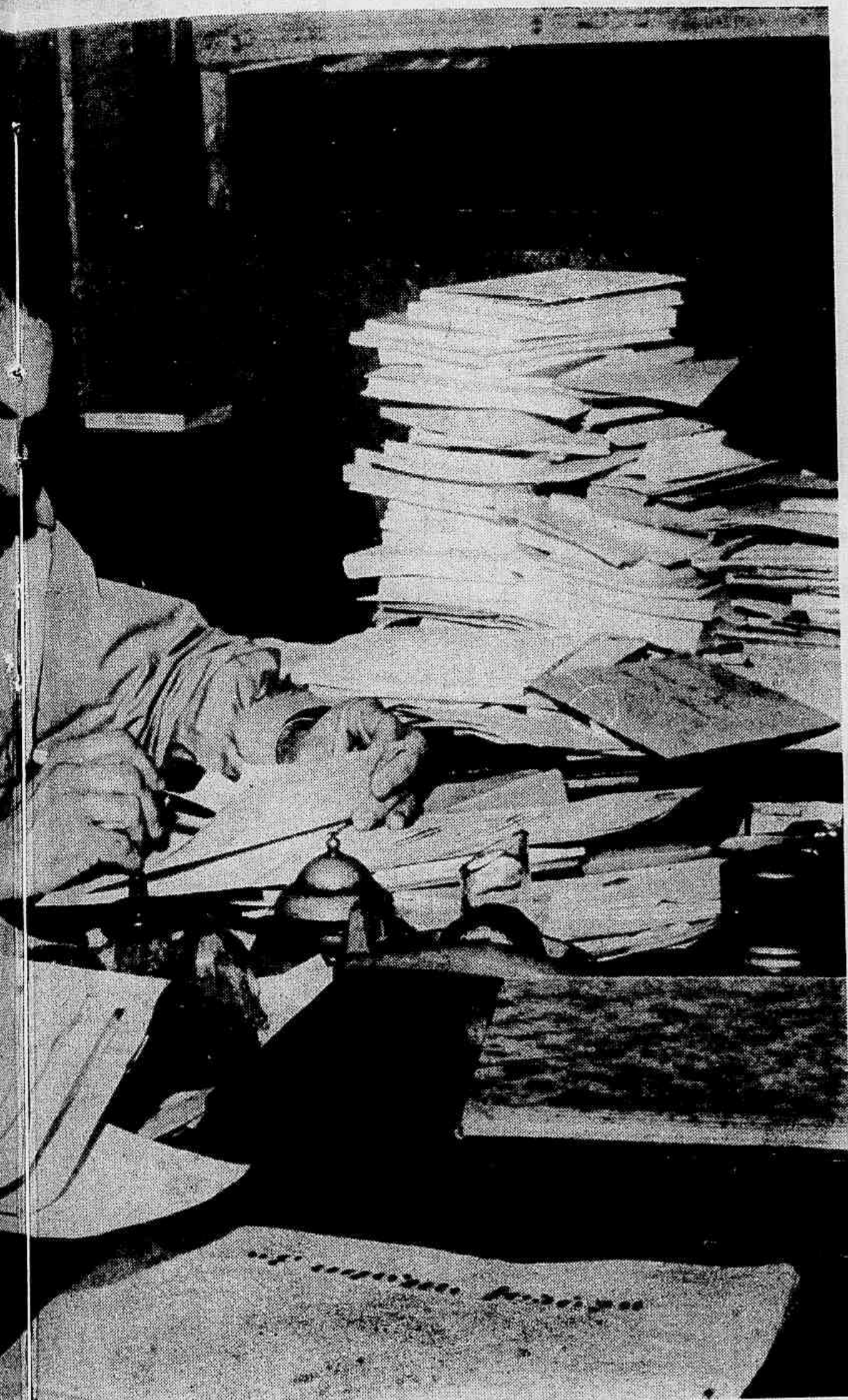
Os livros recebidos, antes muito poucos, hoje chegam diariamente às prateleiras. O acervo cresce sempre.



O Cel. Umberto Peregrino, que administra a Biblioteca há quatro anos,



As salas da Biblioteca do Exército têm moderno aspecto e oferecem conforto aos leitores.



...anos, foi o responsável pela sua modernização.

BASES MODERNAS

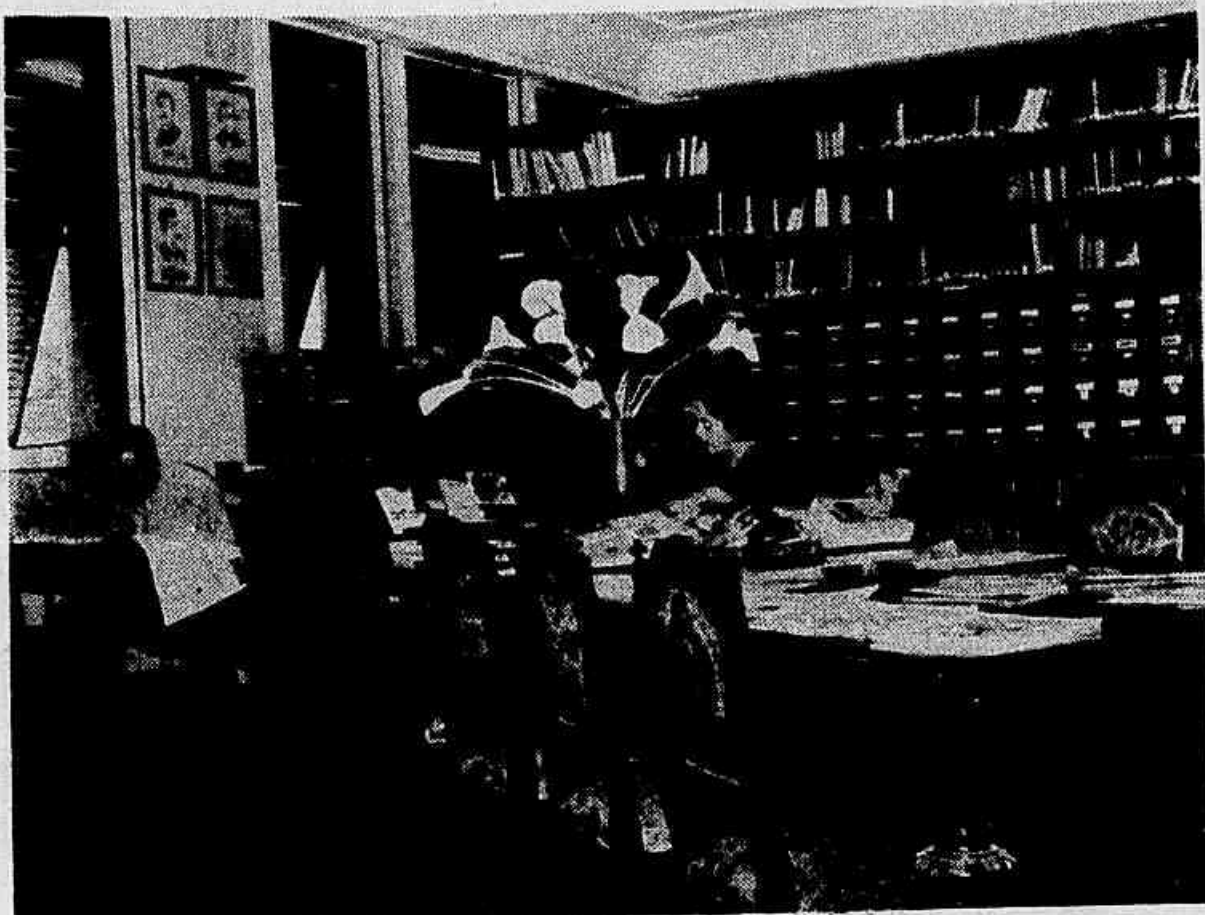
A Biblioteca do Exército existe desde 1881, quando foi fundada pelo Barão de Loreto. Fechou em 1925 e reabriu em 37, por iniciativa do Gen. Valentim Benício da Silva. Em 1954 assumiu a sua direção o Cel. Umberto Peregrino e aí surgiu uma série de modificações e modernizações. Começou-se pelo mobiliário. Ao lado do pesado colonial foram colocadas poltronas coloridas e confortáveis. Instalaram-se balcões funcionais para uso dos bibliotecários. Cuidou-se de reformar a decoração das salas, através de quadros históricos e retratos de grandes vultos da vida nacional. Com igual sentido educativo procurou-se exhibir nas mesas e estantes objetos de arte popular brasileira. Surgiu uma sala especialmente dedicada às conferências — a sala Gen. Rondon. Em mesas próprias, passou a existir uma seção de correspondência. Com ela os assinantes da Biblioteca puderam, com todas as facilidades, fazer a remessa de suas cartas. Todo este programa, que visou ampliar as atividades da Biblioteca e particularmente trazer maior união entre esta e o assinante e frequentador, teve como ponto dos mais importantes a simplificação de exigências para a retirada de livros. O próprio leitor passou a ter livre acesso às estantes de livros, o que, inegavelmente, põe em relevo e incrementa o interesse pela leitura e pelas obras que estão ao dispor do consultante. Torna-o de certo modo um pesquisador e é isto que a Biblioteca — num sentido altamente cultural — conseguiu realizar. Outra medida de grande êxito foi a criação do serviço de vendas avulsas, anexo à Biblioteca, e que passou a oferecer aos membros livros de todas as procedências e não só os editados pela Casa. E mais: com abatimento na compra, o que é de grande importância.

EDIÇÕES E PRÊMIOS

Depois de passar anos sem comprar livros, a Biblioteca do Exército, cavando como pôde as reduzidas verbas, passou diariamente a adquirir volumes, processando-se rigorosamente uma atualização do seu acervo. Agora conta, inclusive, com revistas e publicações especializadas em suas estantes, no mesmo mês em que foram editadas. Com isto vem crescendo a frequência de consultas — foram 3.288 só no primeiro trimestre do ano.

E os planos de edições vão sendo, da mesma forma, cumpridos, por intermédio de duas coleções: a Mensal, cujas obras são entregues à domicílio aos assinantes e a Coleção Taunay, destinada a venda avulsa, até agora com 12 volumes.

Também na administração do Cel. Peregrino foram instituídos vários prêmios: o "Gen. Tasso Fragoso", no valor de cem mil cruzeiros, para autores de trabalhos inéditos sobre cultura militar. O prêmio "Pandiá Calógeras", também de cem mil cruzeiros, para autores de trabalhos inéditos sobre problemas brasileiros. E ainda outros prêmios, entre eles um especialmente dedicado aos estudantes secundários.



A Biblioteca hoje apresenta — no mesmo mês em que são editadas — revistas nacionais e estrangeiras.



O cabo faz uma consulta. O estabelecimento não está aberto apenas para militares: todos podem utilizá-la.

PARA A BELEZA DA MULHER

EXISTEM, NO DIA de uma mulher, dois momentos que exigem uma limpeza perfeita da pele: antes de sair a noite e antes de se deitar. Nenhuma de vocês ignora o quarto-de-hora agitado que precede às vezes o convite para jantar ou a saída para o cinema ou o teatro.

Um olhar no espelho informa-nos que o nariz está brilhando, que o rouge desapareceu do rosto, que os cabelos estão em desalinho... E tudo deve ser reparado durante êsses escassos dez minutos. Temos a pele gordurosa? Usemos um "cold-cream" especialmente preparado para essa finalidade, tendo o cuidado de escolher uma marca acreditada e com a certeza de que nossa pele é gordurosa de fato. Os cremes à base de cânfora e de água de rosas são recomendados muito especialmente.

Tome com o dedo certa quantidade de creme, passe uniformemente sobre o rosto e faça uma primeira limpeza rápida com o auxílio de uma toalha de papel destinada para tal fim. Esfregue suavemente, com movimentos rotativos, de baixo para cima, seguindo o sentido das rugas da pele e partindo do nariz para as faces e o queixo. Volte uma segunda vez, usando um pouco menos de creme. Aplique em seguida uma terceira toalha de papel e bata de leve no rosto com a pontinha dos dedos a fim de tirar o excesso de creme. Com ajuda de um chumaço de algodão locione com um pouco de adstringente e deixe secar, enquanto faz outras coisas. A operação deve durar minutos. Pode substituir o "cold-cream" por leite de amêndoas ou de rosas, de que reproduzimos em seguida as fórmulas, a fim de que possam empregá-las eficazmente:

LEITE DE AMÊNDOAS: — Amêndoas doces — 40 gramas; amêndoas amargas — 10 grs; água de rosas — 100 grs; extrato de benjoim — 1 gr.

(Num litro de água fervida deite três colheres das de chá dêste leite e coloque a garrafa sobre a penteadeira, sempre ao alcance da mão).

LEITE DE ROSAS: — Água de rosas — Glicerina neutra — 300 grs em partes iguais; essência de gerânio — 10 grs; ácido salicílico — 2 grs.

Com os movimentos recomendados acima para o creme, recomence pela segunda vez a operação de limpeza mudando de chumaço. É inútil, em seguida, usar um adstringente, mas, a fim de fazer aderir a maquilagem e o pó, aplique muito levemente um creme de beleza nas faces e nas narinas.

Tem a pele seca? As peles secas limpam-se esfregando suavemente o rosto com algodão besuntado de creme à base de mel, de branco de baleia ou de lanolina. Eis uma fórmula excelente de limpeza para cutis sensíveis:

Água de rosas — 15 grs; manteiga de cacau — 10 grs; mel de abelha — 15 gramas; branco de baleia — 25 grs; óleo de amêndoas doces — 25 grs.



NOVOS PENTEADOS DE



♦ **MESTRES - CABELEIREIROS** do mundo inteiro reunidos em Paris, por ocasião do Festival da Moda, apresentaram novos modelos de penteados para a próxima estação: ao alto, à esquerda: as estrêlas Yolande Magny e Daniele Saintouin, com penteados denominados "coliffures fleurs". A direita, o manequim Patrícia exibe a linha "drquidea"; em baixo, à esquerda: Line exibe uma criação do famoso cabeleireiro Antônio, inspirado da linha "juventude".

PARIS



Prof. dr. Sousa Martins, grande médico de Portugal e do mundo e um dos maiores oradores de seu tempo.

O MÉDICO PORTUGUÊS SOU

NUMA TARDE de outono, há sessenta e seis anos, a chuva chamou a noite mais cedo. Os bicos de gás, que iluminavam as ruas com tremores azulados, enchiam de silhuetas indistintas os estabelecimentos, enquanto os acendedores de lampeões, cruzavam as esquinas, na sua correria de mágicos de estrêlas, deixando nelas flores de luz, dentro de inestéticas caixas de vidro, que eram os candeeiros públicos dessa época.

Lisboa, tem ainda grandes vultos românticos. Eça de Queiroz e Ramalho Ortigão — um com o seu realismo romanceado e o outro com o seu naturalismo descritivo — já conquistavam admirações. Vive-se muito pelo coração. Até os cientistas se lhe dedicam. E, nessa noite de 1892, um homem magro e taciturno, de casaca e chapéu alto, acaba de entrar num carro, na rua de São Paulo. Perante o seu vulto austero e antes que os cavalos se pusessem em movimento, dois miseros ajoelharam. Quem é? Chamaram-lhe, numa voz repassada de lágrimas, “o maior coração de Portugal”. O carro subiu a rua do Alecrim e entrou no Bairro Alto. Mal afamadas, estas ruas de amor fácil e de ventura difícil, não recebem com surpresa o ruidoso patear dos cavalos nas pedras irregulares, que vai cortando o silêncio notívago. Boêmios, pairam freqüentemente, por ali, barulhentos e grosseiros, deixando indiferente a curiosidade morta do mulherio.

Parou o carro, por fim, na rua da Barroca. O seu ocupante desceu, disse umas palavras ao cocheiro, desaparecendo, em seguida, por um portão negro e fétido. Aventura amorosa? Não, porque alguém que o reconheceu, segredou para um companheiro: “O pai dos pobres vai visitar algum desgraçado...”

SABIO DE PORTUGAL E DO MUNDO

Medicina sem coração pode valer como ciência pura, todavia falta-lhe quase sempre humanidade. O médico dr. Sousa Martins vive estas palavras, enobrece-as com o seu apostolado clínico, traduzindo-as freqüentemente em fraternidade. Quantas vezes não tem saído do seu consultório da rua de São Paulo, assim e até a horas mais tardias, para ir visitar enfermos que vivem em ruas pobres e nos bairros mais imundos? Vêzes sem conta. No Hospital de São José, como por casas onde nunca entrou nem a felicidade nem a fortuna, chamavam-lhe, e nada mais justo, “o maior coração de Portugal”.

É que este abnegado médico, junto dos que sofrem fisicamente, fala-lhes como um pai, deixando em seus pobres lares remédios e dinheiro.

Chamava-se José Tomás de Sousa Martins e nasceu para a medicina. Estudou as primeiras letras em Alhandra, sua terra natal, no outro lado do Tejo. Em Lisboa, e a expensas dum tio, dono da Farmácia Ultramarina, situada na rua de São Paulo, frequentou o então Liceu Nacional, completando brilhantemente o curso de Humanidades. Mais tarde, no estudo das Ciências Naturais, na famosa Escola Politécnica, fez-se notar pelos professores. Aluno aplicado, curiosidade insatisfeita de saber, concluiu, em 1864, o curso de Farmácia, dois anos depois, o de Medicina. Defendeu tese com grande desassombro. Esperava-o a glória.

Durante os trinta e um anos da sua carreira de médico brilhante, quer na cátedra, no hospital ou na tribuna, foi um mestre e jamais teve tempo para repousar. Professor eminente, era querido dos alunos; conversador emérito, encantava quem o ouvisse. Honras e admirações, tudo porém punha sempre de lado, para correr à cabeceira dos doentes, principalmente daqueles que não lhe podiam pagar.

Enfêrmo êle também — poucos sabiam que a tuberculose o minava desde a adolescência — adquirira a triste certeza de que a vitória de o derrubar lhe pertenceria por fim. Tratava-se, mas escondendo de todos a pertinaz doença, pois o seu tempo pertencia aos que sofriam e não a si próprio. Deu-se, sem dúvida, de alma e coração, a quem precisava dêle como médico. E, de si para si, na observação da atormentada e combalida paisagem humana, que freqüentemente tinha diante dos olhos, costumava dizer que os verdadeiros heróis são os que passam pelo mundo sem pão nem saúde para aguentar o fardo da existência.

Sábio da Medicina, Sousa Martins, orgulhoso do seu berço, ribatejano, enchendo a Lisboa do seu tempo, vivia na saudade da paz dos campos. Dava o cérebro e o coração aos seus enfermos, porém a alma perdia-se, num vagabundear sem fim, lá de quando em quando, à beira benéfica das árvores e ao fio murmurante dos rios. Em carta à escritora Maria Amália Vaz de Carvalho, cujo salão, a Santa Catarina, por vêzes frequentava, disse-lhe, quando esta ilustre mulher de letras estava em férias: “V. Exa. vê flores, eu... enfermarias; respira-lhes a fragrância e eu, miasmas; lê versos, eu leio relatórios sobre a febre amarela; passeia ao ar livre e eu na confinada atmosfera do trem n.º 39; não ouve falar de política e eu vejo, todos os dias uma duzia de progressistas; ouve “apenas” o canto das aves e o murmúrio dos regatos, eu ouço as “mil desarmônicas” de 24 de julho; e, finalmente, — supremo contraste — V. Exa. escreve para jornais e eu escrevo para... as boticas!” Saudoso do campo, saudoso da sua terra natal, lá acabaria, numa madrugada de agosto de 1897, depois de ter levado o seu nome por toda a Europa à frente dos maiores sábios da medicina.

O MAIOR ORADOR DO SEU TEMPO

Como conseguiu Sousa Martins ter horas para tantas ocupações? Chega a duvidar-se que pudesse repousar, cada noite, mais do que uns escassos minutos. Diretor da cadeira de Patologia Geral, da Escola Médica, desde a sua criação, em 1876, dedicou-se-lhe apaixonadamente, sem faltar aos seus doentes do hospital e da sua clínica particular e da sua clientela sem recursos.

No relato de diversas comissões, como, por exemplo, “Farmacopéia geral do Reino”, da qual fôra encarregado de redigir, mostrou-se brilhante como de hábito. Havia nêle, como nos gênios munificentes, o gênio da liberalidade êle foi, o supremo gosto de oferecer-se em palavras e ações. Não conhecia a palavra exibicionismo, mas conhecia e a praticava, a palavra convivência. Tinha o gosto da oratória porque tinha o prazer de confraternizar.

SA MARTINS, GRANDE FIGURA DA HUMANIDADE

Lisboa — Via Lufthansa. (Da enviada especial da "Revista da Semana", FERNANDA REIS)

"Sousa Martins, foi no consenso de todos os que o ouviram o príncipe dos oradores do seu tempo" — disse o prof. dr. Fernando Emydio Garcia. Sousa Martins era somente mestre de si mesmo e discípulo de si próprio. A seu respeito escreveu o célebre Manuel Bento de Sousa: "Ouvi os grandes oradores do país, e falando só dos mortos, ouvi Malhão ainda na suavíssima fluência da sua prédica, Garret nos mais ostentosos debates parlamentares, José Estevão nas mais violentas objurgatórias políticas, Rebelo da Silva nas mais amenas das suas orações literárias, António Augusto de Aguiar nos mais completos dos seus discursos científicos. A nenhum deles vi fazer o que fazia Sousa Martins: corria-lhe a oração como um rio caudaloso e nas margens desse rio ia ele pondo uma continuada bordadura de vergeis floridos em conceitos, chistes, epigramas. Isto, quanto à palavra sem paixão, porque, se lhe molestavam o amor próprio, secava num momento o rio, e do espírito em vulcão, só espadanava a lava candente que tudo abrasava."

Trabalhando a medicina contra o diabo, pode dizer-se que Sousa Martins trabalhava para Deus, pois, como médico, era um crente. Aderimos, por conseguinte, à opinião do dr. Carlos Tavares, que foi seu discípulo: "Sousa Martins foi, sem receio de desmentido, o mais inspirado professor do seu tempo, porque foi um crente. Dir-se-ia, ao ouvi-lo — surpreendido que fôsse em qualquer ocasião da sua vida de professor — que a ciência nascia naquele mesmo momento e, iluminado pela inspiração que deriva da crença nas grandes verdades, procurava em torrentes de eloquência, transmitir aos que o ouviam, a mesma fé que o iluminava."

Catedrático da Faculdade de Medicina de Lisboa e da Sociedade de Ciências Médicas, foi eleito, aos vinte e quatro anos, para a Academia de Ciências, ingressando, também ainda muito novo, nas Academias européias. Obteve louvores, homenagens e consagrações, que costumam perturbar os espíritos famintos de vaidades terrenas e que a ele, deixavam, contudo, sereno e ocupado nos vários trabalhos a que se consagrara. Foram seus cuidados, sem tréguas, pela saúde do seu país e na do mundo inteiro. Notáveis também as suas contribuições para o melhoramento do Lazareto, em Lisboa, para combater a invasão da cidade pela febre asiática e para reformar o "Formulário de Medicamentos". A Sociedade Farmacêutica de Lisboa e a Sociedade de Geografia tiveram-no como um dos seus mais valiosos colaboradores. Vivia dentro da sua época e sempre na frente de todos e, embora eminente, afastava de si quaisquer assomos de vaidade.

Em Viena da Austria, durante a Conferência Sanitária Internacional Médica de 1897, ano da sua morte, conquistou os maiores triunfos entre os seus pares. Falando primorosamente o francês como falava o português, despertava espantos entre as sumidades da ciência de Hipocrates. E com Sousa Martins começou, realmente, a medicina socializante, pois este sábio sempre combateu pela saúde coletiva e pela salvação dos povos.

O escritor Samuel Maia, que foi seu discípulo no último curso que o Mestre deu, escreveu, dentre outras, as seguintes palavras: "Sousa Martins marcou o ponto de arranque para a ciência experimental, denunciando-a e experimentando, com eloquência fascinadora, os novos conceitos e práticas, ensaiados no laboratório".



Toma conhecimento desta crença do povo a alma do grande sábio português?

O COMETA

MAURO IVAN



LAUSIMAR LAUS



SEU ANTERO chegou ao hotel de tia Amália, num desses silenciosos dias de inverno. A cidade, quase vazia, deu-lhe a impressão de tê-la comprado. Era um misterioso sentido que dêle se apoderava. Uma euforia, um não sei quê de arrebatamento. Esperava ter encontrado, enfim, a sua cidade. Aquela fisionomia encantadora da velha Brusque, com suas casas à moda européia, suas janelas deixando escapar ao sol daquele inverno cortinas brancas e sôltas, veio realmente confirmar aquêlê palpite, que lhe viera ao coração, de que ia ser muito feliz ali. A carrocinha de verdura, guiada por frau Muller passava na ocasião e foi ela mesma que indicara o hotel, num português meio atrapalhado:

— Hotel Guerreiro. No corrida dêsse rua, lá no fim.

Seu Antero, com ares de grande viajante de tecidos, vestindo sua casimira marrom, disse um **muito obrigado** cantante e risonho e lá se foi buscando, no fim da rua, o hotel Guerreiro.

Tia Amália o tinha comprado do defunto Pedro Guerreiro, quando a crise de 27 fê-lo devedor de quase todo o Estado. Era um casarão arejado e limpo, com fisionomia de solar alemão, estilo meio gótico, meio dinamarquês, misturado ainda a uma concepção heterogênea de um sujeito que fôra padre na Alemanha e desertara do sacerdócio para a engenharia, chegando em Brusque fazendo casas, lá pelas tantas de 1910. Muitos o achavam meio louco. E era mesmo. Fugia de vez em quando, de um lugar para outro, errante sempre, até que se casara com Maria. Já era velho. Maria era moça, moça, como cravina ao sol. Pescoço fino, porte elegante, e uma cabeleira loura e ondulada que fazia gosto. Ele punha Maria no colo e carregava através da ponte sobre o rio, num ritual amoroso, como quem carrega uma braçada de flores. Ia e vinha devagarinho, — contava o velho Sinter — e depois que com cuidado depunha Maria em baixo do abacateiro gigante, à margem da estrada que vai para Itajaí, punha as mãos no rosto e chorava um choro convulso e desabrido, como quem desata a alma em público.

Começava as casas e não acabava nunca. Quando as cumieiras já iam lá pelos ares, numa inesperada manhã êle sumia. Depois retornava. No caso do hotel do velho Guerreiro êle se foi e não mais voltou, até que João Peiter, o velho arquiteto improvisado e prático, que sempre fôra o acabador das obras de Santa Engrácia do nosso estranho ex-padre, doutor Loetchel, terminou a empreitada, com sua nota exótica de pouco conhecedor dos assuntos de arquitetura. De modo que o hotel era uma espécie de amostra em retalhos de várias côres, concepções e muitas idéias. Mas não ficava feio aquêlê seu aspecto múltiplo. Pelo contrário, era um tom alegre da cidade, cheio de vida e de graça. Ficara com o apelido de obra de Santa Engrácia, só porque o velho Guerreiro esperara dois longos anos pelo dr. Loetchel. Enfim, resolveu dar a empreitada a João Peiter. Os próprios hóspedes só o conheciam por Santa Engrácia. Por dentro estava quase pronto, mas o revestimento e a pintura exteriores continuavam por ser ultimados. Assim mesmo os hóspedes não deixavam o hotel nem um só minuto vazio. Até o sótão alojava gente. Era um grande salão-dormitório, como se fôsse de colégio, com umas quarenta camas enfileiradas. Ali dormia o grosso. Isto é, os viajantes que chegavam de madrugada e tinham Brusque apenas como passagem, os muitos que já não encontravam quartos separados. Tudo correu sempre bem, até que um dia um sujeito de dois metros de altura, cansado da grande viagem através do sul do Estado, chegara de madrugada e caíra no profundo sono. Alta noite chegara Pedro Gentil, sujeito levado do Diabo, que com uma fome de arrasar, comeu no hotel o resto da feijoada do almoço, única coisa que havia e meteu-se na cama, a que restava, ao lado do comprido viajante de dois metros. Lá pelas tantas, uma tormentosa dor de barriga não lhe deu tempo para nada. Foi aos pés. Mas deixou cair, ao passar, as calças do companheiro da direita, que descansavam amolecidas e engelhadas dos rudes bancos dos carros de mola, ali perto dos pés da cama, onde

se tinha livrado da grande agonia. Fêz um desabafo de surpresa e perguntou a si mesmo: — que fazer agora? Nada adiantaria, já que cobriram toda a extensão conspurcada no assoalho limpíssimo. O que era preciso era dormir. Dormir, esquecer, fazer que nada vira nem ouvisse. E meio sorridente, com um ar safado, olhava, de soslaio, a cara esgaçada para a direita do sujeito magriça e alto que roncava como um danado. E ria de novo, baixinho, até que cobriu a cabeça para dormir melhor, sem aquele incômodo e mal-cheiroso ar.

Quando no dia seguinte abriu os olhos, viu que dormira tão profundamente nem percebendo o movimento que devera ter sido grande, pelo aspecto novo que se apresentava diante de seus olhos. O chão já lavado, o ar limpo e sutil, com cheiro de alfazema queimada lembrando alcova de neném recém-nascido, as camas já feitas, e nem sinal do magriça vizinho.

Tomou as calças, vestiu-se, e muito senhor da situação desceu a escadaria para o café. Quando passou pela portaria, que horror! Era o magriça! O quadro era desses de fazer rir a mais seca das criaturas. Quase não se podia conter. O magriça com as calças de seu Guerreiro, cobrindo menos uns sessenta quilos de gordura, formavam uma longa prega atrás, como indumentária de palhaço decadente.

Não era nada com ele, é claro! Pigarreou fundo, como homem grave e austero e foi sentar-se à mesa em frente ao corredor, rindo dentro. O magriça passava para lá e para cá, de mãos para trás, falando interminavelmente. Quando chegava em frente do velho Guerreiro dentro do balcão da portaria fazendo as contas dos hóspedes, de dedo em riste, perguntava cem vezes:

— Que é que vou fazer? Diga-me por favor, diga! Já perdi a condução. O negócio me espera em Itajaí. E as minhas calças para sair daqui dessa bodega? Diz, desgraçado, o que é que eu vou fazer?

Seu Guerreiro, caladão, aquele tique nervoso de fungar três vezes a todo o instante, a mão espalmada no ar, procurava conter a tormenta:

— Home, essa! A calça vai enxugar. Daqui a pouco esta pronta... (e fungava de novo).

O magriça ia outra vez e voltava, com aquela mesma história, de dedo quase na cara do velho.

Pedro Gentil ria dentro sempre, ria, ria e só se soube que foi ele, quando chegou em Itajaí estourando a garganta de rir, contando o caso. Era mesmo um safado! E continuava o velho Sinter a contar os antigos casos do hotel, espalhando nuances de sua saudade ali mesmo, lugar em que quando moço levou a melhor no seu clássico e bem cuidado carro de molas. Tia Amália suspirou por fim:

— O hotel vai bem mal, sim senhor, credo!

— Mas porque, dona Malha? O velho Guerreiro ficou rico! É verdade que depois ficou endividado, mas tudo por causa da Ginoca, aquela finória! Tanto tentou o velho, que agarrou tudo dele!

— Qual, seu Sinter! Hotel nunca deu dinheiro a ninguém. Aqui a gente só encontra calotes...

— É... é o diabo... mas também, a senhora que tratá os hóspedes a pão-de-ló e vinho...

Nisso já vinha entrando seu Antero. O velho Sinter piscou para tia Amália. Aquê, sim! Aquê era hóspede! Com esse a coisa iria melhorar. Tinha cara de gente do Rio. Ali até o sapato falava... Era sujeito cheiroso. Eta! Assim vale a pena tê hóspede. Pensava quase alto. Era preciso trancar os lábios para o pensamento não sair pulando, fazendo feio.

Assim ficou seu Antero, muito bem instalado, na cheirosa cama do quarto nove, com lençóis de pelúcia (flanela) e acolchoado de pena, aconchegado nas manhãs tiritantes. Foi o inverno, veio o verão, e ele saía nas manhãs para correr a praça. Era o viajante mais bem pago do Brasil, dizia. Cada dia um terno elegante e cada domingo um chapéu novo. Quando passava na praça, as moças corriam logo anunciando dentro de casa: Passou o cometa!

E seu Antero ficou como astro de primeira grandeza da linda cidade sulina.

Os dois primeiros meses pagou direitinho o hotel, deu régias gorjetas ao garção e encantava cada vez mais com sua prosa viva. De repente começaram a falhar os cobres. E conversava mais, mostrava-se mais triste e perguntava a si mesmo, alto, alto, na porta do hotel se a firma não teria recebido seus telegramas, pedindo urgência do dinheiro.

E todos os dias continuava a levar sua mala pesada, pesada e voltava sempre com o mesmo peso:

— Cidade infeliz! Não se vende nada. Corri a praça e pra mal de meus pecados, nem um colarinho!

Um belo dia, quando dezembro já se preocupava com as festas de Natal, seu Antero quase chorando, veio pedir a tia Amália:

— Dona Amália, que amargura! Não posso continuar assim. A firma não responde. É o telégrafo? Será o correio? Vou ver do que se trata. Vou até o Rio e deixo em meu quarto as malas, correndo tudo por minha conta, é claro, até o mês que vem. Quando voltar pago tudo e levo as mercadorias.

Tia Amália olhou por cima dos óculos, simples e mansa, boa e meiga, aquiesceu:

— Pode sim, seu Antero. O sr. é que é bondoso confiar em nós com essa valiosa mercadoria... mas o sr. está tão aflito...

— Não senhora, confio, é claro, sou psicólogo. Vejo que é boa gente, que é gente de palavra...

Na manhã seguinte despediu-se e lá se foi no carro de molas de seu Sinter, cheirando a "Fleurs d'amour" parisiense, sozinho, limpinho da silva, sem até nem um embrulho. A mercadoria valia muito. Eram fazendas de lá francesa principalmente. Perfumes franceses, tudo coisa fina.

Tia Amália não saía mais de casa, só com medo de assaltarem a mercadoria de seu Antero. Todo cuidado era pouco. Que responsabilidade! Já não se importava com o dinheiro, que eram vinte contos de hospedagem. Seria até melhor perdê-los. Aquê mil contos que seu Antero deixara em mercadoria é que a estavam deixando doente. Tomara que ele viesse de uma vez buscar aquela história!!

Os dias passavam lentos para tia Amália, mas na folhinha já o ano seguinte ia pela metade e nada de seu Antero.

Um dia Gustavo, o filho mais velho, resolveu.

— Vamo abri as mala. É capaz do home tê morrido, gente! Se morreu, morreu. O caso é que não se pode ficá assim. A mamãe, quase morta de **pensão** por causa das mercadorias, o quarto vazio pesando nas costas da gente, e os vinte contos, nada. Vamo abri as mala.

Tia Amália quase morre.

— Deus me livre. Isso é crime! Isso nunca!

E ia mais tempo passando sempre, até que um dia tio Honório resolveu. Aquilo não podia mais continuar. Ia chamar a polícia para abrir. Tiraria os vinte contos em mercadoria, de acôrdo com o que lhe era devido e deixava o resto com a polícia. Ela que resolvesse.

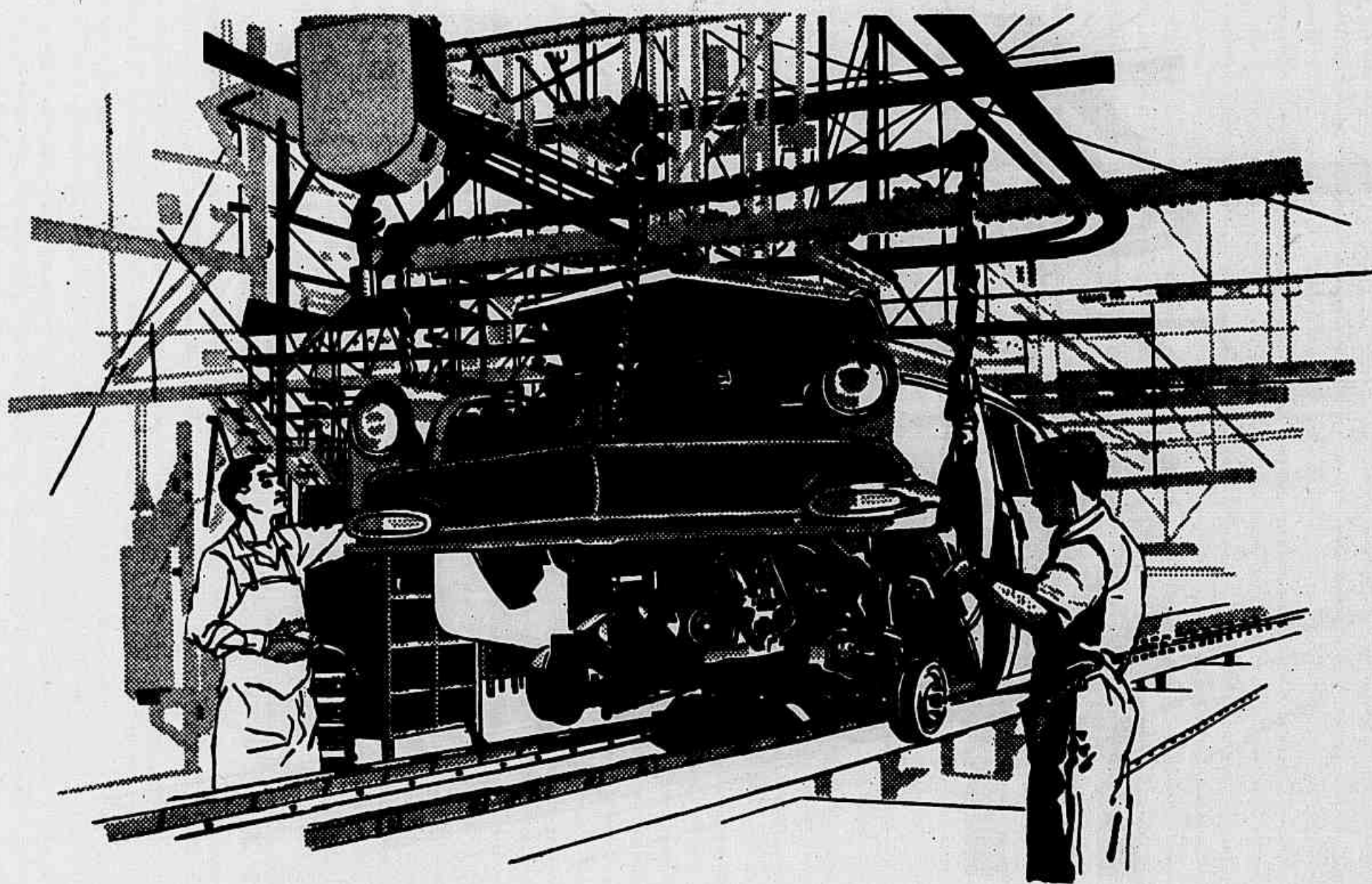
E foi. A polícia chegou, seu Sinter, tio Honório, tia Amália e Gustavo levaram os **tiras** para dentro.

Começaram a arrombar. Foi como se a casa viesse caindo aos bocados em cima da cabeça deles. As oito malas, uma após outra, só deixavam ver, depois de abertas, cada tijolo enorme, igualzinho aos que frau Muller empilhou em frente da casa para as obras. Tudo arrumadinho, disposto, como dominó em brinquedo.

O velho Sinter foi à cidade para contar. Certificou-se então de que o **Cometa** vendera toda a mercadoria nas principais casas do ramo. E voltando, afirmou para tia Amália, batendo com a mão fechada dentro da palma da outra:

— Sim senhora, que sujeito mais "ordenaro"! Eta la guerra! Na certa, de noite, quando já trazia a mala vazia, enchia de tijolo para ir enchendo as outras "devagarinho"...

Tia Amália não falou uma semana. Decididamente estava atacada de "hospedofobia". O hotel foi passado adiante para um húngaro, o Debassolis, que até hoje respeita à entrada os viajantes que vêm cherando a essência francesa.

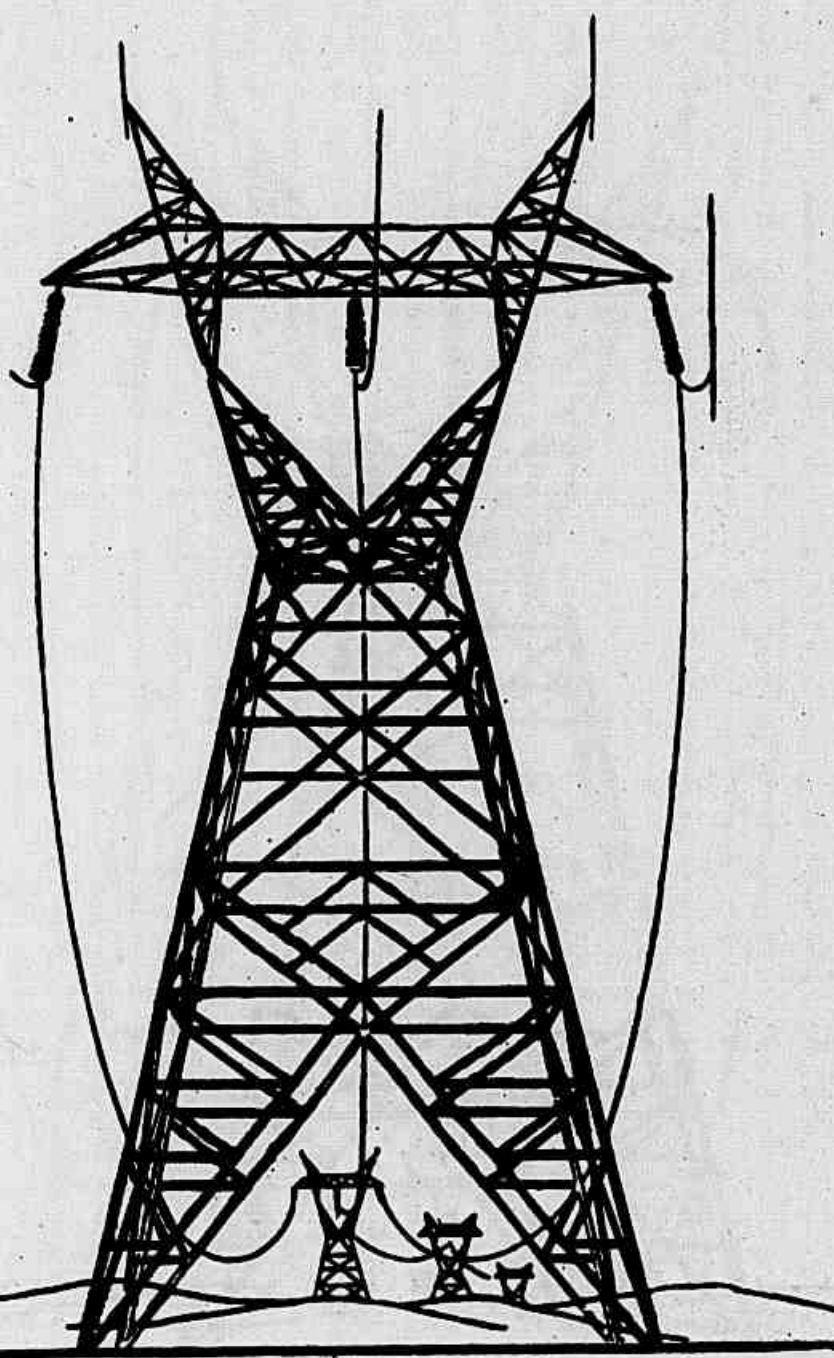


AUTOMÓVEL BRASILEIRO *fruto da planificação*

O automóvel brasileiro, sonho tão recente, é hoje admirável realidade.

O plano-diretor de criação e incremento da indústria automobilística nacional, elaborado pelo Governo do Brasil, recebeu o apoio resolutivo da iniciativa privada.

A nova indústria automobilística brasileira estabeleceu-se fundamentalmente na área Rio-São Paulo, onde a energia elétrica, desde o princípio do século, vem contribuindo para o progresso industrial do Brasil.



A SERVIÇO DO PROGRESSO INDUSTRIAL DO BRASIL

A COMÉDIA HUMANA



Interior de um dos oito estúdios da TV-NBC de Nova Iorque durante um programa educativo.

A PROPÓSITO DE... TELEVISÃO

CARLOS A. NASCIMENTO

A TV NO MUNDO — Existem em nosso planeta 58 milhões de aparelhos de TV em funcionamento dos quais 41 milhões estão nos EE.UU., seguindo-se a Grã-Bretanha, União Soviética e Canadá nos segundo, terceiro e quarto lugares, respectivamente. No mundo latino, a França, que no cômputo geral é o sétimo atrás do Japão, é o primeiro; a seguir vem a Itália e em terceiro o Brasil com 380 mil aparelhos (legalizados), sendo portanto a primeira potência latino-americana em televisão.

Em Gratz, capital da Styria (Áustria) para se assistir um programa de TV é necessário que se deposite uma moeda na caixa coletora do aparelho. A moeda dá direito a uma hora de programa e ao fim dos 60 minutos outra moeda deve ser depositada sem o que o aparelho se desliga automaticamente. Os programas de TV na Áustria não têm anúncios.

O Uruguai não tem estação transmissora de TV, no entanto, existe em funcionamento 5 mil aparelhos naquele país vizinho. Explica-se: os uruguaios sintonizam o canal 7 de Buenos Aires.

Os três únicos países que possuem sistema de televisão em cores são: Estados Unidos, URSS e Cuba.

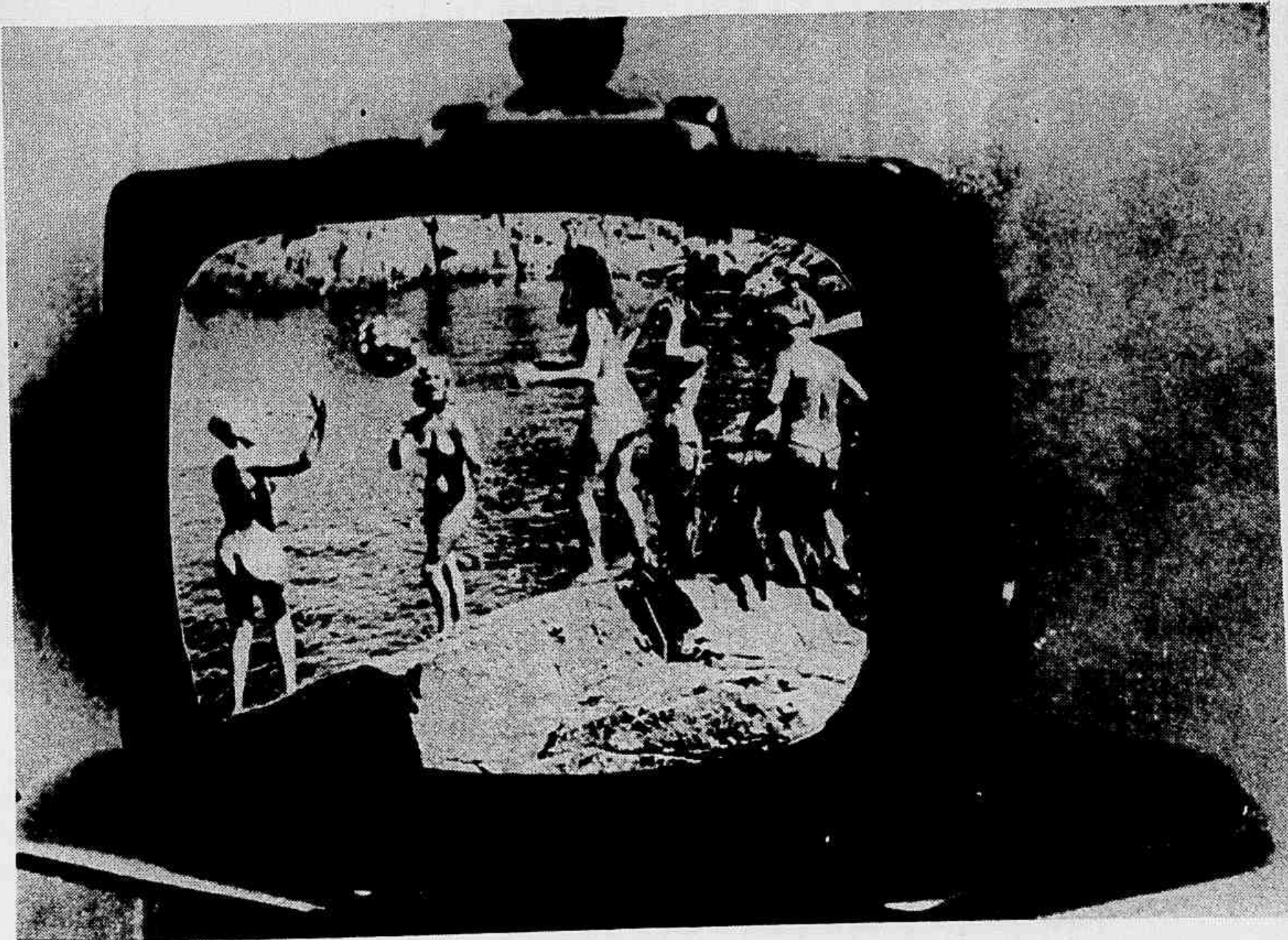
O diretor de orquestra e animador da Rádio-Televisão do Japão (NHK) chama-se Ricardo Santos!

ARTISTA DE TV CANTA EM "DIALETO" PORTUGUÊS

O cantor-pandeirista brasileiro Kiko Gonçalves (?) que atua no "night club" "Viennese Lantern", foi convidado a atuar num programa de televisão da CBS, de Nova Iorque. Até aqui nada demais. Acontece que no dia seguinte a crítica especializada assim se referia ao nosso compatriota: o cantor, que veio do país carioca, canta em **dialeto** português além de fazê-lo também em francês, espanhol e inglês, impressionou muito favoravelmente o público telespectador na noite de ontem".

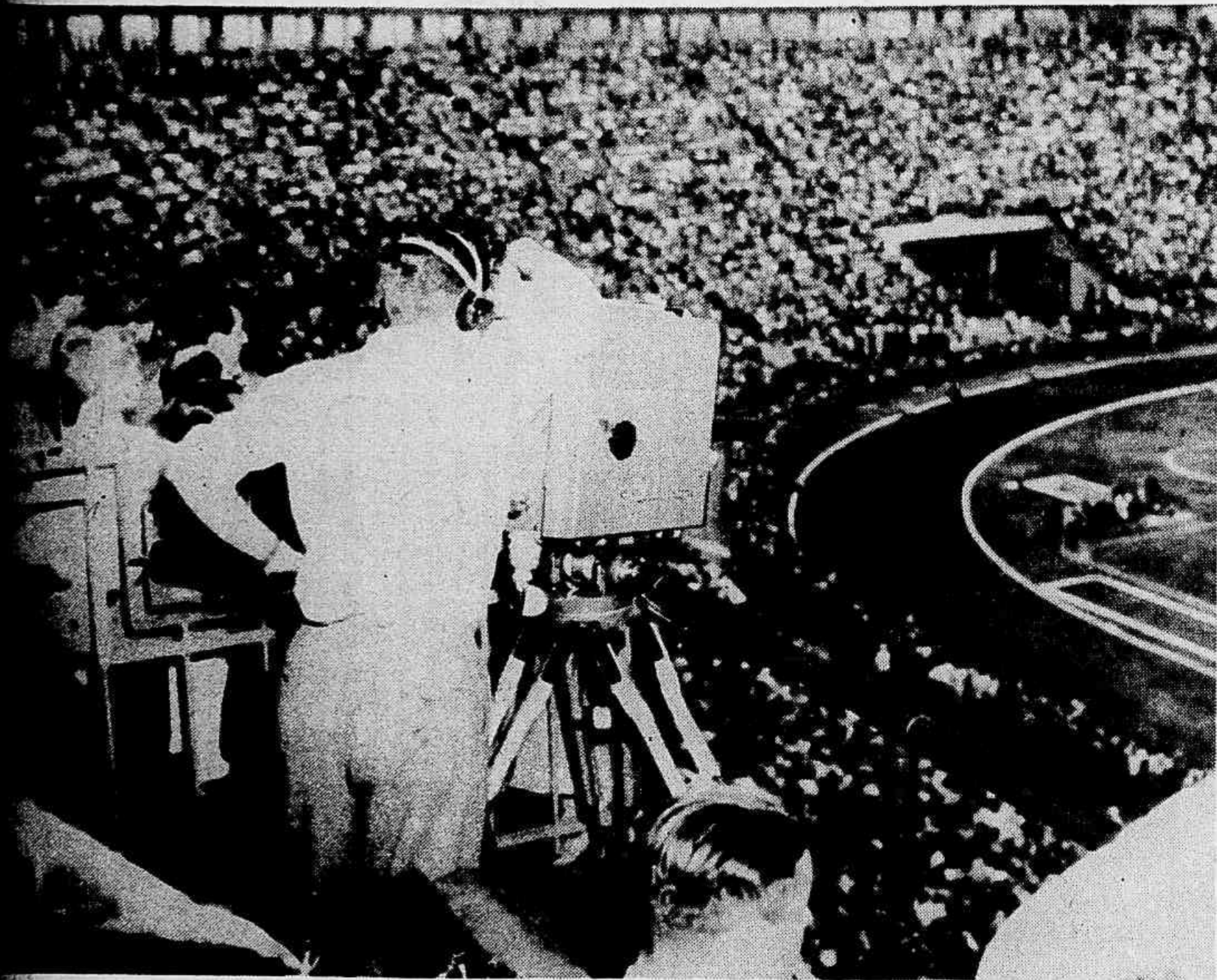


Demonstração de "rock'n'roll" na American Legion Stadium, de Los Angeles, um programa que causou furor nos EE.UU.



Programa de televisão britânica focalizando a colônia de nudismo da Ilha de Levant.

A COMÉDIA HUMANA



O Brasil, apresentando um extraordinário desenvolvimento no campo da televisão, conta hoje com cerca de 380 mil aparelhos registrados, colocando-se desta forma em primeiro lugar entre os países latino-americanos.



Televisão não é só entretenimento. Por médicos e dentistas como elemento psicanálise educacional é evidente, como

NUDISMO NO VIDEO

Londres é uma das cidades mais liberais do mundo. Lá, o conceito de pudor e de decência é bem diverso do de outras cidades. Agora mesmo, a televisão comercial britânica apresentou um programa absolutamente inédito. Em sua série "Out of Step" (Fora do Comum), fazendo jus ao título da série. O programa consistiu de uma reportagem (feita em caráter seriamente documental) sobre as diversas colônias de nudismo existentes no país. Nudistas (homens, mulheres e crianças) apareceram de corpo inteiro diante das "cameras", jogando, conversando, fazendo refeições, trabalhando, enfim fazendo tudo que costumam fazer durante seus dias nas colônias. O programa teve início focalizando o patriarca do nudismo que apareceu com os trajes que Adão usava no Paraíso e declarou acreditar que dentro de mil anos a humanidade inteira andarà nua. Os críticos londrinos de televisão, num modo geral, declararam-se impressionados com a naturalidade com que moças e rapazes se postavam diante das "cameras", sem a menor hesitação ou embaraço, convictos, absolutamente, estarem praticando um hábito salutar. Por outro lado, o programa foi recebido por milhões de telespectadores em todo o país, como o seria qualquer outro programa.

ACABARAM COM O CARTAZ DO JAPONÊS

O relógio estava marcando 21 horas, o programa "Alan Young Show" da Associated-Radiffusion da Grã-Bretanha entrou no ar; o produtor apresentou o programa: "Reparem, prezados telespectadores, como esse japonês (e apresentou um nipônico de 1,50 de altura e pesando cerca de 45 quilos) vai enfrentar sozinho esses 5 lutadores (e apresentou 5 másculos "tarzans")". Dito isso, o produtor saiu de cena e a luta começou. Ao fim de 4 minutos, o japonês era um ridículo montinho de carne embrulhadinha num canto do ringue...

NA CONFUSÃO A POLÍCIA É QUE FOI PRESA

O caso mais curioso ocorrido no campo da radiotransmissão deu-se nos EE.UU. num programa da TV-CBS: O produtor apresentou o programa ("Big Recorde"); a "camera" focalizou o piano; o pianista ajeitou-se no banco, levou as mãos ao teclado e, por um motivo qualquer, o instrumento não tocou; imediatamente um disco foi pôsto no prato mas também por um defeito "inexplicável" não produziu o som esperado. Para evitar um "buraco" no programa, chamaram o quarteto vocal dos "Billy Ward's Dominoes"; estava, pois, salva a situação. Mas, nem bem o conjunto começava, eis que entram nos estúdios dois investigadores com ordem de prisão para um dos componentes do conjunto e queriam levar a todo o transe o rapaz antes de terminado o número. O pânico estava formado; técnicos e artistas confabulavam; os policiais se mostravam irredutíveis: "a lei não permite", diziam os zelosos agentes. Então, técnicos e artistas resolveram prender os policiais até que o número terminasse. Três minutos depois os policiais recebiam o "alvará de soltura" e o cantor foi prestar contas com a justiça.

O CÉU TEM LIMITE

Num concurso instituído pela Rádio Moscou para ouvintes do estrangeiro, 700 norte-americanos foram desclassificados. O programa consistia de uma série de perguntas sobre a União Soviética. Ocorre que todos os participantes desclassificados do concurso, apesar de terem respondido certo o questionário, cometeram — todos — o mesmo erro. O erro coletivo levou os organizadores do referido concurso a descobrirem que um tal de Jim Frankel, comentarista da televisão de Cleveland (que também concorria ao prêmio) preparou as respostas com o auxílio de diversos professores, revelando em seu programa para o benefício de seus 700 telespectadores. A pergunta acusadora do embuste foi: "quando



mais de uma vez tem sido utilizada por cológico do tratamento. E sua importância mostra a foto.



A Inglaterra é o segundo país do mundo em quantidade de receptores de televisão. Seus programas, de grande variedade, abordam desde os assuntos culturais aos exóticos, como transmissões de campos de nudismo.

se registrou o último caso de desemprego na União Soviética?" 1932, foi a resposta unânime. 1930, corrigiram os organizadores da emissora soviética. A suspeita nasceu quando os organizadores se perguntaram: "Porque 700 pessoas da mesma localidade responderam cometendo o mesmo "equivoco"?"

TV-LUA

"Faça-se constar que essa organização reserva o direito de não pagar acréscimos nos ordenados dos artistas e tele-escritores em programas por ventura transmitidos da Lua ou para a Lua". Instruções publicadas na imprensa oficial da Grã-Bretanha em fevereiro desse ano.

TV-DENTISTA

Alguns consultórios dentários nos EE.UU. estão instalando aparelhos de TV no teto de seus gabinetes para a distração dos seus clientes que sofrem na cadeira do dentista. Acreditam os profissionais da broca que a televisão suaviza a dor do paciente. Aliás, existe uma estação de rádio em Nova Iorque que transmite música suave para os consultórios dentários. Em geral as músicas são valsas de Strauss ou sonatas de Beethoven. Marchas e "rock'n'roll" são contraproduativas. Os "programas para consultório" são patrocinados por uma fábrica de produtos odontológicos.

A OUTRA UTILIDADE DA TV

Nos Estados Unidos, as famílias de posse estão usando um aparelho especial de televisão para cuidar de seus bebês, pois como

se sabe, nos States quase não existem empregadas domésticas, razão pela qual a televisão está se tornando babá. O novo aparelho (transmissor e receptor em circuito fechado) serve também para focalizar ladrões em lojas "pegue-pague" e vigiar prisioneiros.

QUANDO OS ADVOGADOS PRECISAM SER ATORES

Muitos advogados norte-americanos estão cursando escolas dramáticas. Isto porque a televisão tem feito os promotores perderem muitas causas. Alegam os profissionais da acusação que a televisão, apresentando programas em cores espetaculares e onde seus "colegas" desempenham papéis negativos nos programas (ficção) de tribunais, estão influenciando de tal maneira nas decisões dos corpos de jurados que a promotoria (de verdade) tem perdido 50 por cento dos casos. O caso está se tornando uma verdadeira calamidade pública, pois a justiça vem dando liberdade a criminosos da pior espécie desde que se iniciou uma série de programas sobre julgamentos onde a batalha oratória entre a acusação e a defesa, geralmente o promotor (que via de regra é apresentado como vilão) é fragorosamente derrotado. Em vista disso, alguns causídicos solicitaram matrículas em diversas escolas dramáticas da cidade na esperança de conseguirem atuar, não só nos tribunais como também na TV.

RECORDE DE PERMANÊNCIA NO VIDEO

A atriz Martha Raye passou 19 horas e meia diante das "cameras" da TV-NBC cantando, dançando e dando entrevistas sem sequer um minuto de descanso. Esse "tour de force" fazia parte de uma "teletoma" (campeonato de resistência física) com o fito de arrecadar dinheiro para uma instituição de caridade. Martha, que bateu o recorde (ao que nos consta, mundial) de permanência no vídeo, arrecadou cerca de 30 milhões de cruzeiros.



Rondelli.

Ilka e Emma



FALTA DE ASSUNTO é uma questão de prazo para pensar, com colunistas. Eu pelo menos, se tiver duas horas para escrever uma coluna, penso durante um quarto de hora, e escrevo tudo em 45 minutos. Mas, se por acaso só tiver uma hora para entregar o material, começo a escrever várias vezes sem antes fazer um plano mental, e não sai nada certo. Hoje, por exemplo, o problema é este. Só consegui chegar em casa às 7 horas da manhã. Entre tomar café e explicar à Mariza onde eu andei (com o Ibrahim, conversando no "Sacha's". Ele deve estar contando a mesma coisa à Glorinha a estas horas), já são oito e meia. Em exatamente uma hora devo ter escrito esta coluna para que meu portador possa entregá-la na redação exatamente às dez horas. Se passar da hora ela não é publicada. Se eu tivesse tempo para pensar acharia assunto de sobra, mas não tenho.

JÁ COGITEI EM CONTAR ANEDOTAS sobre pessoas célebres, mas não é bem isto que vocês esperam de mim. Pelo menos não uma coluna inteira de histórias engraçadas. Pensando bem, uma só não faria mal. Certa ocasião, Randolph filho de Sir Winston Churchill disse ao pai que iria fazer uma conferência jornalística na França. O estadista perguntou ao filho: "Desde quando você fala francês fluentemente?" Randolph quis ser espirituoso com o pai: "Bem, eu não falo fluentemente, mas nunca tive problemas em me fazer entender pelas garçonetes..." Retrucou Sir Winston: "Sim, mas o que você vai fazer se nenhuma garçonne compa-recer à conferência?..."

OLHANDO VARIAS FOTOGRAFIAS encontrei um flagrante recente muito interessante. É o tipo de foto que nos Estados Unidos vale muito dinheiro, em primeiro lugar porque é uma foto que qualquer um poderia ter batido, e em segundo lugar porque justamente a legenda é que dá valor humano ao flagrante: Ilka Soares segura a urna para a embaixatriz Emma Negrão de Lima sortear uma jóia, durante o Festival da Moda em benefício das Obras das Pioneiras Sociais, tendo saído o número do cartão da embaixadora Perla Mesta, anfitriã renomada dos Estados Unidos, senhora já bastante rica. Comentou a vencedora: "Foi preciso vir ao Brasil para que alguém me desse alguma coisa..."

"STRIP-TEASE" EM COPACABANA sem dúvida é novidade. Fui assistir à sua apresentação no "Pigalle" de De Paula. Na verdade não seria justo criticar muito esta apresentação, porque trata-se de uma casa noturna sem maiores pretensões a não ser atender aquela parte do público que não pode assistir a espetáculos no "Night and Day" ou no "Golden-Room", e não há dúvida que o rápido "show" de De Paula é condizente com sua casa. Isto me fez lembrar uma noite chuvosa em Nova Iorque, em companhia de Amílcar de Freitas e Sérgio Figueiredo, em que fomos a um antro de Greenwich Village onde só há "strip-tease". Era uma casa longa como um corredor, com um bar logo à entrada. Dali poderíamos ficar de pé bebendo e assistir às moças no palco. Preferimos pagar dois dólares para sentar à uma mesa mais em frente e não ter que beber a espécie de uísque que serviam. Havia um palco de uns seis metros quadrados onde as moças, uma de cada vez, apareciam vestidas, mascando chiclets na maior parte, e ao som de uma música bastante ritmada, iam despindo-se até ficarem só de "cache-sex". A orquestra era composta de um pianista, um trombonetista, um pistonista e um baterista. O baterista tinha um pequeno rádio portátil a seu lado e ouvia programas enquanto tocava. A entrada dos artistas era

KALEIDOS

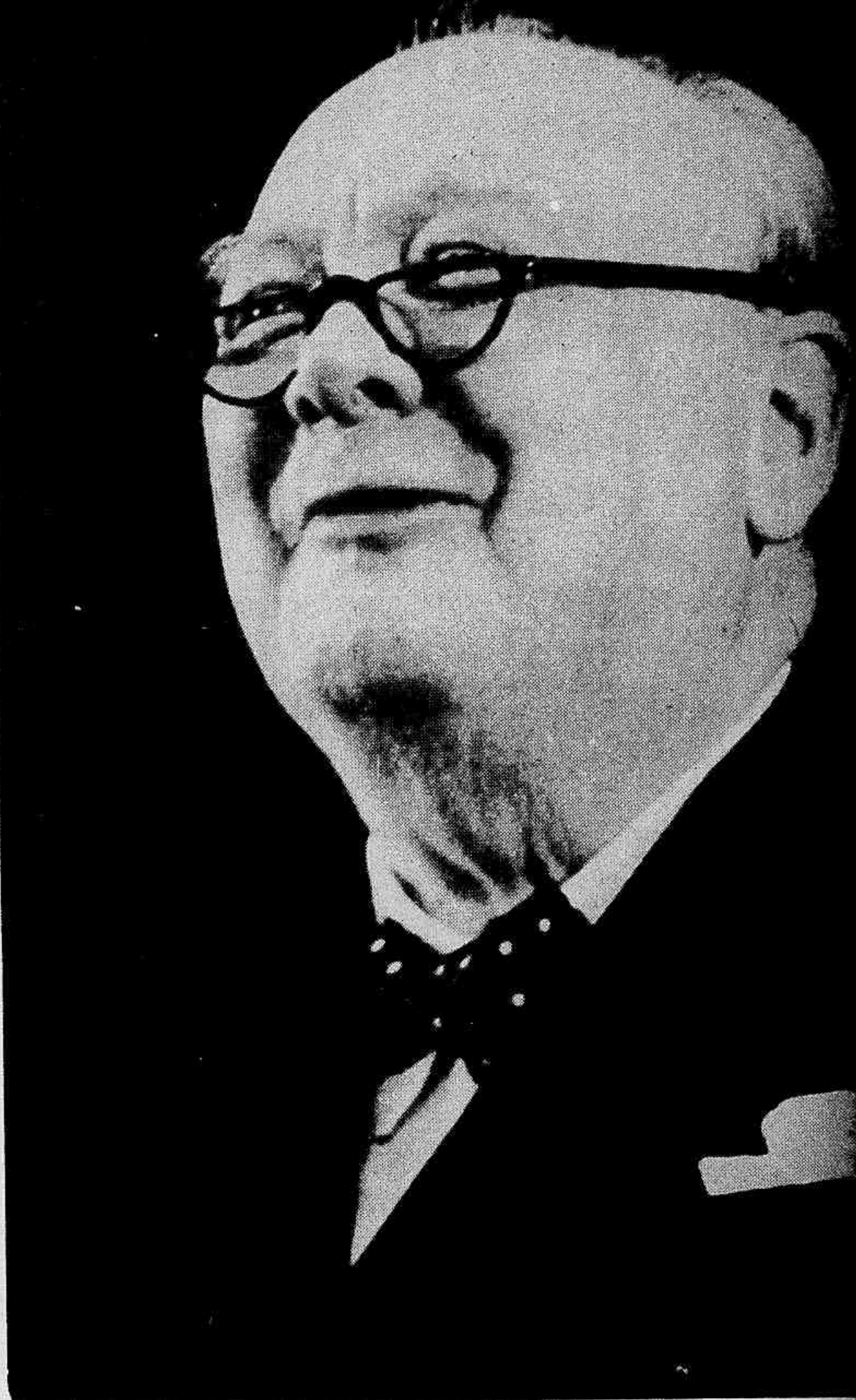
pelo palco mesmo. Quando uma moça chegava para trabalhar, entrava pelo palco enquanto a outra se exibia, e ainda a cumprimentava: "Hy, kid!" Sérgio Figueiredo informou ao gerente que Amilcar era um "famoso produtor da América do Sul". Em seguida uma das artistas foi ao microfone e anunciou a todos a presença do ilustre latino. O diretor artístico da casa mandou perguntar se nós gostaríamos de ter a presença de moças à nossa mesa, e o "maitre d'hotel" confidenciou que, se quiséssemos, ele nos traria bebidas honestas. Quando uma das cantoras começou a improvisar uma letra para sua canção, que fazia elogios ao "produtor sul-americano", Amilcar não agüentou mais e nos retiramos. Se não acreditam, perguntem a ele domingo no Jockey Club.

ROSE RONDELLI patinava muito num ringue que havia em Copacabana, onde agora é o "Rond Point". Foi ali a primeira vez que a vi. Depois assisti-a no Monte Carlo. Eu e um amigo levamos duas moças para celebrar a formatura ginásial delas. Lembro-me bem que chamamos o "maitre d'hotel" Boury e explicamos que queríamos gastar apenas a consumação mínima. O que passasse seria por conta dele. Boury mandou colocar uma garrafa de rum e seis Coca-Colas na mesa! Eu bem que achei que Rose tinha que ser jovem demais para trabalhar ali, pois no ringue ela me parecia mais moça que eu, e eu era ainda um garoto quando fui ao Monte Carlo. Anos depois Rose Rondelli concedeu uma reportagem a respeito disto tudo, que foi a verdadeira "Fofoca do Ano". Foi isto que me chamou a atenção para Rose novamente. Mais recentemente eu a havia assistido no Teatro Recreio sem que isto fôsse algo de extraordinário. Agora volto a lembrar de Rose Rondelli: estou lendo que ela vai gravar um esperado sucesso carnavalesco com a bandinha de Altamiro Carrilho! Não que eu queira desfazer de Altamiro Carrilho mas vejam só o que patinar acaba fazendo na vida de alguém...

SÃO PRECISAMENTE NOVE E VINTE, e em dez minutos isto deverá estar a caminho da redação. Só falta pedir ao paginador que coloque um retrato de Winston Churchill, que use a foto anexa de Ilka e dona Emma, que coloque uma foto de Rose Rondelli, e outra de uma mulher qualquer em flagrante "strip-tease". Desculpem o informalismo desta coluna, mas pelo menos vocês estão lendo um original um tanto original mesmo. Lamento não ter sido mais extenso, porém as três laudas e meia já estão completas, e eu ainda tenho que dormir umas cinco horas para poder estar às 15 horas no desfile da Canadá De Luxe. Se vocês ainda acham que ser colunista é uma Utopia de sombra e água fresca, espero que isto lhes mude de opinião. Fred Kelly (paginador: se houver espaço coloque também uma foto de Fred, por favor) contava uma história bastante ilustrativa do modo de pensar do público em geral sobre o "show-business". Um cidadão, que havia ido ao escritório das nove às onze, almoçado até às 14 horas, e regressado ao escritório onde permanecera até às 16 horas, passou num teatro onde um produtor amigo estava dando os toques finais num musical que iria estreiar àquela noite. O elenco, os técnicos, o produtor e alguns jornalistas estavam no ensaio desde a meia-noite da véspera, com pausas para tomar café e comer sanduíches. O tal cidadão chegou justamente numa destas pausas e encontrou o produtor e um jornalista caídos num sofá, com copos de papel e uma garrafa térmica de café nas mãos. Em volta deles, coristas exaustas estavam estiradas. Comentou o cidadão: "Que boa vida vocês levam. Com uma garrafa de uísque na mão e cercados de mulheres bonitas já a estas horas..."

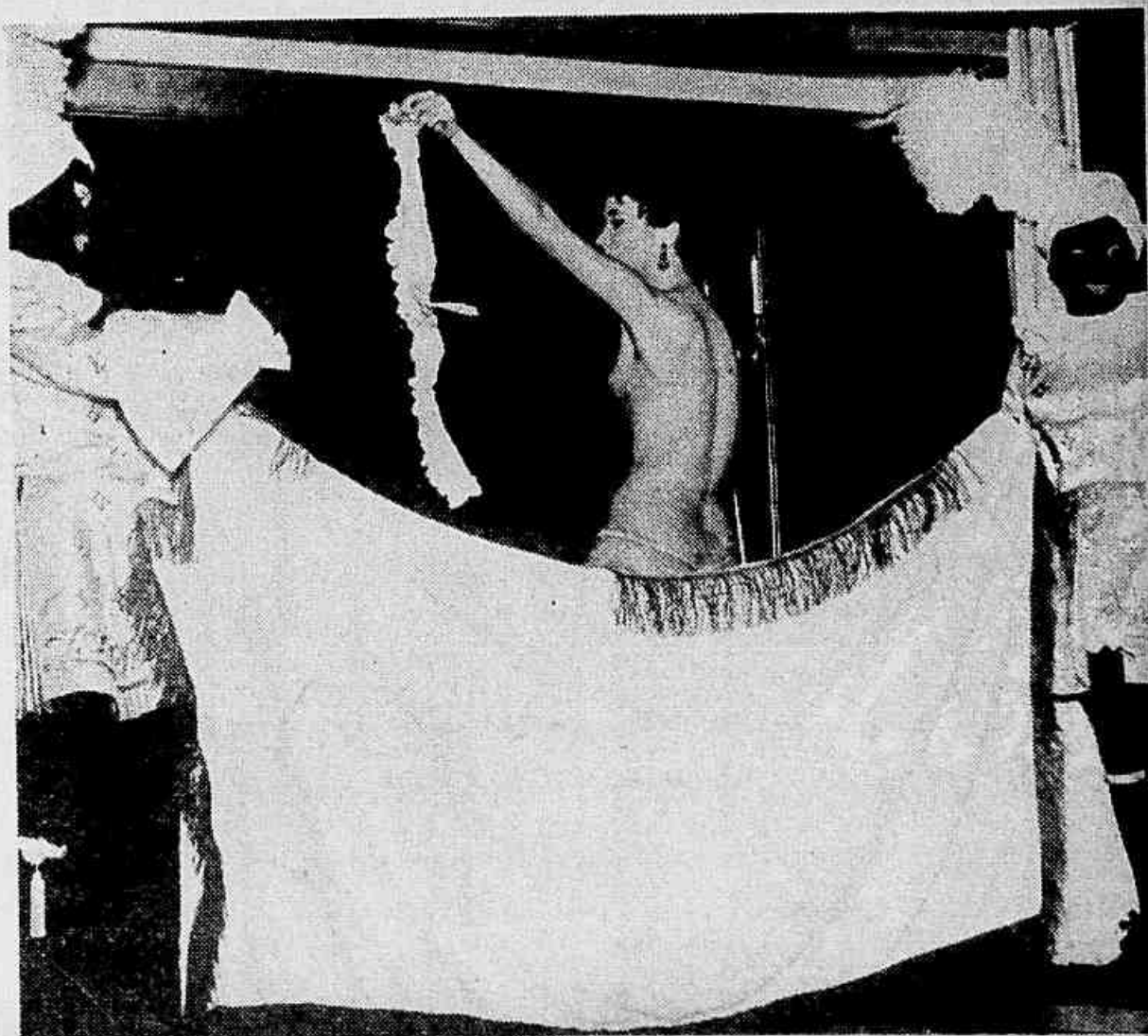
CHUCK WOODWARD

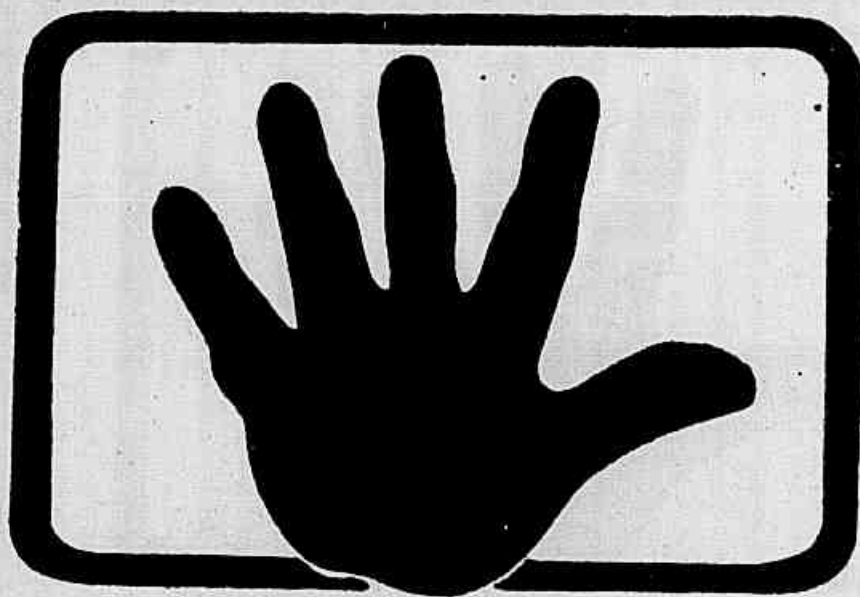
CÓPIO



Churchill.

"Strip-tease".





PARE!

A QUEDA DE SEUS CABELOS

USANDO

PETROLINA MINANCORA

OTONICO CAPILAR POR EXCELENCIA

CONTRA CASPA, QUEDA DOS CABELOS
E DEMAIS AFECÇÕES
DO COURO CABELUDO

'Mil' lhe oferece:



Ferramentas
OFICINAS
AMADORES

ESTOJOS SOCRETES
CATRACAS ESTRIAS



Pessoal Técnico Especializado
GARANTIA e HONESTIDADE

R. MEXICO - 98 A
52-1074 - 22-6194 RIO DE JANEIRO

EM S. PAULO HOSPEDE-SE NO MODERNÍSSIMO

BAR RESTAURANTE

A LA CARTE

Solteiro Cr\$ 300,00 — Casal Cr\$ 520,00

Sem mais acréscimos

Avenida São João, 1072 — Telefone: 37-0191 (Rêde Interna)

São Paulo — End. Telegr. -PRINCIPEHOTEL-



SOUSA MARTINS

(Cont. da pág. 37)

O sábio, que muito contribuiu para a fundação do Instituto Bacteriológico Câmara Pestana, realizando importantes estudos sobre a tuberculose, discutindo, com proficiência irrecusável, por exemplo, teorias em que Zola se fundara para escrever o "Dr. Pascal" sabia e avaliava os incalculáveis benefícios que da ciência experimental poderiam resultar para a Humanidade. Não se iludiu. O ilustre brasileiro José Antônio de Freitas, que certa vez o ouviu, confessou: "A palavra, que eu saiba, só foi música e luz em uma voz: a voz de José Tomás de Sousa Martins." Assim era, com efeito. Música e luz, porém, subiam-lhe do fundo de si mesmo, pois não há nenhum médico sábio que não seja também sábio do coração universal.

HOMEM DA TERRA E DO CÉU

O Rei D. Carlos, ao ser informado da morte de Sousa Martins, na sua casa de Alhandra, o apóstolo da medicina que nunca abraçara a política, teve esta frase: "Apagou-se a mais brilhante luz do meu reinado!" Hipérbole de soberano? Não cremos. Justiça, apenas justiça de quem, conhecendo bem os seus súditos, também lhes salientava os respectivos méritos com impoluta equidade.

Sousa Martins tinha um grande coração, cheio de bondade, e as suas mãos, embora de aparência grosseira e rústica, que muito surpreenderam Fialho, estiveram sempre ao serviço do seu semelhante. Quantos doentes elas arrancaram à morte? Quantos médicos sem recursos elas não trouxeram ao primeiro plano da profissão? Quantas lágrimas enxugaram? Homem da terra era também homem do céu. Servia a Pátria com inquebrantável ardor patriótico. E, quando do conhecido Ultimatum, foi ele quem deu o nome de "Adamastor" ao navio que, por subscrição pública, foi nessa altura comprado.

Homem da terra e do céu, diz o povo que ele não morreu... Procura-o, por isso, como se ele ainda o pudesse escutar. Que sabe o povo? Mais, muitíssimo mais, quase sempre, do que certos eruditos. Na sua fé ingênua e na sua crença arreigada, conhece os invisíveis caminhos do mistério e da esperança que partem do fundo de todos os mistérios e se dirigem à eternidade. E, firmado nas suas certezas, procura o monumento a Sousa Martins, em frente à Faculdade de Medicina de Lisboa ou o seu busto, em Alhandra, juncando ambos diariamente de flores, vindos dos grandes floristas ou colhidas humildemente. Depositam com elas as suas súplicas que são também flores de fé. Toma conhecimento desta crença do povo a alma do grande sábio? Não sabemos, mas estamos justamente a lembrar-nos daquela fala shakespereana, no "Hamlet, Príncipe da Dinamarca", que diz existir "mais mistério entre o céu e a terra do que a filosofia dos homens conhece". Ora, não conhecendo o povo, de uma maneira geral, a filosofia, adivinha-o, provavelmente, a intuição popular.

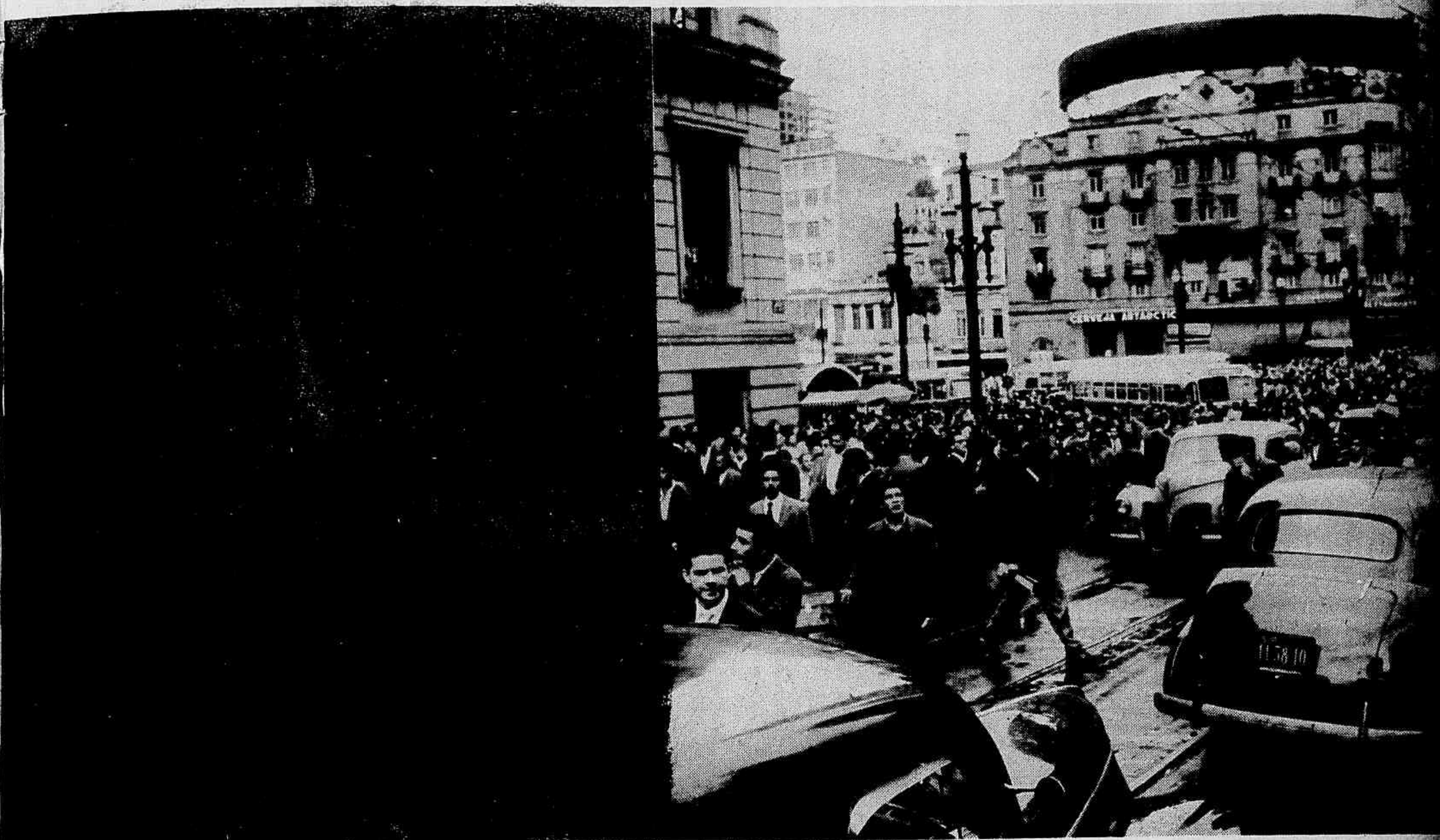
Pela noite adiante, quer em Lisboa, quer em Alhandra, até se acendem velas à volta da estátua e do busto do grande médico. Pede-se saúde para os que não a possuem, liberdade para os encarcerados, pão para os famintos. São preces anônimas. Recebe o espírito de Sousa Martins as súplicas dos atormentados? Respondem afirmativamente, não apenas nas sessões de espiritismo, mas pelos bairros e pelos campos centenas de pessoas que se viram atendidas e ouvidas, portanto, nas suas fervorosas orações.

Dir-se-á, certamente, que o povo vive de credices, de superstições. Cada um diz o que entende, está claro. Mas, por isso mesmo, e na convicção de que Sousa Martins viveu verdadeiramente como um homem da terra e do céu — sua bondade foi extraordinária — seja-nos permitido lembrar apenas a velha sentença:

"Voz populi, voz Dei" e nela encontrar motivo para pensar.

TRAPÉZIO

OSÓRIO NUNES



OS PREÇOS DESESPERAM O POVO. No Rio e em São Paulo, o festival dos preços em alta abriu o sinal vermelho da luta nas ruas. JK vai à Paraíba (a fim de ser recebido pelas massas de flagelados que atacam as cidades atingidas pelas secas) para... inaugurar um serviço de abastecimento d'água. É uma vocação municipal incontestável.

DISCURSOS PARA ESTANCAR PREÇOS. Depois, JK volta ao Rio para discursar em Congresso Interamericano de Municípios, algo que não se sabe bem o que é. JK diz que foi Prefeito e continua falando como se fôsse administrador municipal. JK (reincarnação de Pedro I, à espera de Maria Graham para biografá-lo) não enfrenta o problema dos Municípios, mas resolve tudo com um discurso.

PREÇOS NAO OUVEM DISCURSOS. Continuam surdos, mas falam alto ao bolso do povo e arrebentam as tabelas. Carne, cigarros, gasolina, transportes urbanos, tudo o que o povo consome imprescindivelmente sobe, sobe sem cessar. JK e Lucas Lopes soltam Plano de Estabilização Monetária. Quer dizer, moeda firme, preços estáveis). Ao mesmo tempo pedem encampação de emissões no valor total de 63 bilhões e meio de cruzeiros. (Quer dizer, uma alagação no terreno já mole). Que estabilização é essa?

DUAS ELEIÇÕES DE MILIONARIOS: Uma, nos Estados Unidos da América do Norte, onde a eleição de Nelson Rockefeller para o governo de Nova Iorque (em disputa com Averel Harriman) foi, mesmo, a "eleição dos millionários". Eles são ricos, lá se entendem. Outra, nos Estados Unidos do Brasil, onde a eleição de cada deputado federal no Paraná não ficou por menos de 10 milhões de cruzeiros (informação do sr. Plínio Salgado, "que não gastou isso porque é pobre"). Nós somos pobres, cá não nos entendemos.

O POVO TUDO VÊ E TOMA NOTA. Está assistindo ao confisco do seu salário real, ao empobrecimento de sua mesa, à ameaça sobre o seu teto, à quase impossibilidade, amanhã, de se transportar, em contraste com essa dissipação e proliferação das castas de novos ricos governamentais e paraestatais.

EM SÃO PAULO, O POVO DISSE: O CADERNO ESTA CHEIO. O gabinete dos fundos do Catete (enquanto isso) governa de fato. Os ministros de JK (depois da eleição, principalmente) não despacham mais na sede do Governo. Nas salas dos fundos do Palácio, subchefes da Casa Civil e alguns áulicos de recente importação mandam e desmandam nos Ministérios. Para que, pois, reformar um gabinete que não existe? JK (reincarnação de Pedro I) viaja pra cá e pra lá, faz suas inspeções de trapiche, os Ministros não têm mais nem pastas para carregar e o Gabinete dos Fundos do Catete reina sobre a nação inquieta e desorientada.

FIGURAS, ENSAIOS E FUNÇÕES



Ike.



Rockefeller.



Leandro Maciel.



Luís Garcia.

De um Ministro de JK de quem se diz que não vai ao Ministério: —

**«JOHN FOSTER DULLES RARAMENTE É VIS-
TO NO DEPARTAMENTO DE ESTADO...»**

MAIS INTERVENTORES

JK continua não acreditando em ministros e outros meios burocráticos para governar o país. Agora, depois do interventor militar para Brasília, designou o coronel Ramagem (um dos melhores de seu grupo de confiança) para inspecionar o Nordeste e as secas.

ÚLTIMA ENCAMPAÇÃO

O Governo pediu autorização ao Congresso para que o Tesouro Nacional encampe emissões da Carteira de Redescontos no valor de 63 bilhões e meio de cruzeiros. O último pedido fora para encampar 11 bilhões.

PREÇOS: UM HOTEL

O deputado eleito queria morar num hotel, com a família, antes de se instalar definitivamente no Rio. Viu que não pode: uma diária pela qual pagava 150 cruzeiros há quatro anos agora custa 500. Talvez vá fazer o que fez, há anos, aquele general reformado, que foi morar em um coreto.

BANDEIRA

Depois de tantos anos, verificou-se que o PSD não tinha bandeira. PTB tem (legislação trabalhista), UDN tem (moralização dos costumes), PL tem, PSB tem, quem não tem finge que tem. Mas o PSD nem sequer finge.

DESCOBERTA DE JK

Quem descobriu isso foi JK. Depois das eleições, evidentemente. Por isso, ofereceu uma bandeira ao PSD: Brasília e metas. PSD agradeceu comovido. Se não puder desfraldá-la (os portais estandartes estão um bocado velhos) pelo menos lhe servirá de mortalha.

PAULISTAS E PAULISTAS

O sujeito explicava: Ademar tem razão em querer ser candidato à Presidência da República. Teve um milhão e cem mil votos. Enfrentará Jânio.

— Mas, dizia o outro, ficará mal porque impedirá a vitória de um candidato paulista.

E o sujeito explicava de novo: — Não. Ele é paulista. O outro é que é matogrossense...

DOIS QUE SE ENTENDEM

Leandro Maciel (atual governador) e Luís Garcia (governador eleito) se entendem muito bem em Sergipe. Luís Garcia continuará a obra de Leandro Maciel, que preferiu ficar até o último instante de seu mandato, deixando de ser senador ou depu-

tado, para concluir o grande programa administrativo que, como engenheiro, trouxe para o pequeno Estado, hoje pontilhado de obras suas. Luís Garcia, na opinião do sr. Lourival Fontes (PTB) "é a melhor solução para Sergipe".

COSME E DAMIAO

Por falar em Sergipe, dois deputados estaduais sergipanos ficaram conhecidos como "Cosme e Damião" nas redações dos jornais do Rio, onde surgiram logo depois das eleições, para reclamar contra o pleito por lá. Baltazar e José era o nome dos reclamantes. Quando apareciam, para as lamentações, dizem que os jornalistas até já se escondiam...

BANCOS SEM RUMO

Prova de que o barco governamental está sem rumo: bancos em crise pública, abrindo e fechando portas, dando calotes nos depositantes, estabelecendo o pânico no Recife, a preocupação em São Paulo, a violenta retração do crédito no Rio e no resto. Por que esse aspecto de fim de mundo, na hora em que o povo toca fogo nos ônibus que não quer pagar mais caro?

VEIO, VIU E GOSTOU

Barros Hurtado (poderoso Embaixador de Aramburu e Frondizi em Washington), autor da "solução Frondizi" para o petróleo argentino, veio ao Rio dizem que para fortalecer a Operação Pan-Americana e tratar de solução idêntica para o petróleo brasileiro.

Mas D. Hurtado, que já foi exilado no Brasil e até foi casado aqui com uma brasileira, parece que gostou demais do Brasil. Veio, viu e gostou. Tanto que ficou. Por mais tempo do que se podia pensar. A terra brasileira tem visgo...

FARSA INCONCLUSA

A farsa do Orçamento da República (uma das peças mais arrastadas e grotescas do repertório federal) parece que este ano nem será concluída. Tanto se sabe que não vale nada que o interesse por levá-la a cabo é reduzido. O Congresso não está tomando conta do Orçamento.

DOIS REIS AMERICANOS

Eisenhower e JK: dois reis sem coroa, dois reis americanos, quase com poderes absolutos, derrotados nas urnas e permanecendo no Poder.

JK ainda se esgueirou a compromissos públicos com os possedistas derrotados. Mas Eisenhower, coitado, entrou de rijo na campanha em que a administração republicana elegeu o maior Congresso democrata depois do New Deal de Roosevelt.

NAO MUDA NADA

Lá como aqui: Eisenhower disse logo que o resultado das eleições não mudaria a orientação do Governo. JK deu o exemplo. Fêz o mesmo.

PESQUISAS DA AMAZONIA

O Instituto Nacional de Pesquisas da Amazônia (magro substituto do natimorto Instituto Internacional da Hiléia Amazônica) está com a direção vaga, em virtude da exoneração concedida ao historiador Artur César Ferreira Reis.

Para substituí-lo, o Governador do Pará indicou a JK, durante sua recente viagem a Belém, o nome do cientista Mário Sampaio, professor da Universidade do Pará, cuja nomeação está sendo aguardada.

ROCKEFELLER: FATO NOVO

Nos meios diplomáticos brasileiros, considera-se que o fato novo das eleições norteamericanas foi a ascensão de Nelson Rockefeller ao Governo do Estado de Nova Iorque. Rockefeller significa "uma família a serviço da nação e a serviço da humanidade", como disse o "The New York Times".

LUTA PELO PETRÓLEO

E já que o assunto é petróleo, Janary Nunes chega da Europa com todo o apetite para enfrentar a nova fase da luta contra a Petrobrás.

38 PROJETOS NAVAIS

No Brasil é assim: O GEICON (Grupo Executivo da Indústria de Construção Naval) está, de uma assentada, com 38 projetos para estaleiros de construção e reparo navais, no país. 33 são brasileiros, 2 são japoneses, 1 é holandês e 2 são americanos. Tudo isso tem que ser enquadrado pelo Almirante Lúcio Meira na dimensão do mercado brasileiro: 130.000 toneladas por ano. Os que sobram apitarão por todas as sirenes...

NAO QUER VICE-PRESIDENCIA

Cid Sampaio (impressinou extraordinariamente bem num programa de televisão) não quer ser candidato à Vice-Presidência da República com Jânio Quadros nem com ninguém. Acha que seria uma traição ao povo diminuir em um minuto que fôsse o mandato que conquistou nas urnas.

CENSO

E tem a bola daquele candidato a deputado "que se candidatou para verificar quantos amigos tinha" e, depois de 3 de outubro, voltou ao bar de sempre e ficou muito surpreso por não encontrar ninguém...



AONDE VAI CARVALHO PINTO?

Depois de eleito Governador de São Paulo, Carvalho Pinto fez o seguinte:

Proclamou-se defensor intransigente da Petrobrás.

Aceitou plataforma do Partido Socialista Brasileiro.

Entende-se com Lacerda e Juracy.

Disse: "Minha vitória não tem donos".

Entre Jânio e Carvalho Pinto — as torres da Petrobrás.

EXPLICAÇÃO DA DERROTA DE LUTERO

- ♦ Falta de Ademar
- ♦ Presença de Alzira
- ♦ Ausência de Lutero
- ♦ Presença de Prestes
- ♦ Ausência de Getúlio
- ♦ Presença de Jango
- ♦ Ausência de PTB
- ♦ Presença da Igreja



NO RIO, O ESPETÁCULO PROIBIDO :

“STRIP-TEASE”, IMPORTADO DE PARIS, REVOLUCIONA A MADRUGADA

Fotos de ARNALDO VIEIRA



Com seu sorriso insinuante, em volteios e negaças, Denise Duprée música dá o clima. E o espetáculo continua, até o aguardado

A NOITE CARIOCA vem apresentando, há uma semana, uma grande sensação: o “strip-tease”. Famoso há longos anos na Europa e na América do Norte, mas conhecido entre nós apenas através do cinema e de publicações especializadas, é agora finalmente levado numa de nossas boites, atraindo para ela (é óbvio!) um excessivo público noturno. Apesar da reduzida (e desnecessária) publicidade, e da hora em que o show é exibido — 3 da manhã — a simpática boite Pigalle, no Pôsto 6, passou a abrigar uma pequena multidão, que lá permanece desde a meia-noite a aguardar, an-si-o-sa-men-te — a sensacional aparição de Denise Duprée — o curvilíneo material que o simpático De Paula importou de Paris.



vai lentamente se desnudando diante do espectador. Grande classe, adquirida nas famosas escolas do "strip-tease" parisiense. A final, recebido alvoroçadamente pelos marmanjos.

Duprée é, realmente, uma mostra d'esses espetáculos, cuja origem se perde no tempo como a "dança dos sete véus", e que tiveram a sua grande fase na França e na América do Norte, no período que sucedeu à grande-guerra e retornou, em grande forma, pela década de trinta, principalmente nos Estados Unidos, com a famosa Gipsy Rose Lee. Formou-se Denise nas mais famosas escolas de "strip-tease" parisiense, e vinha se exibindo em Paris até o convite para trabalhar em Copacabana. E, realmente, a classe e a elegância com que se apresenta no pequeno tablado do "Pigalle", mostra que é uma autoridade no assunto. Sua aparição, da penumbra para o foco do refletor, em seu traje

"belle-epoque", é de bom efeito. Imediatamente, Denise toma conta do pequeno palco e de seu auditório. E seu riso insinuante, a elegância dos gestos, os movimentos coleantes a acompanharem maliciosamente o ritmo da orquestra — nos fazem recuar para o tempo em que tal espécie de espetáculos eram divulgados entre nós, pelo cinema, misteriosamente, em seções proibidas... Coleante, em passos ritmados, ela vai se revelando, apesar das negaças. Faz um ensaio de gesto, insinua que despe uma peça — e dá uma volta pelo palco, deixando a ansiedade no espectador... E o espetáculo prossegue, num suspense gradativo, em direção ao almejado final... Espetáculo cujas seqüências a Revista apresenta, num autêntico presente para os seus leitores.



Lee Shing Dea acumulou grande fortuna em negócios excusos durante muito tempo. Estabeleceu-se em São Paulo e lá vivia como um nababo. Só em jóias possuía 518 milhões.

LEE SHING DEA, o multimilionário indesejável na China apareceu morto, como os leitores devem estar lembrados, boiando nas águas pútridas do Rio Pinheiros (nas proximidades da cidade de São Paulo). Logo depois, quando a polícia menos esperava (questão de horas), a "gang" internacional a que pertencia Lee Shing Dea liquidou, implacavelmente, por estrangulamento, Pey Tsu Chih — secretário particular do multimilionário, e mais Chen Hui Ming, dono de uma pastelaria em Santo Amaro (também em São Paulo).

Shieh Cháo Yen, conhecido por "Tony", prêso no Estado de Goiás, responsável por um dos assassinatos, pouco adiantou sobre os crimes que traumatizaram a opinião pública do país. Esclareceu, entretanto, que pretende escrever na prisão um livro que será o maior "best-seller" da América Latina.

Lin Fu Shou (que fugiu para Goiás com "Tony") e Yuso Arri (êste último japonês), perigosos elementos pertencentes a mesma "gang" internacional conseguiram misteriosamente fugir às garras da polícia que, assim, se vê completamente impossibilitada para desvendar o mistério da "gang" que estende seus tentáculos terríficos e amarelos sobre grande parte do mundo ocidental.

Nossa intensão nesta reportagem não é, entretanto, recapitular para os leitores os misteriosos assassinatos, mas sim falar da fabulosa fortuna arregimentada pelo marginal Lee Shing Dea.

Vamos aos fatos: Lee Shing Dea, como todo homem ambicioso vivia a pensar em altos vãos. Com a conquista inesperada de Pequim e Shangai por Lim Piáo para Tsé Tung, desapareceram por completo tôdas as seguranças do contrabandista na China Vermelha. Ele, como todos os que vivem de negócios excusos possuía, para camuflar as falcatuas, fábricas de cosméticos e de perfumes, instaladas em Pequim e Shangai. Apavorado com as conquistas de Mão Tsé Tung, Lee Shing Dea fugiu para Hong-Kong e dali para Taipé, na Ilha Formosa — último reduto nacionalista do generalíssimo Chiang Kai Chek, para quem o contrabandista Lee Dea trabalhava, encarregado de subornar oficiais do Exército Chinês.

A FABULOSA FORTUNA

Nesta casa, em São Paulo, a polícia, numa de suas muitas diligências, encontrou a mala de Tony (que pretende escrever a história da quadrilha na prisão) contendo roupas em sangue.



Ao mesmo tempo que corria para as terras de Chiang Kai Chek, o finório contrabandista procurava a proteção dos ingleses...

Vendo que poderia perder de uma hora para outra toda sua fabulosa fortuna com as constantes modificações políticas na China, Lee Dea passou-se novamente para Hong-Kong e se dedicou definitivamente ao crime; ligou-se às poderosas "gangs" que faziam (sob o olhar complacente da polícia) tráfico de pérolas e de entorpecentes. Para melhor poder agir, o perigoso chinês comprou um navio cargueiro de Chang Yum Páo, também contrabandista e traficante de pérolas. Assim, Dea abriu a mais furiosa rede de contrabando que jamais navegou sobre o Mar da China e o Estreito de Formosa.

Preocupado com os riscos constantes que sua fortuna vinha sofrendo, e também por causa das perseguições de outros concorrentes, Dea voltou seus olhos ambiciosos para a pouca explorada (no ramo) América do Sul. Nessa época já era seu secretário particular T. C. Pei, o mesmo que mais tarde, já em São Paulo, estaria envolvido na trama sinistra para assassiná-lo.

Lee Shing Dea tinha interesse em ter T.C. Pei como secretário por ser o mesmo irmão do diretor do Banco Chinês e, assim sendo, poderia facilitar (como facilitou) a realização dos mais diversos negócios excusos.

Um dia, seguindo o exemplo de milhares de patrícios seus, Dea embarcou para S. Paulo. Comprou uma mansão no valor de alguns milhões de cruzeiros e vivia vida de nababo. Tinha parentes em Hong-Kong dirigindo grande parte de seus negócios. Até o presente instante não foi possível à polícia avaliar exatamente o montante da fortuna do chinês contrabandista. Sabe-se apenas que o mesmo possuía em quadros e outras obras de arte, aproximadamente 280 milhões de cruzeiros; 518 milhões em pedras preciosas, prédios de moderna construção em Hong-Kong, bem como alguns imóveis na China Comunista que, ultimamente, ele não sabia ao certo se já tinha ou não perdido os direitos sobre os mesmos. Gostava de pintura e, por diletantismo, chegou a executar alguns trabalhos. Era também amante da escultura, tendo procurado, algumas semanas antes de seu trágico desaparecimento, o escultor Moacir Fernandes (Prêmio de Viagem à Europa em 1952) para que o mesmo fizesse o seu busto em

bronze. Tendo o artista em foco pedido pelo trabalho a quantia de 100 mil cruzeiros, Dea ficou de lhe dar uma resposta quando viesse outra vez ao Rio, quando então se demoraria alguns dias posando para o escultor.

Mas a fortuna de Lee Shing Dea não fica somente no que dissemos acima. Possuía ações no "Bank of America", no valor de 200 mil dólares. Dea queria vender essas ações e depositar o produto na sua conta corrente do mesmo banco, segundo informações prestadas à polícia pela agência do "Bank of America", em São Francisco da Califórnia. O contrabandista era ligado ainda a "The West Costa Trading Co.", de São Francisco, firma especializada em importação e exportação de produtos químicos.

Passados já bastantes dias da morte do multimilionário Dea, bem como da morte de seu secretário Pei e do pasteleiro Ming, tudo permanece no mais denso mistério. A polícia continua a procurar desesperadamente (sem sucesso) Yuso Arri. Sabe-se que ele esteve hospedado em Copacabana, no Edifício Guaporé, apartamento 1002 (Rua Miguel Lemos, 17), pertencente a senhora Ivone Soares que, para não ter aborrecimentos com a polícia desapareceu no Rio. O investigador José de Souza Carvalho, autor de inúmeras proezas policiais (entre outras a prisão de Wellington Lisboa Bastos, o truculento "Puruca"), deu cansativas buscas em Copacabana, nas pegadas de Yuso Arri, sem entretanto lograr sucesso na missão.

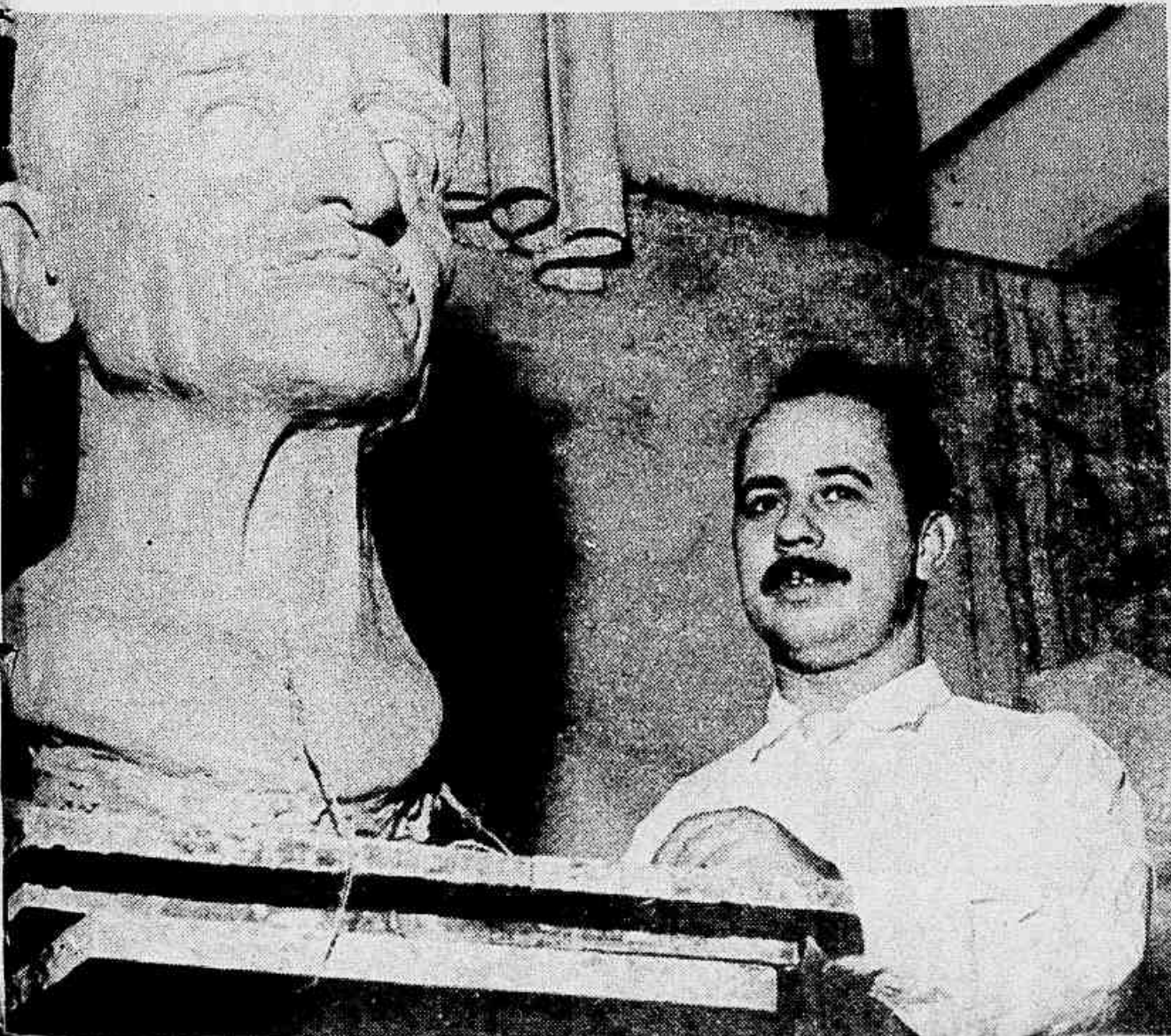
A história verdadeira da vida desonesta e da fortuna fabulosa de Lee Shing Dea, somente se ficará sabendo quando da publicação do livro que "Tony" promete escrever na penitenciária. Ele, escritor de certo conceito entre os leitores de sua raça, é um dos poucos elementos que sabem todas as engrenagens da perigosa quadrilha de contrabandistas orientais. Afirmou aos repórteres e à polícia ao ser preso:

— Vou escrever o livro na penitenciária; único lugar mais ou menos seguro onde poderei levar a bom termo a empreitada.

DO MULTIMILIONÁRIO LEE SHING DEA

AOR RIBEIRO

Dea propôs ao escultor Moacir Fernandes que este fizesse seu busto em bronze. A direita, o investigador Souza (prendendo "Puruca"), que caçou em Copacabana Arri, a chave do mistério.



ZENON

CARTAS

A PAPAI NOEL

"Quero escrever para Papai Noel para ganhar coisas. Mas não sei quantas linhas tem que ter minha carta. Tem que ser grande ou pequena?"

Marcos Nalli (10 anos) — D.F.

§ Não previmos limite de linhas para a CAIXA POSTAL, Marcos. Você poderá mandar para Papai Noel uma carta do tamanho que quiser. Mas aconselhamos que escreva pelo menos quinze linhas. O bom velhinho tem especial predileção por cartas grandes e bonitas.

O Editor

"... e eu e meus três irmãos queremos concorrer aos prêmios. Eu quero a boneca e eles querem a bicicleta. Mas queremos saber se nós que moramos na mesma casa podemos todos escrever para aí."

Júlia Lemos (9 anos) — D.F.

§ Podem todos, Júlia, você e seus irmãozinhos. Agora: cada um tem que escrever separadamente sua própria carta, acompanhada pelo cupom que publicamos todas as semanas. Boa sorte para os quatro herdeiros da família Lemos.

O Editor

MACHADO DE ASSIS

"Muito ouvi falar sobre o número que a REVISTA DA SEMANA publicou em homenagem ao cinquentenário da morte do grande escritor. Por motivos alheios à minha vontade não pude adquirir meu exemplar na época. Poderei fazê-lo agora?"

Jorge Antunes de Toledo — Niterói

§ É possível. Ainda temos alguns exemplares. Apareça na redação.

O Editor

"Sou velho freqüentador de Machado. Li toda sua obra, os ensaios, as críticas, as biografias, os estudos. Eu mesmo já tive a petulância de escrever algumas linhas sobre a vida do autor de "Dom Casmurro". Aprendi novas noções sobre o caráter da bibliografia machadiana e conheci detalhes inéditos de sua personalidade nas páginas de Renard Perez, Brito Broca, na entrevista com a herdeira do escritor. A publicação do "João Fernandes" acabou por nos emocionar — a todos nós que não nos cansamos de ler, reler e esmiuçar a obra do nosso maior romancista."

Gastão Flores — Maceió

TRAPEZIO

"No n. 42 desta revista, no Trapézio de Osório Nunes, título Os Triunfadores, tópico sobre Carlos Lacerda, o cronista afirmou ter sido este o deputado mais votado do Brasil. Mas os senhores constatarão que Fernando Ferrari, eleito deputado pelo R. G. do Sul, com seus 170 mil votos bateu o recorde de votação para a Câmara Federal, não só no país mas também em todas as eleições realizadas para aquela Casa. Como se explica o erro?"

Celso de Oliveira — D.F.

§ O senhor tem toda razão. Devemos informar-lhe que o Trapézio é preparado com uma certa antecedência, como todas as seções da revista. Não há dúvida que houve o engano. Mas também não há dúvida que as contagens de eleição mudam de dia para dia. No caso, os números do deputado Ferrari correram mais do que a impressão da R.S.

O Editor

PUXE PELO CÉREBRO

Contagem dos pontos: 9 perguntas certas — excelente; de 6 a 8 — muito bom; 4 e 5 — bom; 3 — fraco; 1 e 2 — medíocre; 0 — o fim.



6 — "O Direito de Matar" e "Somos todos assassinos" são filmes franceses dirigidos por um cineasta, também advogado, que costuma abordar temas jurídicos. É ele:

- Yves Ciampi?
- André Cayatte?
- Yves Allegret?

7 — A Academia Brasileira de Letras foi fundada em:

- 1896?
- 1905?
- 1910?

1 — A sra. Chiang-Kai-Shek, esposa do Presidente da China Nacionalista, nos visitou em:

- 1940?
- 1944?
- 1950?

2 — O poeta cearense José Albano, falecido em 1923 em Paris, publicou o seu livro "Rimas" em:

- Fortaleza?
- Paris?
- Barcelona?

3 — Narandiba significa:

- Peça náutica?
- Laranjal?
- Resina extraída da planta do mesmo nome?

4 — Entrechat é um:

- Passo de dança?
- Brincadeira de felinos?
- Peça de mobiliário?

5 — Qual o "cestinha" da equipe brasileira de basquete que obteve o terceiro lugar nas Olimpíadas de Londres, em 1948:

- Algodão?
- Angelim?
- Alfredo?



8 — Pixinguinha, um dos maiores nomes da nossa música popular, é executante do:

- Saxofone-barítono?
- Saxofone-alto?
- Saxofone-tenor?

9 — Angelo Giuseppe Roncali, S.S. João XXIII, esteve no Brasil em:

- 1927?
- 1934?
- Não esteve?

RESPOSTAS: 1) 1944, em julho; 2) Barcelona; 3) Laranjal; 4) Passo de dança; 5) Alfredo; 6) André Cayatte; 7) 1896; 8) Saxofone-tenor; 9) Não esteve.



ROTEIRO DE INFÂNCIA (1)

MACAÍBA: A CIDADE

RENARD PEREZ

Dois sujeitos, de alpercata e chapéu de palha, almoçam sob galhadas. O sossêgo sob o sol dá uma tranqüillidade, convida ao repouso.

Agora o mercado do Alecrim ficou para trás, e o ônibus avança pela estrada de paralelepípedos. O sotaque pesado e a gíria pitoresca cantam em tórno de mim: — “Eta, calor da moléstia!” Gente humilde, de pele escura, carregando maletas e sacos; lá na frente, numa placa ao lado do motorista, a advertência: “Ordem e Respeito”.

Pouco a pouco as casas se espaçam, substituídas pela vegetação rasteira — touceiras cobrindo o barro de um amarelo escuro, quase avermelhado. Afastamo-nos de Natal, e me acomodo melhor à janela para não perder a paisagem. Declives de areia pura vão morrer na estrada, e o sol lança reflexos no rio, aqui e ali recoberto pela verdura do mangue.

Reencontro a paisagem. O mundo adormecido de repente ressurge, como se nunca o tivesse deixado. Sinto que tudo me é familiar, sempre viveu dentro de mim. Além, o descampado verde, no centro de onde o braço de rio canalizado se estende. “As Quintas”. Lavadeiras, às dezenas, se amontoam na lavagem de roupa; mulheres de pano á cabeça, os movimentos ritmados das batidas da fazenda no cimento, o esfregar do sabão, a espuma escorrendo para a correnteza.

Uma curva na estrada — some-se o rio para logo reaparecer, com o seu azul sereno. A ponte sem balaustrada, onde meu pai passava de automóvel a caminho de Natal — faz vinte e tantos anos — e eu me diminuía, apavorado, temendo uma falha na direção. Mas as mãos rijas seguravam o volante com firmeza, a sua firmeza presente em tudo.

É curioso como detalhes me vêm, tão vivos. Enquanto avanço na estrada, eles crescem em nitidez — é como se a distância que havia entre mim e eles se eliminasse. De repente, me vem a sensação estapafúrdia de que vou recuando no tempo e de que, lá no fim da estrada, a infância me espera outra vez.

É uma sensação física, quase penosa. Já fiz dezenas de viagens para lugares mais remotos e mais fascinantes e não me recordo de ter experimentado semelhante emoção. Os olhos fechados, aspiro o ar da manhã azul e tenho a impressão de que com ele também absorvo um pouco de passado.



Reencontro a paisagem. O mundo adormecido de repente res-



O descampado verde, no centro de onde o braço de rio canalizado se estende. As Quintas. Lavadeiras, às dezenas, se amontoam na lavagem de roupa.



surge, como se nunca o houvesse deixado.



Vem-me a sensação de que vou recuando no tempo, e de que, lá no fim da estrada, a infância me espera outra vez.

Reconheço sítios, à medida que passam, mas sou incapaz de prever o que virá imediatamente depois. Entretanto, à visão de um catavento, de uma capela ou de um pomar a esconder um bangalô, sinto um estremecimento — algo se desanuvia — e me irrito de que não tenha podido antecipá-los. O bangalô ou a capelinha acode-me, exatamente igual a uma imagem retida dentro de mim. Distraindo-me a adivinhar o próximo ponto de referência — mas a memória emperra. Exaspero-me, como se me sentisse culpado, como se houvesse um desrespeito naquela traição da memória.

As casinhas humildes apontam. Fachadas de porta e janela, brancas, amarelas, com barras azuis e vermelhas. Reconheço a entrada de Macaíba. Daí a pouco, a uma volta do carro, o aparecimento do Jundiá me confirma a suposição. Do lado de lá fica o Vilar e o sítio — recordo-me. E sinto um contentamento em descobrir que ainda sou capaz de orientar-me — é como se me redimisse. Ergo a cabeça, procurando entrever, por cima dos telhados e da vegetação, a torre do meu castelo.

Desço na pequena estação. A ponte, a rua larga, a praça principal da cidade. Há quinze anos que não volto aqui; entretanto, tudo continua nos mesmos lugares, como se me esperasse. Apenas as fachadas pintadas, arrumadinhas, o paralelepípedo substituindo o antigo areal. Uma miniatura de cidade como numa maquete. E se percebo inovações — elas me parecem naturais — vejo o que esperava. O que me põe dúvidas de ter sido tudo isso — não retido pela memória, mas uma concretização ideal.

Certas modificações, entretanto, são sensíveis: o recanto arborizado que ladeava o rio foi transformado em praça, com bancos e vegetação citadina. Desapareceram as galhadas protetoras cobrindo o capinzal alto, abandonado, onde pastavam animais. O sol de onze horas bate em cheio no calçamento, reluz no fio d'água que escorrega no leito lodoso do rio. A ponte não é a mesma do meu tempo. Uma enchente derrubou a primitiva — informam-me — foi levantada uma nova, de madeira, que ruiu à passagem de um caminhão. Agora, foi construída uma outra, na administração do prefeito atual.

Lembro-me de um passeio de bote pelo rio. Homens e mulheres em trajes esportivos, a cantarem, numa algazarra. Sentado na borda do bote, meu pai parecia outro homem. Abandonara a sisudez e falava alto, exuberante. O movimento oscilante da embarcação me preocupava, estava a ponto de ver toda aquela gente arremessar-se n'água, a uma inclinação mais brusca. Incapaz de me divertir, agarrava-me às pernas de mamãe, apavorado.

Recordo-me também de uma aglomeração na praça ao lado do rio, tiros para o céu, gritos de vivas e morras. Em pé, numa janela, amparado por uns braços, eu olhava curioso o movimento incomum. Soube depois que era Juarez Távora, que vinha do norte, na sua revolução vitoriosa.

Vou seguindo pela rua Augusto Severo. Cada trecho, cada fachada, me traz uma lembrança. Ali está a casa onde morava a família Varela. Alcides era o carteiro, e dona Silvéria, simpática e sorridente, fazia flores de goma. Adiante, o sobrado onde funcionava o clube do Sete e um pouco mais além, o grupo Auta de Souza, onde nós todos estudamos. A visão me emociona. O edifício ainda é o mesmo, com sua fachada larga de oito janelas e o portão à direita. Crianças uniformizadas espalham-se pelo pátio, do outro lado das grades de ferro.

Seria capaz de, os olhos fechados, localizar cada sala, apontar o retrato de Auta de Souza na parede do gabinete. Entrávamos ali a medo, a fotografia da poetisa morta imprimia-nos terror. Seus olhos pareciam espreitar-nos, sua imagem enfeitara a sala, e ao atravessá-la, não podíamos evitar o arrepio.

As salas de aula, o pequeno quarto da poetisa transformado em cela para os mal comportados e em cuja penumbra se juravam escutar gemidos soturnos. Ao fundo, no recreio, o jasmineiro que a escritora plantou. Tudo estava impregnado de sua presença. Os versos que dona Melânia recitava ressoam ainda, vindos de muito longe:

"Tão longe a casa, nem sequer alcanço.

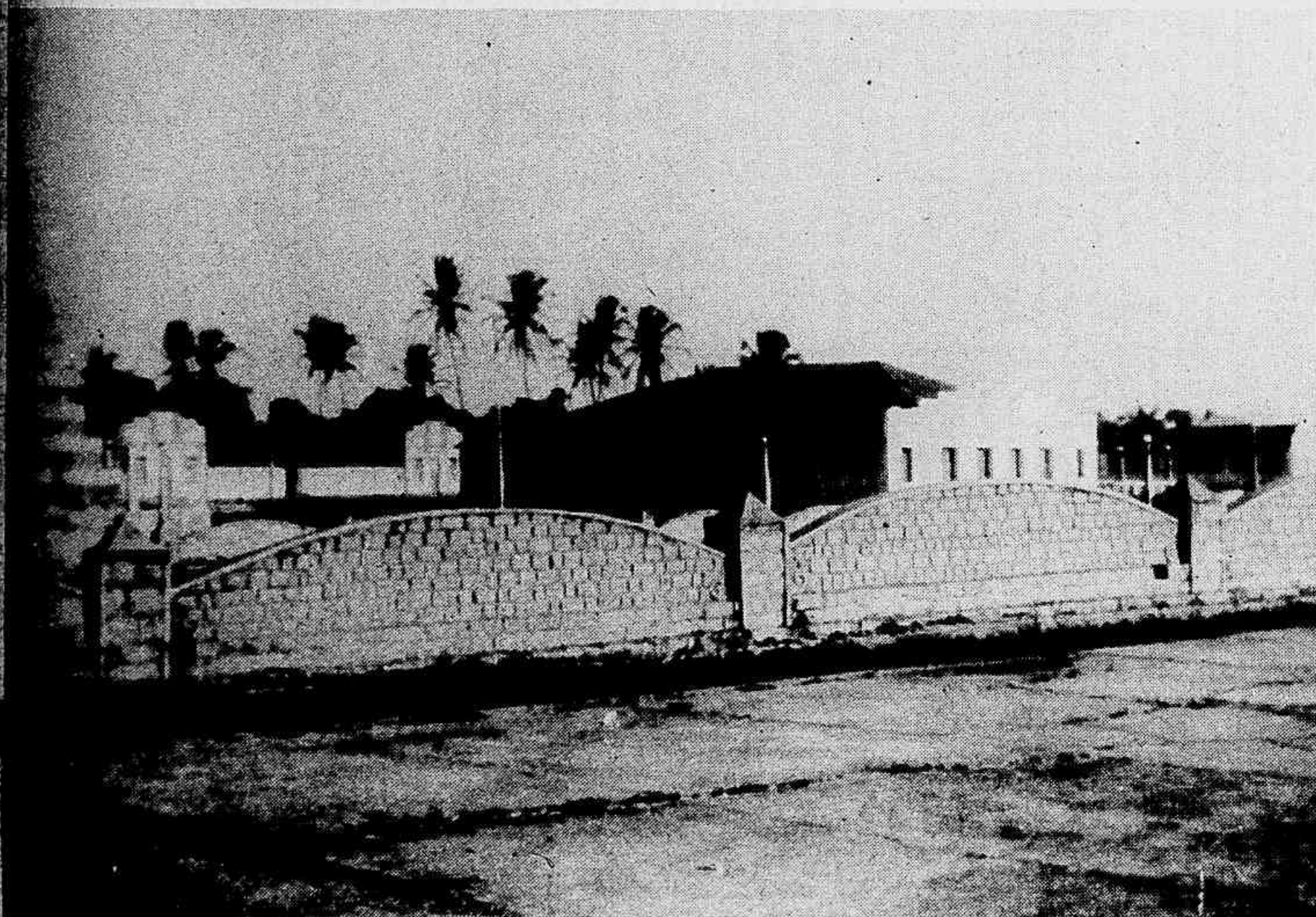
Ve-la através da mata..."

Dona Melânia ensinava Geografia e História Natural e dela recebi, aos cinco ou seis anos, as primeiras noções de botânica, ministradas ao vivo, nas excursões organizadas pelas redondezas — no sítio de seu Almir, no de meu pai. Dona Melânia tinha gestos suaves e fisionomia triste, e os grandes diziam que ela era infeliz.

Adiante, o sobrado de seu Torquato, residência de Augusto Severo, a outra celebridade da terra. Lembro-me vagamente de um baile de carnaval no sobrado — lembro-me ou alguém me contou? Embaçadas, chegam-me figuras de pares fantasiados, o som de uma marcha que nunca mais ouvi:

"Eu quero, eu quero,
Eu quero você prá mim..."

O passado revive. Mostram-me a casa onde nasci, na rua do Pernambuco. Uma casa de cinco janelas, com um portão ao



O recanto arborizado que ladeava o rio foi transformado em praça. Desapareceu o capinzal onde pastavam animais.



As manhãs ruidosas da feira de sábado, de potes, cheiro de café e milho assado.

lado, pintado de vermelho. Mas o prédio não me diz nada. Apenas nasci aqui, e dele não conservo nenhuma lembrança. Muito mais importantes o mercado, a matriz, a casa comercial do meu pai, o casarão onde me criei.

Continuo o caminho, no reconhecimento: sigo pela rua da Conceição, que desemboca na praça da Matriz. Lembro-me de uma procissão, a longa fila adiantando-se ao longe, os cânticos na noite, as lanternas oscilantes. Depois, uma coroação, meninas vestidas de anjo sobre os degraus do altar, som de música, e a chuva de pétalas sobre a imagem da santa. Ignoro a relação entre a procissão e a festa. Podem ter acontecido no mesmo dia ou com anos de intervalo. Tudo é vago, impreciso, envolto em brumas.

O grupo, com suas crianças espalhadas no pátio, ficou para trás, e a cidade agora parece mais abandonada. A rua se estende com suas casinhas baixas, de porta e janela. É curioso como tudo parece menor. De repente, encontro-me no centro comercial. Vultos encostados à porta da barbearia e do botequim observam-me o traje citadino. Dois sujeitos, de alpercata e chapéu de couro, descansam sob as galhadas de um ingazeiro, no largo do mercado. Aquêle sossêgo sob o sol dá uma tranquilidade, convida ao repouso. A cidade parece ainda mais abandonada com aquelas figuras estáticas a descansar sob as árvores. Uma melancolia. Entretanto, eu sentia uma emoção sacudir-me, e que me causava aflição.

Por trás da pasmaceira, qualquer coisa vibrava — sombras indistintas, há muito desaparecidas. As manhãs ruidosas na feira do sábado, comprimida na cruz formada pelas ruas Augusto Severo e da Conceição — homens e mulheres a se atropelar entre barracas, o chão recoberto de potes, quartinhas, pirâmides de frutas, sujeitos em paletó de pijama sobraçando embrulhos, cheiro de café e de milho assado, tendas com quinquilharias, pregões, vozes guturais, sons de realejo, e eu arrastado, de roldão, seguro pelas mãos de minha mãe.

Entro num bar. Rapazes se debruçam na mesa do bilhar, as camisas fora das calças. Numa das mesas, um crioulo almoça; usa camiseta e calça de uniforme de polícia. Quando me aproximo do balcão, êle levanta a cabeça e olha-me com curiosidade. Um grupo de rapazolas canta numa mesa ao fundo.

Acomodo-me, peço um gin. Os moços me olham — a gravata e o paletó atraem a atenção. Será que entre êles existe algum do meu tempo? Gostaria de identificar-me, dizer-lhes que nasci aqui.

Naturalmente, ninguém me reconhecerá. Mas não é impossível que alguns dêles tenham sido meus colegas de grupo. Converso com o dono do botequim — “Bar Penha” — José Figueiredo, um tipo miúdo, de barba rala. Nasceu no sertão e mora há vinte e cinco anos em Macaíba, onde iniciou a vida, como engraxate. No desejo de irmanar-me, libertar-me daquela opressão, pergunto-lhe se conheceu os antigos habitantes do sobrado do Vilar. O homem lembra-se de meu pai, de minha mãe, chega a dizer os seus próprios nomes e a recordar casos passados no sítio há vinte e dois, vinte e quatro anos. Aquêle borbolar de lembrança me comove e acabo por identificar-me. Conversamos muito tempo, nos intervalos de seu trabalho. Amparado em lembranças comuns, entabulamos uma longa conversa de reminiscências; pergunto-lhe por pessoas, nomes vagos que me chegam, e êle vai distribuindo destinos. Esse contato me alivia pouco a pouco, sinto que já não sou estranho naquele ambiente.

Figueiredo pergunta-me o que acho de Macaíba, aponta-me melhoramentos — o mercado, o obelisco, as ruas calçadas, com ingênuo orgulho. Entretanto, confessa também que o cine Juarez Távora cerrou suas portas, e que há oito meses falta luz na cidade.

As casinhas do Barro Vermelho se alongam numa fileira desalinhada. Moleques brincam no areal, velhos esquentam-se ao sol, mulheres amamentam os filhos, sentadas nos batentes das portas. E o bairro humilde. De um daqueles interiores chega-me uma canção dolente, que também embalou a minha infância.

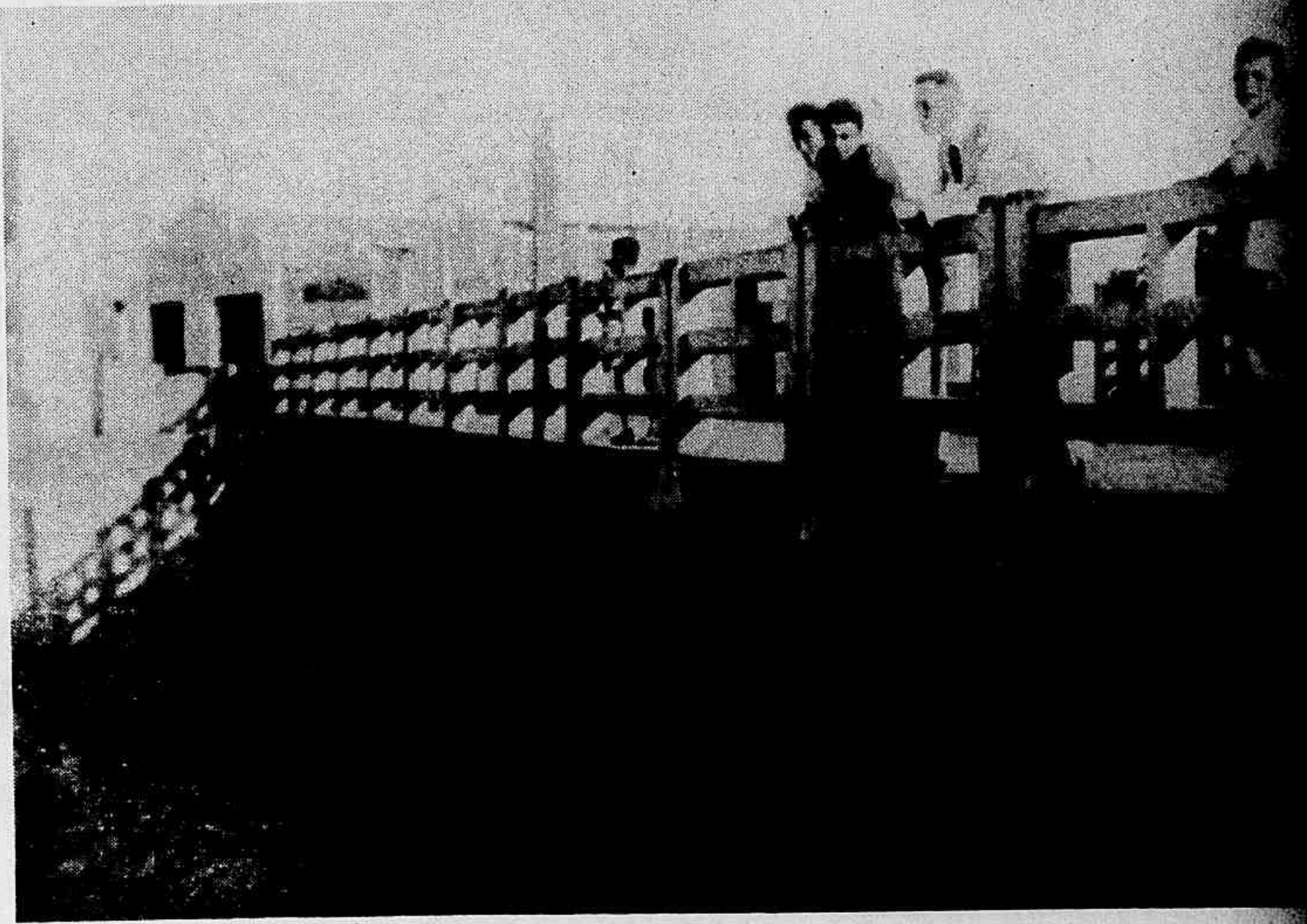
“O menino está com sono e quer dormir,
Faça a caminha no fundinho do barril...”

A música volta, traz o passado. Chô, chô pavão... A voz de minha mãe a embalar-me na rede, na quietude do sobrado... Lá embaixo, a cidade se esprala sob a claridade do meio-dia, e eu a vejo nos seus limites — à direita as tôrres quadradas da Matriz, à esquerda o arvoredado espesso, e ao fundo, depois do rio, a estradinha coleante que vai dar no Vilar, onde fica o nosso antigo sítio.

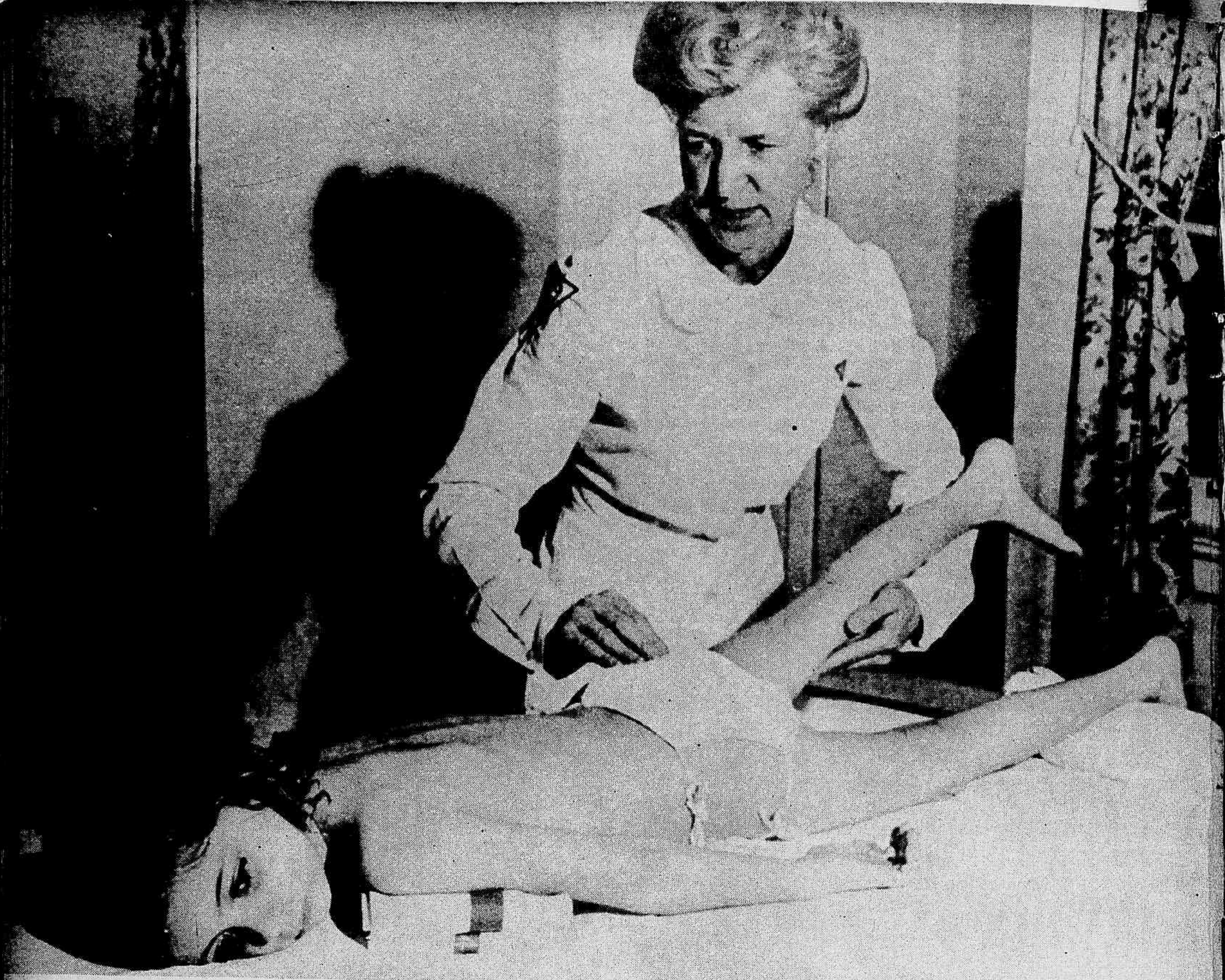
Sinto uma emoção. Aquela obscura sensação experimentada na viagem de que a infância se chegava e que a encontraria aqui, retorna, obsedante. Ela me espera, além do rio, no fim da estrada — digo, quase com convicção. Olho o ponto no horizonte, embalado pela idéia. A cidade se enevoa — apenas existe o sobradão a acenar-me. E é êle, agora, o meu destino.



na rua Augusto Severo. Chão recoberto



A nova ponte, sobre o Jundiá, deu outra fisionomia à entrada de Macaíba. Mas as águas passam como antigamente.



A SEMANA TAMBÉM DEIXOU ESTAS LEMBRANÇAS

64 — REVISTA DA SEMANA

SURTO DE PARALISIA NA CIDADE — Um terrível surto de poliomielite que se alastrou pelo Rio, lançou o terror na população. 52 casos agudos foram registrados no último mês e, agora, mais 21 tornam a ser registrados — dois deles de consequências mortais. Os postos da Secretaria de Saúde foram invadidos por pais alarmados, que levaram seus filhos para serem vacinados com a "Salk", tendo causado certa tranquilidade a notícia de que o estoque existente da vacina milagrosa daria não apenas para o consumo, mas para vacinar o duplo de toda a população do Distrito Federal, caso isso viesse a ser necessário. Apelos eloquentes foram feitos pelas autoridades sanitárias, atentando os pais de procurarem, o quanto antes, os postos sanitários, para a vacina gratuita. A moléstia se inicia como uma gripe vulgar, pode se encontrar ainda mais propagada do que realmente se pensa. As centenas de crianças de 7 meses a 7 anos que compareceram, levadas por suas famílias, aos postos da Prefeitura, ainda não tinham sido vacinadas. Os hospitais estão lotados.

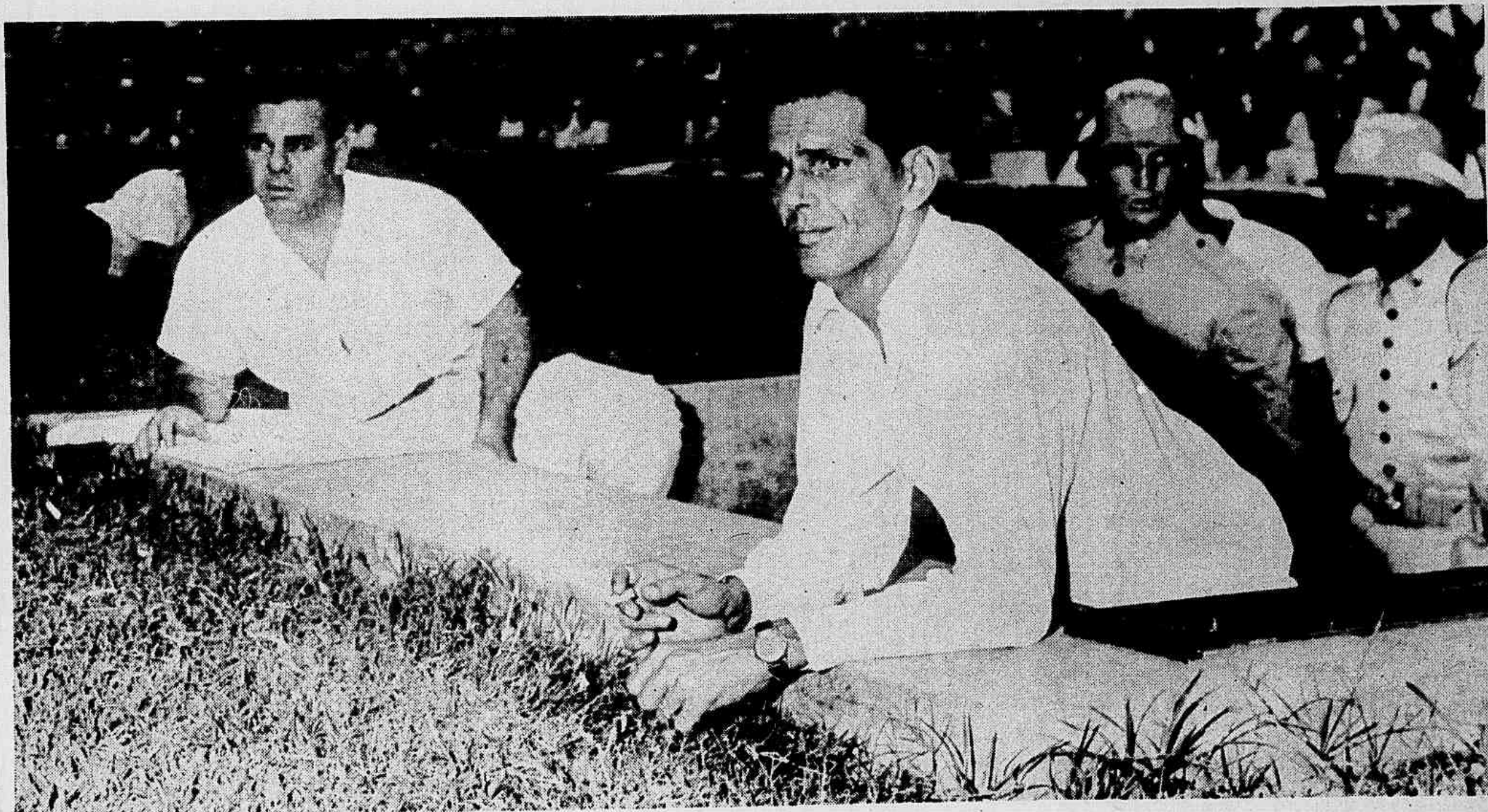
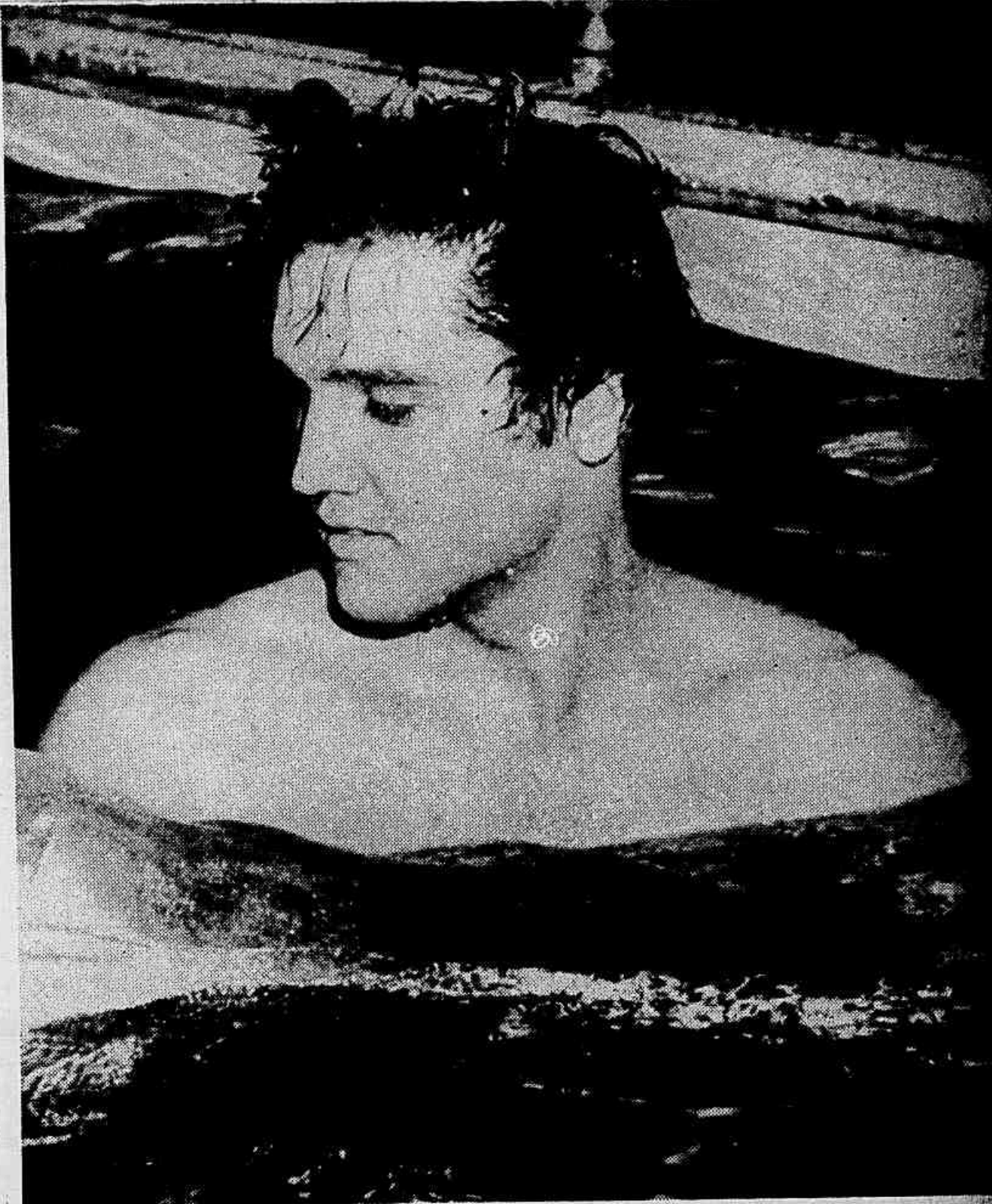
A poliomielite, que com tanta violência vem grassando entre a população infantil do Rio, aparece sob uma de suas formas mais dolorosas: a respiratória, que ataca os pulmões, dificultando a respiração da criança.

31 postos de vacinação foram postos a disposição do carioca. Os casos mais numerosos foram encontrados na Baixada Fluminense (Caxias, Austin, Nilópolis, Nova Iguaçu). E como a maioria de crianças internadas em outubro, no Hospital Jesus (para casos graves) provinha daquelas localidades, parece exata a informação do dr. Guilherme Romano, Secretário de Saúde e Assistência, de que se encontra, ali, o foco da epidemia. Informou ainda Romano que, nos 73 casos agudos de poliomielite atendidos nos últimos 40 dias, não havia nenhuma criança vacinada com Salk.

PRESLEY, "VIGARISTA DA MELODIA" — Na Alemanha, ou, mais exatamente, na pequena cidade de Fiedberg, onde se encontra fazendo o serviço militar, como participante da 3.^a Divisão Blindada do Exército Americano, tem Elvis Presley dado, à sua revelia, pano para as mangas do noticiário internacional. Na verdade, é bem compreensível que "The Pelvis" cause transtorno numa pequena cidade da Alemanha — cidade que já ninguém chama pelo seu próprio nome, e sim por "Presleytown". As lojas atulharam as suas montras de fotografias e discos do cantor, e a notícia das atividades de Presley, e a possibilidade de ser visto em carne e osso incentivaram o turismo do local e suas redondezas. Chegou a ser organizado, no acampamento onde se encontra Presley, um departamento de publicidade onde podem ser tomadas uma série de informações para satisfazer a curiosidade de seus admiradores ou da simples imprensa. Presley come bem? Presley gosta de verduras? Realiza bem os seus deveres de soldado? Como ficou, depois de raspar as suas famosas costeletas? Canta nas horas de folga? Traz consigo a sua famosa guitarra? Faz a roupa de sua própria cama? Como é recebido por seus colegas? Os jornais alemães divulgam, em detalhes, os menores passos de Presley. E tal tem sido a reação, que as publicações comunistas chegaram a denunciar o cantor como "um instrumento psicológico dos provocadores da guerra do Ocidente".

Mas a notícia mais pitoresca é a de que, para servir a Pátria, vem Presley causando um grande prejuízo a Tio Sam: o prejuízo motivado pela ausência das fortunas que os fabulosos ordenados do jovem cantor canalizava para o Tesouro Americano, através de impostos. É óbvio que o impôsto que recai nos 20 dólares que ele agora recebe de sôldo não as substituem de maneira alguma.

Dizem ainda as notícias que Elvis, apesar de estar pegando no pesado, se mostra satisfeito, no hotel onde se encontra, acompanhado de pessoas da família.



O JUIZ SOLTOU SALDANHA — Em virtude de um processo de 1956 em que figura como réu, sendo reincidente específico (agressão física), o treinador-dirigente João Saldanha, do Botafogo, teve sua prisão decretada pelo juiz Manoel Cerqueira, da 2.^a Vara Criminal. Como a prisão foi ordenada numa quarta-feira da semana do Botafogo x Flamengo, o caso teve enorme repercussão. João Saldanha é considerado pelos jogadores do Botafogo, como uma espécie de dr. Carvalhais — é o amigo, o técnico que dá

moral. A perspectiva de sua ausência no vestiário do Maracanã, no domingo, causou pânico à torcida alvinegra.

O juiz Manoel Cerqueira, a quem de início se atribuía a condição de flamenguista de corpo e alma, surgiu nas páginas dos jornais declarando enfaticamente que estava neutro no caso, que era Fluminense e que aliás estava muito satisfeito com seu time. No fim das marchas e contra-marchas João Saldanha acabou tendo sua prisão relaxada e voltou à boca do túnel.



MARIA CALAS EXPULSA DO METROPOLITAN — Dos Estados Unidos, chega-nos a notícia de que o grande soprano Calas foi expulsa do Metropolitan Opera House. Explicou o diretor Rudolf Bing ter tomado tal decisão por pretender a famosa cantora modificar, a seu bel prazer, as condições do contrato. O telegrama com a comunicação da notícia foi enviado a Calas, que se encontra atualmente no Texas.

A cantora, que freqüentemente surge nas manchetes internacionais pelas suas atitudes absurdas e explosões temperamentais, já fôra expulsa, o ano passado, da Ópera de Viena e da Ópera de São Francisco.

O FARDÃO DE IVAN LINS — Negou a Câmara Municipal aprovação ao projeto de Frederico Trotta, que autorizava o Prefeito a abrir um crédito de Cr\$ 150.000,00 para a aquisição do fardão a ser oferecido ao acadêmico Ivan Lins. Não há dúvida de que seria essa uma bela homenagem que a cidade prestaria ao escritor, eleito em meados do ano para a Academia Brasileira, homenagem que se fazia ainda mais justa por ser o acadêmico, também, Ministro do Tribunal de Contas do Distrito Federal. Mas a não aprovação do projeto é baseada, justamente, nesse detalhe. Relator do orçamento municipal de 1956, e sempre rigoroso na utilização das verbas, clamara Lins, em seu voto, a liberdade com que a Câmara malbaratara o dinheiro em subvenções de finalidade eleitoreira. E agora a Câmara, num golpe baixo, se decide a tomar as suas represálias: não seria a doação desses Cr\$ 150.000,00, para a compra de um fardão, contrária aos interesses do povo? Certamente o próprio Ivan Lins assim o consideraria... Negaram o fardão; e votaram o aumento de seus próprios subsídios...

Notícias posteriores nos chegam: a de que o Ministro dirigiu telegrama ao autor do projeto, explicando que, se acatara desvanecido a iniciativa, a si mesmo jurara que recusaria o presente, caso houvesse alguma voz dissonante na votação do projeto. Impugnado por 13 vereadores, em vez de um, Lins foi coerente: solicitou, pelo telefone, para que Trota não insistisse no mesmo. Não sendo atendido, voltou ao assunto, afirmando que, mesmo na hipótese do projeto ser finalmente aprovado, ele recusaria o fardão. E terminou: mesmo que não tivesse outro meio de adquiri-lo, seria preferível jamais empossar-me na Academia a fazê-lo através de uma doação realizada em nome do povo



BELLINI: MAIS UMA POMBA — O êxodo dos craques brasileiros para a Espanha continua ocupando em pêso as manchetes esportivas. Depois de Vavá, Wilson Moreira, Recaman, agora é Bellini, a pomba que se vai. O capitão Hilderaldo Luiz Bellini, campeão do mundo e peça mestra da retaguarda do Vasco da Gama. O empresário espanhol Boghossian chegou no Rio, conversou amavelmente com os dirigentes vascaínos, fez propostas ao jogador. O Vasco lucraria 75 mil dólares com a história. Comentário de Bellini sobre o negócio: "Só um louco perderia esta oportunidade. Na Europa raramente se interessam por zagueiros. Eu tive esta sorte. Não posso abandoná-la".



carioca, sem que, entretanto, a ela houvessem aderido todos os seus ilustres representantes na Câmara. Seu apêlo — conclui — é categórico e definitivo. Diante do peremptório de tais palavras, a solicitação foi finalmente atendida, e o projeto retirado definitivamente.

SERVIÇO

é um outro produto
Esso de qualidade!



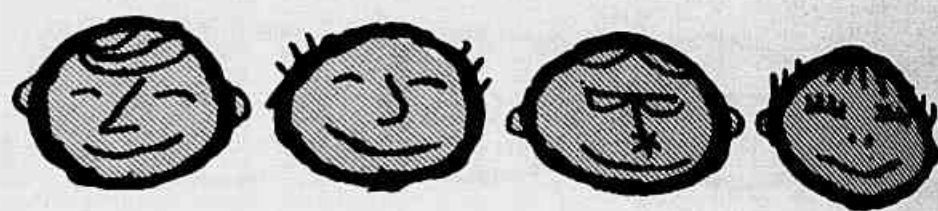
Além dos produtos Esso e Atlas, mundialmente famosos pela excelência de sua qualidade, o seu Revendedor Esso é o *único* homem habilitado a oferecer a você e a seu carro outros produtos Esso de qualidade: os Serviços Esso! Tire a prova você mesmo. Reabasteça sempre seu carro num Pôsto de Serviço Esso. Observe a atenção que o seu

Revendedor Esso dispensa a você e a seu carro. Ele verifica o nível de óleo do cárter... examina a correia do ventilador... calibra os pneus... abastece o radiador... verifica a bateria... limpa o pára-brisas... e tudo isso com um cuidado e uma cortesia que fazem você sentir que, de fato... Serviço é um outro produto Esso de qualidade!



SÓ ESSO DÁ AO SEU CARRO O MÁXIMO!

TODOS SABEM:



EU SEI TUDO

a revista que

TUDO SABE · TUDO CONTA · TUDO EXPLICA

REDAÇÃO: RUA VISCONDE DE MARANGUAPE, 15 — RIO